

Andreia Daniela de Sousa Moreira

2º Ciclo de Estudos em Sociologia

Som tão Porto:
Pilares de formação de uma cena verdadeiramente alternativa

2014

Orientador: Professora Doutora Paula Maria Guerra Tavares

Classificação: Ciclo de estudos:

Dissertação/relatório/Projeto/IPP:

Versão definitiva

*Ao meu avô,
porque sou parte de ti e tu és grande parte daquilo que sou,
esta será sempre uma parte de nós.*

Resumo

Nos últimos anos, tem-se assistido a um movimento de revalorização social da cidade e dos seus centros históricos. A paisagem urbana encontra-se em mudança, muito por culpa da dinamização de cenas musicais: os exemplos de Manchester, Seattle, Liverpool, Olimpo ou Montreal são paradigmáticos e elementos constituintes dos imaginários urbanos contemporâneos. Motivados por esta realidade, nesta Dissertação, analisamos, interpretamos e compreendemos o impacto dessas dinâmicas na Baixa portuense. Interessamo-nos por compreender a Baixa da cidade e as sonoridades que decorrem dos seus recentes processos de requalificação e renovação urbana. Reconhecemos a importância das dinâmicas de recomposição sonora e musical da Baixa do Porto na reconfiguração de novos usos da cidade, novas práticas de *saída*, novos negócios criativos, novas identidades e modos de viver a cidade, enfim, a *nova cidade*.

Apostamos numa investigação de carácter misto, com maior predominância qualitativa, capaz de escutar e dar voz aos protagonistas artístico-musicais destas mudanças recentes, mas também aos fruidores das sonoridades e cenários desta nova urbe. Este esforço foi ainda situado na exploração de atmosferas urbanas fundadas na estetização e musicalização do quotidiano, pela invasão do simbólico, do alegórico, das imagens e dos signos, responsáveis pela paisagem sonora da Baixa do Porto, e não foi descurado o esbatimento da oposição entre a arte e a vida quotidiana. Assim, e através da aplicação do conceito de cena musical, situados na confluência entre a sociologia urbana, da cultura e das artes, procuramos reconstituir e compreender sociologicamente a cena portuense na sua historicidade e contemporaneidade.

Palavras-chave: Cena musical, Paisagem sonora, Baixa do Porto, Regeneração urbana, Fruição lúdica e musical.

Abstract

In recent years, there has been a movement of social upgrading of the city and its historic centers. The urban landscape is changing, thanks largely to the energizing music scenes: Manchester, Seattle, Liverpool, Olympus or Montreal are paradigmatic examples and constituent elements of contemporary urban imaginary. Motivated by this fact, with this project, we analyze, interpret and understand the impact of these dynamics in Porto's downtown. We are interested in understanding this area of town and the sounds arising from their recent processes of urban renewal and redevelopment. We recognize the importance of the dynamics of sound and music recomposition of Porto's downtown in the reconfiguration of new uses of the city, new practices outgoing, creative new business, new identities and ways of living the city, finally, the new city.

We invest in research of mixed character, with more qualitative predominance, able to listen and give voice to the artistic and musical protagonists of these recent changes, but also consumers of sounds and scenery of this new city. This effort was still situated in the exploration of urban atmospheres founded in music education and aestheticization of everyday life, by the invasion of the symbolic, the allegorical, the images and signs, responsible for the soundscape of downtown Porto, was also not neglected the blurring of the opposition between art and everyday life. So, by applying the concept of the music scene, situated at the confluence of urban sociology, culture and arts, we seek to reconstruct and understand the sociologically Porto scene in its historicity and contemporaneity.

Keywords: Musical scene, Soundscape, Porto's downtown, Urban regeneration, playful and musical fruition.

Resumé

Au cours des dernières années, il ya eu un mouvement de modernisation sociale de la ville et de ses centres historiques. Le paysage urbain est en train de changer, grâce, en grande partie, aux scènes musicales d'excitation: Manchester, Seattle, Liverpool, Olympus ou Montréal sont des exemples paradigmatiques et les éléments constitutifs de l'imaginaire urbain contemporain. Motivé par ce fait, avec ce projet, nous avons analysé, interprété et compris l'impact de ces dynamiques dans le Porto faible. Nous sommes intéressés par la compréhension de ce quartier de la ville et les sons provenant de leurs processus récents de rénovation urbaine et de réaménagement. Nous reconnaissons l'importance de la dynamique du son et de la musique de restauration du centre-ville de Porto dans la reconfiguration de nouveaux usages de la ville, nouvelles pratiques sortants, nouvelle entreprise de création, de nouvelles identités et les façons de vivre la ville, enfin, la nouvelle ville.

Nous investissons dans la recherche de caractère mixte, avec prédominance qualitative, capable d'écouter et donner la parole aux protagonistes artistiques et musicales de ces changements récents, mais aussi les consommateurs de sons et des paysages de cette nouvelle ville. Cet effort a été encore situé dans l'exploration des atmosphères urbaines sur la base du esthétisation de la vie quotidienne et l'éducation musicale, par l'invasion de l'symbolique, l'allégorique, les images et les signes, responsable de l'environnement sonore du centre-ville de Porto. Nous avons également observé le flou de l'opposition entre l'art et la vie quotidienne. Ainsi, en appliquant le concept de la scène musicale, située au confluent de la sociologie urbaine, la culture et les arts, nous cherchons à comprendre et reconstituer la scène de Porto dans son historicité et la contemporanéité.

Mots-clés: Scène musicale, Ambiance sonore, Centre-ville de Porto, Régénération urbaine, Fruition ludique et musicale.

Sumário

Resumo	III
Abstract	V
Resumé	VII
Sumário	IX
Lista de figuras	XI
Lista de quadros	XI
Lista de Siglas/Acrónimos	XII
Um percurso intencional pela cidade	1
1. Baixa do Porto: passos de uma cronotopia musical alternativa	7
1.1 Fundamentos e opções.....	7
1.2. Porto 2001 - As bases para a dinâmica atual da Baixa.....	12
1.3. So cool, so lovely – A Baixa hoje nos seus espaços e tempos	15
2. Cenas, momentos, música e cidade	21
2.1. Cidade, centros históricos, requalificação cultural, dinâmicas artísticas e sons.....	21
2.2. Os sons das cidades	23
2.3. Cenas musicais urbanas	25
2.3.1. Génese e consolidação do conceito.....	25
2.3.2. Cenas locais, translocais e virtuais.....	28
2.4. Ensaio da cena musical portuense: continuidades e ruturas	30
2.5. Banda sonora da Baixa do Porto: construção e desconstrução.....	34
3. Search and destroy: olhares e métodos	39
3.1. À procura de um objeto	39
3.2. Uma pluralidade de ferramentas.....	41
3.3. Uma estratégia para olhar a cidade.....	47
4. Cena musical portuense: atores e dinâmicas num lugar falado.....	49
4.1. Os discursos do lado da produção	49
4.2. Os discursos do lado da divulgação	59
4.3. Os discursos do lado da fruição.....	68
5. Paisagens, afetos e tempos: a noite na Baixa do Porto.....	75
6. Uma proposta de banda sonora da Baixa do Porto.....	89
Conclusões.....	95

Bibliografia	99
Monografias	99
Artigos e contribuições em monografias	101
Artigos e contribuições em revistas científicas	103
Jornal Público – Notícias.....	106
 Anexos	 111
1. Notícias no Jornal Público sobre a Baixa do Porto	113
2. Guião da entrevista.....	117
3. Entrevistas - Análise de Conteúdo (categorias de análise).....	125
3. Bilhete de Identidade dos entrevistados	129
4. Inquérito por questionário	133

Lista de figuras

Figura 1 - Principais zonas de intervenção na cidade do Porto, no âmbito do “Porto 2001”	14
Figura 2 – Rua da Galeria de Paris.....	18
Figura 3 – Bilheteira do Passos Manuel; Sala de Concertos do Plano B; Salão Nobre do Maus Hábitos (da esquerda para a direita)	31
Figura 4 - DJ set no Plano B e reações do público.....	53
Figura 5 - DJ set no Plano B (em cima) e no Maus Hábitos (em baixo).....	55
Figura 6 - Interior do espaço Passos Manuel.....	61
Figura 7 - Bola de luzes na Sala de Concertos do Maus Hábitos	63
Figura 8 - Momentos de lazer e consumo no Plano B.....	71
Figura 9 - Sala de Concertos do Maus Hábitos, em noite de atuação.	80
Figura 10 - Um espaços, duas imagens. Fotografias dos bares do Plano B (em cima o bar do piso 0, em baixo o bar do piso -1).....	83
Figura 11 - Espaços mais frequentados pelos nossos inquiridos, na Baixa do Porto.	84
Figura 12 – 4 Paisagens Sonoras na Baixa do Porto	90
Figura 13 - Praça de Parada Leitão (frente do Café D’ouro).....	91
Figura 14 - Travessa de Cedofeita (frente do espaço Canhoto)	92
Figura 15 - Rua da Galeria de Paris	93
Figura 16 - Rua de Passos Manuel (frente do espaço Maus Hábitos)	94

Lista de quadros

Quadro 1 – População residente na Baixa do Porto (com 65 ou mais anos e com idades entre os 20 e os 24 anos).	10
Quadro 2 – Enquadramento das notícias em temáticas e subtemáticas.....	15
Quadro 3 – Desenho de uma abordagem.....	41
Quadro 4 - Amostra das entrevistas semiestruturadas.....	44
Quadro 5 - Amostra do inquérito por questionário	45
Quadro 6 – Rede técnico-metodológica	46
Quadro 7 – Idade dos inquiridos, por intervalos.	76
Quadro 8 – Escolaridade dos inquiridos (último grau de ensino completo)	77
Quadro 9a – Inquiridos a exercer uma atividade profissional remunerada	78
Quadro 9b – Situação profissional do inquirido.....	78
Quadro 10 – Razão que motiva a frequência do espaço.....	79
Quadro 11 – Meio através do qual tomou conhecimento do espaço	81
Quadro 12 – Estética associada aos espaços, tendo em conta o género dos inquiridos.	82
Quadro 13 – Fatores que poderão ter despertado a movida na Baixa do Porto.....	86

Lista de Siglas/Acrónimos

STCP – Sociedade de Transportes Colectivos do Porto

TAP – Transportadora Aérea Portuguesa

Um percurso intencional pela cidade

If I turned back time I would do it again

But times right now I wouldn't change a thing

To live your life under nobody's rules

You learn to win but sometimes you lose. X-Wife (2008) - *Good Times*.¹

Nunca como nos últimos anos, a Baixa do Porto assistiu a um tão intenso movimento de revalorização social. Novos espaços culturais, lúdicos, musicais e comerciais surgiram e o discurso público rapidamente os relacionou com a reabilitação das áreas devolutas do centro da cidade. Assim, partilhamos da constatação de Carlos Fortuna de que “a cidade não é uma coisa. Ela reconhece-se simultaneamente como real e representacional, como texto e como contexto, como ética e como estética, como espaço e como tempo, socialmente vividos e (re)construídos.” (Fortuna, 1997: 4). Foi esta a constatação inicial que levou ao percurso a que vos convidamos a fazer nesta Dissertação.

À semelhança do que aconteceu em lugares como Manchester, Seattle, Liverpool, Olimpo ou Montreal, a dinamização de cenas musicais foi também aqui tomada como mola propulsora para as alterações na paisagem urbana. Estabeleceram-se *atmosferas* de fruição urbana de natureza musical e de perfil cosmopolita: “os perfis urbanos modificaram-se drasticamente: com as recomposições da textura social, cultural e urbanística das metrópoles (como a gentrificação) emerge, em lugar da cidade de outrora, a cidade dos consumos e das fruições onde avulta o papel cada vez mais central da cultura (produção simbólica) no conjunto das actividades económicas e o surgimento de renovados estilos de vida” (Guerra, 2010: 935).

À cultura foi entregue o papel de atrair, não só novos residentes, mas também novas actividades económicas, turismo e investimentos. Os projetos culturais-musicais, ou então híbridos, se optarmos por uma designação “pós-moderna”, representam o “novo nervo” que a cidade precisa e alimenta, o “novo fôlego” para um centro urbano afetado pela desindustrialização e pela desvitalização demográfica, e os artistas-músicos-fruidores recebem um papel de dianteira no processo de reabilitação e regeneração da Baixa. Valerá a pena deter-nos um pouco mais neste enfoque à cultura. Relativamente à viragem da sociologia para o domínio da cultura, destaca-se que até meados da década de 1970, o

interesse sociológico pela cultura e pelas artes era considerado como excêntrico, diletante e marginal. Nesta esteira, acentuavam-se as clivagens entre os sociólogos que se interessavam pelas artes e os críticos literários e os historiadores de arte que consideravam a sociologia como irrelevante para a compreensão do domínio da cultura. Um dos indícios do esbatimento das clivagens entre os campos consistiu no aparecimento de uma diversidade de jornais que no mundo anglo-saxónico passaram a contemplar as teorizações da cultura, desde os anos 70 (Cfr. Featherstone, 1991). Daqui, assiste-se também a uma descontextualização da tradição e ao descentramento nos sujeitos que apreciam a experimentação e fruem da moda e da estetização da vida à medida que deambulam pelo “não-lugar” dos espaços urbanos pós-modernos: “Existem laços fortes e cross-overs entre o projecto de estetização e estilização da vida quotidiana por parte desses grupos e a tradição romântica e boémia da escola de arte que alimentou a música rock desde os anos 60, e que procurou de diferentes modos transgredir/esbater as fronteiras entre a arte e a vida quotidiana”. (Featherstone, 1991: 66). No que concerne ao crescente interesse pelas culturas urbanas e pelos estilos de vida ‘pós-modernos’, aventa-se que as cidades sempre tiveram cultura no sentido em que produziram produtos culturais distintos, artefactos, edifícios e estilos de vida também eles distintivos. Numa acepção mais culturalista, constata-se que a própria organização espacial, o *layout* dos edifícios podem constituir uma manifestação de códigos culturais específicos.

Dentro desta “viragem”, e com o objetivo de compreender a Baixa da cidade e as sonoridades que decorrem dos seus recentes processos de requalificação e renovação urbana, tomamos como questão de partida a necessidade de reconhecer a importância das dinâmicas de recomposição sonora e musical da Baixa do Porto na reconfiguração de *novos* usos da cidade, *novas* práticas de *saída*, *novos* negócios criativos, *novas* identidades e modos de viver a cidade, enfim, a *nova cidade*, e orientamos toda a investigação de forma a conseguir responder aos objetivos que elencamos:

- (1) Identificar as dinâmicas culturais, lúdicas e musicais que têm sido associadas à Baixa portuense nos últimos sete anos através da análise de notícias avançadas pelos media.
- (2) Avaliar os impactos dessas mudanças do ponto de vista económico, cultural, artístico e social, pelo número de espaços, eventos, obras artísticas e dinâmicas/projetos musicais.

¹ Todo o percurso foi feito na companhia de músicas de artistas portuenses, com o anseio de conhecer em profundidade o trabalho destes produtores ligados à cena portuense e perceber a forma como ambos se relacionam.

- (3) Focar o olhar em espaços de fruição cultural e musical do ponto de vista da oferta e procura, situando-os no espaço-lugar-musical da cidade.
- (4) Avaliar a importância da música na constituição dessas atmosferas e cenas de produção e fruição urbanas.
- (5) Analisar e compreender os componentes das cenas musicais estabelecidas, aferindo atores, processos, metodologias de intervenção, espaços, obras e manifestações.

É em busca de uma interpretação do urbano que nos lançamos na desafiante tarefa de lhe dar uma banda sonora e consequente interpretação. Conscientes da dificuldade de traduzir toda a sua complexidade em representações espaciais, não deixamos de reconhecer as mais-valias desse mesmo exercício que nos permite, antes de mais, apercebermo-nos da importância do espaço na compreensão da realidade que nele se espelha. Na verdade, o espaço pode ser assumido como um ponto de vista mediante o qual se atribui sentido às complexidades do mundo, tornando-se pois essencial em cada vez mais campos de estudo e despoletando o ressurgimento do interesse pela cidade e de um pensamento crítico sobre o espaço – espacialização das ciências sociais. Com efeito, “não há talvez momento mais apropriado do que o actual para desenvolver uma tal consciência crítica urbana e espacial, mais do que anteriormente, agora somos todos urbanistas.” (Soja, 2003:280), sendo reconhecido o carácter do espaço enquanto “locus” de diferenças, subjectividades e interacções que têm na cultura, nos seus sons e dinâmicas um foco central. Não existe melhor exemplo a este respeito do que a iniciativa *D’Bandada* que tem vindo a percorrer a Baixa do Porto nos últimos anos. Dezenas de concertos espalham-se por espaços únicos da Baixa da cidade. Aqui toda a cena entra em movimento: os músicos da “casa” são privilegiados no momento do desenho do cartaz, as praças mais emblemáticas, assim como os espaços que se dedicam à cultura e à música, são tomados como palcos para as actuações e, não será exagerado dizer, que alguns milhares de pessoas, cuja sua identidade compreende uma ligação com a música, compõem o local com uma bela moldura humana. No dia em que a *D’Bandada* acontece, toda a cidade se move para e pela música.

Porque também nós nos movemos por esta cidade, levados pela força da música, a adoção desta realidade como tema desta Dissertação foi um estímulo para a concretizar. A proximidade ao local, assim como a frequência com que o visitamos, aliada à familiaridade com os espaços e ao imenso gosto pela música, todos estes fatores combinados contribuíram para que a entrega à investigação fosse a maior possível, a melhor conseguida. Toda a

informação que alcançamos, com o propósito de materializar este percurso, será apresentada ao longo dos próximos capítulos.

No capítulo *Baixa do Porto: passos de uma cronotopia musical alternativa* são exploradas e fundamentadas as motivações que nos levaram a tomar este assunto como tema da dissertação. Apresentamos a nossa questão de partida, os nossos objetivos, tomamos os exemplos de Manchester e Seattle e aproximamos os mesmos à realidade portuense, olhamos o Porto 2001 e procuramos nele as bases para a atual dinâmica na Baixa e contextualizamos o nosso objeto de estudo, apresentando os resultados de uma consulta aos jornais do Público, durante um período de 6 anos (Setembro de 2006 a Setembro de 2012).

O segundo capítulo - *Cenas, momentos, música e cidade* - é o lugar onde abordamos sucintamente noções teóricas, como as cenas musicais e as paisagens sonoras são exemplo. Ensaíamos a cena musical portuense, apresentando os três espaços que constituem o nosso objeto de estudo (Passos Manuel, Maus Hábitos e Plano B) e construímos e desconstruímos a banda sonora da Baixa do Porto.

Search and destroy: olhares e métodos - é o nome que toma o capítulo onde procuramos definir com clareza o nosso objeto de estudo e desenhamos hipóteses para o testar. Reunimos e apresentamos as ferramentas para o abordar, bem como justificamos o relevo atribuído ao exercício de olhar a cidade.

O quarto e o quinto capítulo - *Cena musical portuense: atores e dinâmicas num palco em movimento & Paisagens, afetos e tempos: a noite na Baixa do Porto* - são, respetivamente, os pontos onde se apresentam os resultados das entrevistas e dos inquéritos. Se no primeiro procuramos nos discursos dos nossos entrevistados sustento para as nossas hipóteses, no segundo seguimos desenhando um perfil para o público dos espaços que estudamos.

O sexto capítulo é aquele onde apresentamos as conclusões a que chegamos, aquele onde confirmamos ou infirmamos as hipóteses que levantamos no decurso da investigação. Apesar de ser este o capítulo das considerações finais, não é este o último ponto desta dissertação. Há um último capítulo, o sétimo, onde avançamos com uma proposta de banda sonora para a Baixa portuense.

Apresentado o conteúdo dos próximos capítulos, este não poderia ser fechado sem aqui serem feitos alguns agradecimentos. Agradeço aos donos dos espaços abordados, por me

terem permitido entrar e ver a cena que ajudaram a construir. Aos entrevistados, pelo tempo e histórias que, com entusiasmo e confiança, comigo compartilharam. A todos os que me conduziram até esses momentos de entrevista. Ao Diogo Ribeiro, por ter tornado possível incorporar nesta Dissertação saberes que vão além dos que a Sociologia oferece e tem para oferecer. Aos colegas, que comigo refletiram e discutiram este percurso. Aos meus amigos que sempre acreditaram em mim e me estimularam com palavras de conforto e incentivo. À minha orientadora, Professora Doutora Paula Guerra, pela sua orientação, apoio e total disponibilidade. A ela agradeço também o saber que me transmitiu, as opiniões e as críticas, que só me levaram por um caminho melhor. Agradeço-lhe sobretudo a amizade que, pessoalmente, tanto me orgulha. Por fim, agradeço aos meus pais e irmã, por serem, para mim, modelos de coragem, exemplos a seguir. Para todos eles, um sincero e sentido obrigada!

1. Baixa do Porto: passos de uma cronotopia musical alternativa

Dá-me um irreal, um imaginário...dá-me um irreal

Dá-me um ideal, um ar ilusório...dá-me um ideal. BAN (1988) - *Irreal Social*.

1.1 Fundamentos e opções

O discurso público torna consensual a ideia de que a reabilitação das áreas devolutas dos centros das cidades e o surgimento de novos espaços culturais, lúdicos, musicais e comerciais nesse mesmo local são fenómenos que estabelecem entre si uma forte e recíproca relação de causalidade no que diz respeito ao estabelecimento de *atmosferas* de fruição urbana de natureza musical e de perfil cosmopolita: “os perfis urbanos modificaram-se drasticamente: com as recomposições da textura social, cultural e urbanística das metrópoles (como a gentrificação) emerge, em lugar da cidade de outrora, a cidade dos consumos e das fruições onde avulta o papel cada vez mais central da cultura (produção simbólica) no conjunto das actividades económicas e o surgimento de renovados estilos de vida” (Guerra, 2010: 935). A este respeito, são paradigmáticos os exemplos de Manchester ou Liverpool, Seattle, Montreal ou Toronto, e o papel-âncora que as manifestações musicais tiveram na recomposição da sua identidade e seu perfil urbano. Paremos para olhar o caso de Manchester e Seattle com mais pormenor. Manchester, cidade onde a forma de produzir e consumir cultura oscilou entre diferentes padrões, fruto da influência da Revolução Industrial, que teve nesta cidade o seu berço, da 2ª Guerra Mundial, responsável pela destruição do seu centro histórico, e das intensas reformas económicas da era ao comando de Thatcher, viu o final da década de 1970 ser marcado pela emergência de uma cena musical, associada à subcultura *punk* (que se encontrava em ascensão um pouco por toda a Inglaterra) (Prysthon, 2008).

Esta cena, cujo surgimento foi motivado, em boa parte, pelos primeiros concertos dos *Sex Pistols* na cidade, em 1976, está permeada de exemplos resultantes da articulação entre a música e a cidade. Tome-se como exemplo as letras de Morrissey, vocalista da extinta banda *The Smiths*, e note-se a frequência com que é feita alusão a comboios, pontes, escolas, cemitérios, crimes, livros ou até mesmo filmes que tomam a cidade como tema. *The Headmaster Ritual* (1984), do cancioneiro da banda em causa, é um bom exemplo para ilustrar esta relação música/cidade, pela descrição que faz da rotina numa escola da cidade:

*“Belligerent ghouls
Run manchester schools
Spineless bastards all
Sir leads the troops
Jealous of youth”*

Mas nem só por bandas ficou marcado este período. Se considerarmos figuras individuais da cidade, o nome Tony Wilson tem que ser referido por ser este o empresário e jornalista responsável pelo impulso da movida na cidade (despoletado pelos concertos de nomes ligados ao *punk*, como de resto já havia sido feita referência). Mas não podemos deixar de fora desta cena as editoras e aqui a *Factory Records* destaca-se por ter sido a parte responsável pela implementação de novos parâmetros para o lançamento e circulação do rock e do *pop* no mundo. A editora é ainda visada no filme inglês, de 2002, *24 Hour Party People*², uma película que retrata a afirmação do *punk* e a passagem de Manchester para *Madchester* (Winterbotton, 2002). Apesar de nem todos os grandes nomes da música estarem associados a esta editora, foi intensa a marca que esta deixou de Manchester, em Manchester e no mundo.³

Diferente da realidade de Manchester é a cena de Seattle. As referências não são tão explícitas; não encontramos o quotidiano da cidade referido nas letras, ou nas capas dos CD's, mas encontramos as convicções de um género musical, o *grunge*, bem patentes na cidade. O *grunge*, vertente do *rock alternativo*, surgiu na segunda metade dos anos 80, em Seattle, no estado de Washington. Nessa cidade a editora *Sub Pop* é apontada como responsável por tornar reconhecido o trabalho de bandas como *Nirvana*, *Pearl Jam*, *Alice in Chains*, *SoundGarden*, *Mudhoney*, entre outros nomes com menor expressão. Numa cena francamente masculina, o que se assume como mais relevante para a cidade de Seattle é: “o modo como ela foi transformada pelos símbolos (ou poderíamos dizer anti-símbolos) associados à música (sobretudo a moda - as camisas de flanela, os cabelos sujos e desgrenhados, os coturnos - e o comportamento anti-establishment dos músicos) e associada ao *grunge* aos olhos do mundo. Para além de sua fama como um concentrado de empresas tecnológicas (especialmente aquelas ligadas à informática), como o berço da *Starbucks* e dos cafés de *designer*, mas de

² *24 Hour Party People* é um retrato crítico da cena musical de Manchester. Tony Wilson, jornalista, assiste a um concerto dos Sex Pistols, banda desconhecida na altura, e convence a estação televisiva onde trabalhava a cobrir um dos concertos da banda. Não tardou nada até que outros grupos musicais da cidade apelassem ao jornalista que os agenciassem. Wilson cria, em parceria com alguns amigos, a *Factory Records* e leva a música de Manchester ao mundo.

certo modo associado a tudo isso, Seattle foi se tornando sinônimo do *grunge*.” (Prysthon, 2008:6)

Segundo Harvey, “(...) o colapso das barreiras espaciais não significa que a importância do espaço tenha diminuído. Pela primeira vez na história do capitalismo encontramos evidências da tese oposta. A acentuada competição num contexto de crise coagiu os capitalistas a prestar mais atenção às vantagens espaciais relativas, precisamente porque a diminuição das barreiras espaciais lhes concedeu o poder de explorar as diferenciações espaciais para daí retirar efeitos positivos.” (Harvey, 1990: 293 - 294). Por outras palavras, vivemos hoje num contexto que obriga a uma redefinição da leitura e do valor do espaço. Neste sentido, parece-nos totalmente importante recorrer à tríade de simbioses emergentes entre espaço, cultura e música. É uma economia global e capitalista com traduções espaciais específicas que o espaço se revela como um elemento fulcral na estruturação dos processos identitários, fazendo despoletar ambiências, atmosferas e cenas marcadas por sonoridades vivenciais e de pertença afirmadoras de especificidades de fruição e de modos de vida. Tal não quer dizer que o Porto seja igual a Manchester, mas tão-somente que a música será a tradução mais concreta dessas transformações culturais, económicas e sociais que perpassam a cidade actual.

Voltando ao Porto, os projetos culturais-musicais, ou ‘híbridos’ numa designação mais pós-moderna, que tomam o seu lugar na Baixa da cidade, representam um “novo nervo” que a cidade precisa e alimenta. Aos artistas-músicos-fruidores é concedido o papel de ‘vanguarda’ no processo de reabilitação do centro urbano em causa. À cultura entrega-se a função de atrair, não só novos residentes, mas também atividades económicas, turismo e investimento. Estes espaços de animação e intervenção afirmam-se como um *novo fôlego* para uma Baixa afetada pela desindustrialização e pela desvitalização sociodemográfica. Será importante relembrar a este respeito que o número de idosos (e por idosos entenda-se todos os que têm uma idade igual ou superior a 65 anos de idade) a viver na Baixa do Porto⁴ representa 27% da população residente, segundo os dados do último recenseamento. Se confrontarmos este registo com os dados de igual fonte, mas de 2001, vemos que este número aumentou 4.44 pontos percentuais, enquanto o número de jovens, com idades entre os 20 e os 24 anos, foi reduzido de 7.78% para 5.39% (uma diferença de 2.39 pontos percentuais).

³ A editora Factory Records abriu falência no ano de 1992.

⁴ A Baixa do Porto tem lugar na União das Freguesias de Cedofeita, Santo Ildefonso, Sé, Miragaia, São Nicolau e Vitória.

Quadro 1 – População residente na Baixa do Porto (com 65 ou mais anos e com idades entre os 20 e os 24 anos).

<i>Freguesia</i>	<i>População residente</i>		<i>População residente com 65 ou mais anos</i>		<i>População residente com idade entre os 20-24 anos</i>	
	<i>Ano 2001</i>	<i>Ano 2011</i>	<i>Ano 2001</i>	<i>Ano 2011</i>	<i>Ano 2001</i>	<i>Ano 2011</i>
<i>Cedofeita</i>	25977	22077	20.65%	26.48%	8.28%	5.10%
<i>Santo Ildefonso</i>	3116	9029	19.80%	27%	7.48%	5.90%
<i>Sé</i>	5036	3460	22.64%	26.24%	6.43%	5.14%
<i>Miragaia</i>	2951	2067	21.61%	25.93%	8.20%	5.81%
<i>São Nicolau</i>	10451	1906	26.40%	25.18%	7.27%	6.56%
<i>Vitória</i>	2864	1901	26.89%	29.83%	7.37%	5.10%
<i>Total</i>	50395	40440	22.40%	26.84%	7.78%	5.39%

Fonte: Quadro elaborado pela autora, a partir de dados fornecidos pelo INE (Censos 2001 e 2011).

Há todo o interesse em compreender a Baixa da cidade e as sonoridades que decorrem dos seus recentes processos de requalificação e renovação urbanas. Com este ensejo, levanta-se como questão de partida a necessidade de reconhecer a importância das dinâmicas de recomposição sonora e musical da baixa do Porto na (re)configuração de *novos* usos da cidade, *novas* práticas de *saída*, *novos* negócios criativos, *novas* identidades e modos de viver a cidade, enfim, *nova cidade*. Se estes projetos são, de facto, responsáveis pela reabilitação e redinamização da Baixa portuense, colocam-se questões acerca dos protagonistas deste regresso ao centro da cidade. Porque estes pontos de animação e intervenção incorporam em si um espírito de mudança e de reconfiguração da imagem do Porto, eles criam um cenário capaz de atrair para si uma nova geração de residentes, cujo perfil-tipo corresponde ao de consumidor regular de atividades pensadas por e para estes espaços - jovens, membros de classes médias urbanas, ligados a ocupações em áreas artísticas, de *design*, arquitetura ou afins (Queirós, 2007).

Esta ligação entre a reocupação da Baixa do Porto e um segmento social particular, com um estilo de vida característico, assenta no que autores como Chris Hamnet (2000) ou Walter Rodrigues (1992; 1997) defendem como criação de preferências culturais e residenciais novas, por parte de grupos com altas qualificações e intensamente ligados a oportunidades que os centros urbanos promovem. Questiona-se, por outro lado, uma vez que

este núcleo responsável pela gentrificação da Baixa do Porto se apresenta bastante restrito, a sustentabilidade efetiva destes espaços ligados à cultura no Porto. Se é consensual que a dinamização cultural e a dinamização urbana não são noções, neste caso, passíveis de serem abordadas de forma dissociada, uma vez que os espaços culturais-musicais tornam a Baixa do Porto mais atrativa para os grupos sociais que as políticas de reabilitação urbana pretendem conquistar e fazer regressar, encerra-se assim um ciclo virtuoso, ou vicioso, entre cultura e reabilitação urbana, relação na qual a gentrificação se coloca como denominador comum.

Com este relacionamento a servir de mote para este projeto de investigação, questionar-se-á o lugar que a cultura, em geral, e a música, em particular, pode ocupar neste movimento de reabilitação e redinamização da Baixa portuense. É objetivo perceber de que forma estes dois fatores, para além da reconversão funcional dos edifícios, criação de postos de trabalho e captação de novos investimentos, são capazes de despoletar dinâmicas culturais capazes de contribuir eficazmente para a renovação da identidade e da imagem da Baixa do Porto, tornando-a foco de atração junto de investidores e grupos sociais particulares e estratégicos.

Assumindo ainda que o centro desta cidade se apresenta como uma cena musical, interessa testar a possibilidade de poder colocar, ou não, a relação música-lugar no leque de estratégias para o desenvolvimento territorial; e pensar a Baixa como um bairro cultural, semelhante a Manchester ou Liverpool, onde a cultura impulsiona o desenvolvimento pós-industrial. Ainda na lógica da cena musical, considerando a tricotomia avançada por Andy Bennett (2004) e, por isso mesmo, deixando cair as atenções na cena translocal, levanta-se ainda a hipótese, pela Baixa portuense se assumir hoje como espaço de excelência para a receção de turistas europeus (muito devido à entrada do Porto nas rotas de aviação das companhias *low cost*), deste espaço sofrer influências vindas de outros pontos do continente, e não só (resultado de intensos fluxos globais de pessoas e do esbatimento de barreiras físicas). De forma mais específica, interessa identificar as dinâmicas culturais, lúdicas e musicais que têm sido associadas à Baixa nos últimos cinco anos e avaliar os impactos dessas mudanças do ponto de vista económico, cultural, artístico e social.

Importa também focar o olhar em espaços de fruição cultural e musical do ponto de vista da oferta e procura e conhecer e avaliar a importância da música na constituição dessas atmosferas e cenas de produção e fruição urbanas, assim como dissecar os componentes das cenas musicais estabelecidas. E este propósito situa-se no âmbito da oferta e da procura de

atmosferas conviviais e musicais (Guerra, 2010). “A ideia da cidade como espectáculo (...) sempre teve interpretes consagrados. A interrogação que nos merece esta interpretação é a de saber se o espectáculo e, assim a cultura urbana, estão a matar ou a vivificar as próprias cidades e de que modo.” (Fortuna e Santos, 2001: 412 e 413).

1.2. Porto 2001 - As bases para a dinâmica atual da Baixa

Na viragem do milénio, a cidade do Porto acolheu importantes acontecimentos de ordem política que trouxeram consigo consideráveis implicações urbanas. 1996 fica marcado como sendo o ano em que a Unesco nomeou o Centro Histórico do Porto como Património da Humanidade. Dois anos mais tarde, em 1998, a Invicta, a propósito da Cimeira Ibero-Americana, reabilitou uma parte da frente ribeirinha. Os fundos europeus, a partir de 2000, vieram tornar possível o avanço da rede de metro e, com a nomeação da cidade a Capital Europeia da Cultura de 2001, tornou-se imperativa a renovação da área tradicional da Baixa.

O Porto 2001, organismo responsável pelo acolhimento e organização do evento Porto- Capital Europeia da Cultura, provocou o lançamento de uma ambiciosa operação de regeneração urbana. O objectivo passou pela criação de uma “corrente sanguínea” entre galerias, teatros, museus e praças da cidade. Para tal, o redesenho urbano das “artérias” (passeios e vias), dado o seu estado de degradação, impôs-se como fundamental. Vários gabinetes de arquitectura da cidade entraram num afincado trabalho de requalificação urbana. Focando na Baixa, área que se estende de Cedofeita à Batalha, para ela todos os grupos de trabalho planearam forma de melhorar e projectar imobiliário urbano, requalificar o espaço público, melhorando-o estética e funcionalmente, aumentar o número de espaços verdes, praças e passeios, modernizar paragens de autocarro, cercas de árvores, quiosques de vendas de jornais e revistas, entre outras coisas. A instalação de esplanadas foi outro ponto que marcou presença nas várias propostas. Foi detectada a necessidade de converter a Baixa num espaço de paragem, de enraizar os visitantes, fazendo-os encontrar naquela área da cidade motivos que os levassem a ficar, ou, pelo menos, a querer voltar (Pereira, 2005).

A aposta feita na requalificação da Baixa da cidade teve sempre debaixo de olho a conversão desta área num pólo de movida. Uma maneira de tornar mais próxima esta meta passou pela modernização do comércio local, de forma a este poder competir com as grandes superfícies comerciais. Reordenar o trânsito na Baixa e intervir nas casas comerciais foram algumas das alterações necessárias. Grande parte destas últimas foram auxiliadas pelo programa PROCOM (Pereira, 2005), programa do Ministério da Economia que atribuiu

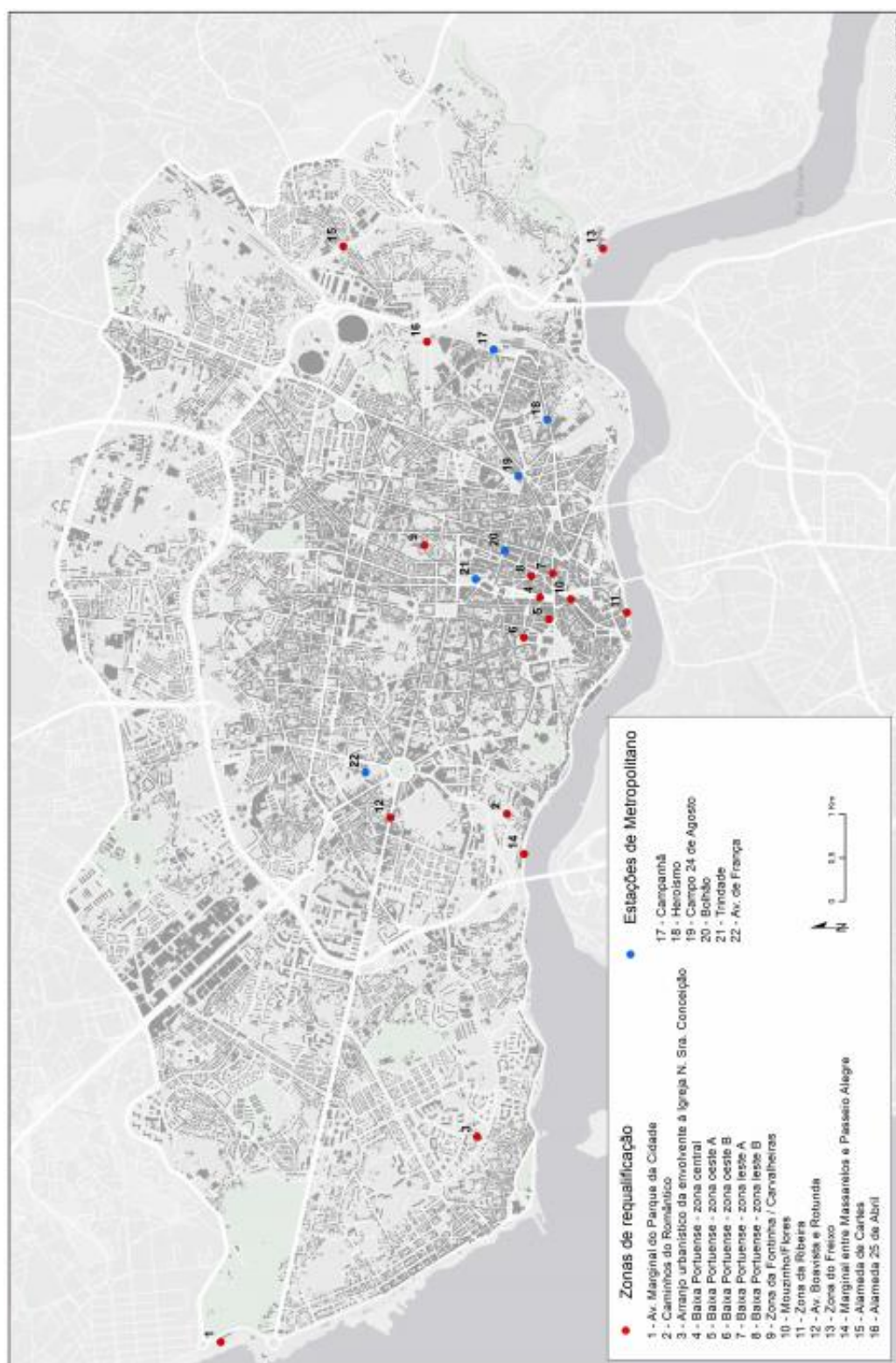
incentivos aos comerciantes e auxiliou na recuperação e remodelação dos seus estabelecimentos comerciais. Apesar deste apoio, os comerciantes assumem-se como os mais prejudicados pelas obras de reestruturação. A lentidão em que as mesmas se desenvolveram motivaram, segundo dados obtidos a partir de um inquérito aplicado pela Associação de Comerciantes do Porto, quebras nas vendas a oscilar entre os 60 e os 80%.

A próxima figura resume os parágrafos anteriores; olhando o mapa com alguma atenção percebemos que o maior aglomerado de intervenções se encontra sobre a Baixa do Porto e, apesar da legenda não discriminar a natureza das operações, nós já as descortinamos, apontando o redesenho das vias, a recuperação de praças e edifícios e a instalação de esplanadas, por exemplo.

Durante o ano de 2001 o número de turistas na cidade aumentou (ainda que, a demérito do evento, boa parte tenha visitado a cidade desconhecendo a nomeação) assim como as taxas de ocupação hoteleira, quando comparadas com o ano anterior. Um acréscimo na ordem dos 2.1% na taxa de ocupação de quartos e outro de 3 pontos percentuais na taxa de ocupação de camas traduziram-se em valores ‘magros’ face às expectativas criadas para o evento. O Porto 2001 chega ao fim sem alcançar a tão anunciada revitalização económica, o que motivou uma redução no orçamento destinado à requalificação das ruas comerciais da cidade. Com o término do evento, a responsabilidade maior passa a estar do lado dos promotores culturais, quer públicos quer privados. Estes vêm-se a braços com a tarefa de produzir e apresentar uma oferta cultural cativante para travar a diminuição do público e do número de eventos.

Focando o discurso em três promotores culturais privados, que de resto servem de objecto a esta investigação, falemos do Maus Hábitos, do Passos Manuel e do Plano B, três espaços de animação e intervenção cultural, com lugar em artérias emblemáticas da Baixa do Porto (Rua de Passos Manuel, no caso dos dois primeiros, e Rua de Cândido dos Reis, para o último dos exemplos), todas elas alvo de intervenção em 2001 (factor determinante na escolha do lugar). Do ponto de vista simbólico, são três espaços centrais na movida portuense, palcos para projetos artísticos sem lugar noutros contextos, espaços abertos à experimentação, pontos-chave no panorama cultural e na vivência noturna da cidade. Três fortes candidatos a responsáveis pela cena musical portuense.⁵

Figura 1 - Principais zonas de intervenção na cidade do Porto, no âmbito do “Porto 2001”



Fonte: Câmara Municipal do Porto, 2000.

⁵ Estes três espaços serão apresentados, com detalhe, mais à frente nesta Dissertação.

1.3. So cool, so lovely – A Baixa hoje nos seus espaços e tempos

Para melhor conhecer e contextualizar o nosso objeto de estudo, consideramos relevante passar em revista os jornais do Público, num período de 6 anos (Setembro de 2006 a Setembro de 2012). Entendemos que esta meia dúzia de anos seria tempo suficiente para nos apercebermos de alterações na Baixa portuense, desencadeadas pelos espaços de animação e intervenção cultural que nela têm lugar. Terminada a consulta ficou o registo de que a Baixa do Porto e a sua movida foram notícia por cinquenta e uma vez (os títulos e as datas da publicação podem ser consultadas no anexo 1) e, se houveram notícias a dar conta dos esforços levados a cabo, tanto por investidores públicos como privados, para renovar e dinamizar esta área da cidade, a verdade é que também não faltaram notas sobre inquietações motivadas por esta nova dinâmica na Baixa. Para possibilitar a visão de um panorama mais geral, o quadro abaixo enquadra as publicações em temáticas e subtemáticas, a apresentar com detalhe de seguida.

Quadro 2 – Enquadramento das notícias em temáticas e subtemáticas

<i>Temáticas</i>	<i>Subtemáticas</i>
<i>Dinâmicas de renovação da Baixa do Porto (16 notícias)</i>	Movimentos cívicos (4)
	Decisões Autárquicas (4)
	Investimentos (Hotelaria/Restauração/Negócios Criativos) (2)
	Transformação Sociográfica (1)
	Rede de Transportes (2)
	Projetos de intervenção e promoção do turismo na cidade (4)
<i>Problemas com a renovação da Baixa do Porto (14 notícias)</i>	Ruído (3)
	Insegurança (4)
	Contestação dos moradores (6)
	Contestação dos proprietários dos espaços (1)
<i>Espaços de animação e intervenção cultural (14 notícias)</i>	Abertura de novo espaço (5)
	Dinâmica cultural (3)
	Dinâmica musical (2)
	Dinâmica comemorativa (4)
<i>Reconhecimento do sucesso Baixa do Porto nos media (5 notícias)</i>	Jornais internacionais (1)
	Jornais nacionais (3)
	Revistas internacionais (1)
	Revistas nacionais (0)

	Redes sociais (0)
	Rádio (0)
	Televisão (0)
<i>Outras situações (2 notícias)</i>	Outras situações (2)

Fonte: Quadro elaborado pela autora, a partir de notícias publicadas no jornal Público entre Setembro de 2006 a Setembro de 2012

Partindo de uma leitura do quadro, percebemos que os três temas mais visados são as dinâmicas de renovação da Baixa, os problemas que daí emergem e assuntos relacionados com espaços de animação e intervenção cultural (tome-se a abertura de um novo espaço, ou a comemoração do aniversário de um outro como exemplo). Cada uma destas temáticas repetiu-se, respetivamente, por 16 e 14 vezes. O sucesso que envolve a cena musical portuense foi também notícia, no entanto, estas publicações que dão conta do reconhecimento desse triunfo em revistas e jornais nacionais e internacionais, contabilizam apenas 5 registos. Talvez se trate de uma referenciação ainda muito no início e emergente, fazendo-se a reboque das referências internacionais, na Revista Time Out (2010).

Esmiuçando a primeira temática que vos apresentamos, ou seja aquela que incide sobre as dinâmicas de renovação da Baixa do Porto, congregamos nela todas as manifestações cívicas e decisões autárquicas tomadas em prole do desenvolvimento desta área da cidade. Há que acrescentar que estes dois pontos representam 50% das notícias abarcadas neste tema. Metade desse peso assumem os projetos de intervenção e promoção do turismo na cidade, uma aposta cada vez mais sentida, desde que as companhias aéreas *low-cost* consideraram o Porto nas suas rotas,. Consequentemente, registaram-se duas ocorrências de investimentos no ramo da hotelaria, restauração e negócios criativos. Entendemos também que os esforços feitos pelas empresas que asseguram os transportes públicos na cidade foram no sentido de dinamizar a Baixa: os horários de circulação do Metro do Porto foram alargados e a Sociedade de Transportes Colectivos do Porto (STCP) apostou em linhas noturnas. Uma cidade mais dinâmica pode bem ser sinónimo de uma cidade mais jovem, daí termos considerado também neste primeiro tema uma notícia que deu conta do rejuvenescimento dos moradores da Baixa da cidade.

Decorrente da instalação de uma forte movida na Baixa, surgiram problemas relacionados com o ruído e com a insegurança. Estes dois aspetos combinados entre si representam sete das quatorze notícias englobadas neste segundo tema. Nunca esquecendo que a Baixa é um território que compreende gente de todas as idades, há uma geração, a mais

velha, que não lida da melhor forma com estes ‘novos riscos’ e mostra o seu descontentamento junto da autarquia, através de abaixo-assinados e pequenas manifestações em assembleias municipais. A contestação por parte dos moradores é, de todas as subtemáticas que apresentamos no quadro acima, aquela que regista o maior número de notícias. Mas não são só os residentes desta área da cidade que se mostram descontentes com a realidade que por lá se vive. Desde que a Baixa passou a ser vista como uma oportunidade de negócio fácil e empresários abriram nela os seus espaços, não respeitando limites legais, a situação despertou a revolta daqueles que cumprem com o que lhes é imposto. Ainda que, num espaço de seis anos, esta situação só tenha sido mencionada uma vez no jornal Público, nós sabemos, por meio das entrevistas que realizamos, que esta revolta está mais presente do que as notícias deixam vislumbrar.

A revisão destes jornais foi, em boa parte, motivada pela procura de notícias relacionadas com espaços de animação e intervenção cultural. Por 14 vezes encontramos publicações que respondiam a este nosso objetivo; cinco delas davam conta da abertura de novos lugares, quatro assinalavam a comemoração do aniversário e as restantes cinco anunciavam dinâmicas culturais e musicais, ou seja, eventos protagonizados por estes espaços, uns com maior pendor para a música, outros para as artes, num sentido mais lato.

Porque o sucesso que hoje envolve a Baixa do Porto foi, por cinco vezes, notícia nos media nacionais e internacionais, e o Público deu conta disso mesmo, agrupamos estes registos num último, mas não menos importante, tema. Consideramos de interesse relevante dar a conhecer que as dimensões que a cena musical portuense hoje tem, são conhecidas além-fronteiras.

De uma forma geral, passando um pouco por todas as notícias que lemos, percebemos que, nos últimos anos, lojistas, moradores, jovens empresários, entre outros, empenharam-se no processo de recuperação do centro da cidade, contribuindo para tal cada um à sua maneira. Se os comerciantes, unidos, pediram o alargamento dos horários do comércio e a autarquia discutiu a redução de impostos sobre imóveis sítios na Baixa, na tentativa de combater a desertificação e degradação urbanística, os investidores não perderam de vista a zona e nela apostaram em hotéis, restaurantes e negócios inovadores. A Metro do Porto e a STCP dão “boleia” à movida da cidade, colocando linhas de transporte a funcionar durante toda a noite, numa altura em que a cidade se consagra nas rotas do turismo europeu.

Tiago Azevedo Fernandes, *blogger* na plataforma A Baixa do Porto (espaço criado para discussão do Plano Diretor Municipal e mediação na compra e venda de edifícios na Baixa), em declaração ao Público, mostra-se consciente de que “O que vai fazer reviver o Porto são os investimentos privados e os interesses económicos das pessoas.” (Soares, 2010: 60). Esta opinião parece ser partilhada e prova disso são os espaços que vão abrindo as suas portas nesta área da cidade, ou então aqueles que vão somando aniversários, demonstrando assim que a sustentabilidade pode ser uma realidade. Voltando as atenções para os espaços ligados à música, por ser este o interesse primeiro desta investigação, leve-se em linha de consideração as palavras de Miguel Teixeira, proprietário da Piranha (loja de venda de discos em segunda mão): “Primeiro está o amor à música, depois o negócio.” (Rios, 2006: 64). Motivados pelo gosto, os proprietários destes espaços procuram ser palco para o convívio e para a divulgação de músicas e bandas alternativas. São, muitas vezes, os únicos espaços que as bandas dispõem para atuar. Ricardo Cardoso abria, em 2006, o Vícios, um espaço que em tudo se enquadra na lógica anteriormente descrita, ou não fosse o proprietário do mesmo a afirmar que o seu objetivo era: “Combater a lógica de massas e apoiar a produção alternativa.” (Rios, 2006: 47).

Figura 2 – Rua da Galeria de Paris



Fonte: Guia Sentido

Mas o impacto destes espaços não se verifica só ao nível das bandas e dos artistas. Também o local beneficia deste tipo de investimento. Tomemos como exemplo o Plano B, os responsáveis pelo espaço transformaram um antigo armazém de tecidos num espaço cultural e de lazer multifacetado que, por sua vez, é apontado como responsável pela dinamização da Rua de Cândido dos Reis, hoje ponto de atração noctívaga (Pinheiro, 2007). De facto a

Cândido dos Reis e a paralela Rua da Galeria de Paris tornaram-se referências na noite portuense pela quantidade de espaços que nelas têm lugar.

Artérias de fácil acesso, em pleno coração da Baixa, concentram em si uma esmagadora parte dos frequentadores da noite do Porto, no entanto, esta “nova vida” veio fazer frente a uma outra que já lá existia. No caso particular da Rua das Galerias de Paris, a Pensão Cristal, também aqui localizada, teve que, no seu sítio na internet, alterar a sua descrição por nela referir que se situava numa “rua sossegada” (Barros, 2008: 52). É um facto que nem todos os mesmos moradores receberam com o mesmo agrado a movida na cidade. A sobreposição de uma zona de diversão noturna a uma zona habitacional resultou em inúmeras queixas às autoridades e manifestações de descontentamento junto de entidades camarárias. O ruído, a insegurança e o lixo nas ruas, resultado das dinâmicas noturnas, colocaram à câmara do Porto novos desafios a dar resposta. Apesar destes assuntos figurarem com frequência nas páginas dos jornais, não pode deixar de ser referido o reconhecimento que a nova Baixa do Porto teve e tem nos jornais e revistas nacionais e internacionais. Em 2010, a revista *Time Out* dedicava uma edição mensal à vida cultural no Grande Porto, pois, nas palavras de João Cepeda: “É uma cidade que nos dá muitas garantias de futuro.” (Marmelo, 2010: 22).

2. Cenas, momentos, música e cidade

E como tudo que é coisa que promete

A gente vê como uma chiclete

Que se prova, mastiga e deita fora, se demora.

Como esta música é produto acabado

Da sociedade de consumo imediato

Como tudo o que se promete nesta vida, chiclete. Táxi (1981) - Chiclete.

2.1. Cidade, centros históricos, requalificação cultural, dinâmicas artísticas e sons

Imbuídos de uma forte carga simbólica, os centros históricos são o espelho maior da identidade de uma cidade. Tomado como referência pela comunidade que partilha o mesmo espaço urbano, o centro histórico é, para os visitantes, uma imagem resumida da cidade visitada. Nos últimos anos, a discussão de alguns aspectos relativos aos centros históricos das cidades têm-se intensificado no seio da Sociologia. Carlos Fortuna dá um forte contributo para este debate e, por isso, o modo como descreve a evolução e o crescimento das cidades europeias é aqui tomado como ponto de partida (1995: 5).

Remontemos à época medieval e pensemos a cidade da altura. Limitada por muralhas, esta cidade é, toda ela, um centro urbano. Plural nas suas funções e marcada pela diversidade social, aquilo que hoje apelidamos de centro histórico imbricava em si todas as funções urbanas, de tal forma que traçar um traço distintivo entre áreas residenciais, de produção, administração ou comércio tornava-se uma tarefa impossível de realizar. Com o avançar dos anos, e parando no período do Renascimento e da Industrialização, com o crescimento urbano, as funções da cidade, segregadas até então, foram espacialmente separadas. Ao centro histórico acrescentou-se o centro de comércio urbano. Esta é uma altura de expansão para as cidades, porém, no seu centro, mantiveram-se as funções administrativas e os setores mais tradicionais, assim como os mais decadentes, do comércio. A função residencial é também conservada. Fraturada, do ponto de vista social, as áreas residenciais da cidade são povoadas pelas distantes velhas elites e classes sociais mais vulneráveis. As classes médias, com a deslocação da malha industrial para a periferia urbana, fixam-se fora do centro. Comparativamente à cidade medieval, esta cidade renascentista/industrial perde a sua plurifuncionalidade e o seu tecido social é menos diverso. Nas palavras de Carlos Fortuna: “esta perda do dinamismo da cidade traduziu-se, gradualmente, na perda do anterior fulgor do seu centro e na sua transformação na área mais velha, mais pobre e mais decadente do conjunto urbano.” (Fortuna, 1995: 2).

Atentos a esta realidade, no final do último século, tanto na Europa como nos Estados Unidos e no Canadá, emergiram novas ideologias de preservação e conservação urbana. Deste ideário surge um quadro normativo de regulação das cidades e o conceito de património, noção que tem repercussões imediatas e que assentam na valorização económica, social e simbólica do espaço urbano, em geral, e do centro histórico, em particular. “Em resultado da revalorização das cidades, o velho centro ganhou novas capacidades de atracção e alguns sectores empresariais anteviram, na sua fixação no renovado CHC, um potencial de lucro a não perder. Gradualmente, a cidade regressa à fase original de sobreposição espacial das várias funções, à medida que as actividades anteriormente situadas na periferia se “recentram”, outras tradicionais e que nunca haviam saído do centro, renovam-se e remodelam-se e, outras ainda, é ali que se constituem de novo.” (Idem, Ibidem). Os centros das cidades, permeados pela articulação do velho com o novo, do comércio com a história e o património, culminam no que o autor apelida de centro urbano dual: “Quero com isto dizer que as nossas cidades, ou grande parte delas, apresentam hoje uma estruturação morfológica em que se combinam um centro histórico medieval, de maior ou menor valor patrimonial e arquitectónico e, contíguo a este, um outro centro de lazer onde pontuam e convivem actividades e funções comerciais e de serviços com actividades e funções de lazer e culturais.” (Idem, Ibidem).

Enquanto representante da cultura e da memória, o centro histórico, e particularizando para o da cidade do Porto, por ser o que aqui se encontra em análise, nas últimas décadas, a partir dos anos 80, mais concretamente, este recebeu de novo um forte dinamismo cultural, social e económico. De facto, e deixando cair a tónica da investigação no impacto que a cultura tem nesta área da cidade, tem-se tornado consensual a ideia de que num contexto marcado por valores estéticos e simbólicos, as actividades culturais adquirem um papel cada vez mais central. Já na década passada, Zukin (1995) veio defender que, cada vez mais, a cultura se estava a tornar o negócio das cidades. Com o consumo cultural a aumentar significativamente, a ponto de prover a economia simbólica, fez-se notar um efeito perverso: falamos da transformação da cultura numa (quase) mercadoria.

João Teixeira Lopes assume estes pontos como espaços que caracterizam as cidades pós-industriais e que sofreram um processo de gentrificação. Para o autor estes espaços não estão apenas ligados à promoção do consumo de signos culturais, também eles são signos que se consomem e que entram na imagem da cidade. Procuram promover a diversidade cultural e, desta forma, quebram com hierarquias e códigos que se registam ao nível da cultura. São

pois espaços abertos a todos e não “apenas locais onde se consomem signos culturais, são eles próprios signos que contribuem para a imagem da cidade” (Lopes, 2001: 183). Nestas dinâmicas culturais a cidade aparece como uma dupla mediadora: ela é palco onde as dinâmicas se geram e meio pelo a qual se realizam, pois só a cidade detém infraestruturas que servem de lugar e agentes que cultivam a cultura.

2.2. *Os sons das cidades*

Assim que os centros históricos das cidades se tornam alvo de políticas de regeneração, as suas paisagens sonoras transformam-se. Conjugam-se os sons de ontem com os de hoje, uns desaparecem, outros fazem-se ouvir. Todavia, dúvidas não restam que a forma como as sonoridades se combinam no tempo e no espaço conferem ao centro das cidades uma identidade própria. Os sons marcam o pulso da cidade, compõem, como diz Lefebvre, a “música da cidade”. Diferentes na fonte, na época e no espaço, os sons variam ainda em função daqueles que os escutam, pois decifrar uma paisagem sonora não é mais do que um exercício de atribuição de sentido, com base na experiência social e biográfica do ouvinte (Casaleiro & Quintela, 2008: 7). Carlos Fortuna sugere que podemos perspetivar a consolidação e o crescimento da cidade através de uma análise às características específicas que marcam as paisagens sonoras urbanas. Para o sociólogo esta relação encontra-se “inscrita num fluxo histórico e temporal que, também ele, não é alheio à natureza e à diversidade dos campos e das paisagens sonoras” (1999: 111).

A audição, conforme o trabalho de Eduardo Meditsch, apresenta-se como um “sentido hiperestésico por excelência” (In Fortuna, 1999: 253). Porque somos envolvidos pelos sons e vemos o nosso organismo a ser estimulado e a reagir a partir da vibração sonora, Simmel veio reconhecer que “a partilha do mesmo ambiente sonoro pode promover o sentido particular de «colectividade», mesmo quando a sua unidade, assente em meios sonoros e auditivos, se revele bem mais abstracta do que conseguida em torno da comunicação oral e da fala” (Simmel In Fortuna, 1999: 106).

Atentando agora à relação espaço/som e considerando o contributo de Murray Schafer (1977 e 1985), autor de um dos principais contributos teóricos para esta discussão, este estabelece a distinção entre campo sonoro e paisagem sonora. Por campo sonoro o autor (idem) remete para o espaço acústico que é gerado com base numa dada fonte emissora (humana ou material) que distende a sua sonoridade a uma área ou território com limites bem definidos. Nas cidades vários campos sonoros particulares, simultaneamente, tomam o seu

lugar, sobrepõem-se e articulam-se entre si. É desta sobreposição que nasce a paisagem sonora, um ambiente sonoro com múltiplas faces que envolve diferentes sujeitos recetores e que se torna fundamentalmente antropocêntrica pela forma como realça a apropriação e a reterritorialização do campo sonoro que é emitido (Schafer, 1977 e 1985). Esta última noção assume-se como essencial no processo de compreensão do modo como o som atribui sentido e caracteriza um lugar, neste caso a Baixa portuense.

Também se sabe que as paisagens sonoras estabelecem com o tempo e com o espaço uma forte relação e podem ser perspectivadas do ponto de vista local ou global (Raimbault e Dubois, 2005). A evolução destas acontece ao longo da história, ou até mesmo ao longo do dia. Pense-se, de novo, o espaço em análise, a Baixa portuense, e repare-se nos ruídos que caracterizam o ambiente diurno (sons do trânsito, pessoas a falar, em muitos casos noutras línguas, comerciantes que apregoam) e o quanto se distinguem dos que se fazem ouvir à noite (música e conversas de grupo, essencialmente). Com tantos sons e ritmos, poder-se-á dizer, como diz Lefebvre (1997), que esta é a “música da cidade”. É da responsabilidade do autor a ritmanálise - a análise dos ritmos dos espaços, uma fórmula reveladora de normas sociais, até mesmo as mais subtis, que produzem o tempo social. Para Lefebvre (*idem*) a cidade é, em simultâneo, poli-rítmica e a-rítmica, segundo o compasso dos ritmos quotidianos (que varia consoante o contexto espacial e temporal).

Voltando a Schafer (1977 e 1985) e às paisagens sonoras, se levarmos agora em linha de conta as paisagens sonoras contemporâneas, para o autor estas são marcadas por uma crescente proliferação de “ruído”, sobretudo em espaços urbanos. Esta “poluição sonora” não desejada altera a qualidade da paisagem de hi-fi para lo-fi. Para o autor a escuta ideal acontece em hi-fi, pois, nessas situações, é possível conhecer com precisão a natureza e a fonte sonora. Quem critica esta dicotomia é Sophie Arquette (2004), por acreditar que esta é uma perspectiva marcada por aquilo que chama “preconceito urbano”. A sugestão de Schafer (1977 e 1985) é que se faça uma limpeza dos ouvidos, que se ouça com um ouvido pensante, capaz de limpar os sons urbanos e perceber os sons naturais. Esta seria uma interpretação errada por ignorar a essência das dinâmicas dos espaços. Pensando a Baixa do Porto, esta não seria uma paisagem urbana sonora urbana se todos os sons que remetem para esse contexto lhe fossem retirados.

Quem já teve a preocupação de ouvir o Porto e Coimbra, mais concretamente o centro histórico destas duas cidades, foi Paula Casaleiro e Pedro Quintela. Em deambulações por

estas duas paisagens sonoras, os sociólogos recolheram e mapearam os sons com que se depararam nestes dois espaços. Encontraram centros históricos marcados por sonoridades próprias das casas antigas de comércio e de vendedores ambulantes, mas também registaram sons que resultam da reabilitação e da animação urbana. Entre estes não faltaram os “sons de transição ou de formas de resistência e de revanchismo sonoro da cidade barroca no seio da cidade moderna” (Fortuna, 1999: 112). A forma como todos estes sons da cidade se envolvem e se globalizam, levanta o risco de uma descaracterização sonora. Nas palavras de Carlos Fortuna, é necessário que as cidades se saibam escutar a si próprias e reciprocamente (IDEM, 1999: 117).

2.3. *Cenas musicais urbanas*

2.3.1. Gênese e consolidação do conceito

Os anos 90, do século XX, são a década de entrada do conceito de cena na análise sociológica. A noção, alicerçada nos conceitos de campo de Bourdieu e *art world* de Becker, ao contrário do que possa ser pensado, não surgiu entre a comunidade científica. Cena era a expressão utilizada por turistas e jornalistas sempre que se pretendia fazer referência a *clusters* de atividades socioculturais localizadas numa determinada cidade ou distrito (Bennett, 2004: 223; Straw, 2004: 411).

Conceito indicado para estudos sobre música, este é tido como mais adequado do que o conceito de subcultura para dar conta de práticas expressivas e rituais estabelecidos em torno desta expressão artística (Guerra, 2010: 441). A cena, assim como os canais, subcanais, neotribos, estilos de vida, entre outros, é resultado de um olhar conceptual renovado sobre o conceito de subcultura. Ela é uma noção que se difunde entre as inquietações sociológicas compreendidas neste âmbito, muito devido ao contributo de Will Straw (1991) e Barry Shank (1994), nomes que fizeram a apologia do conceito no estudo do *indie* e do *rock'n'roll*, em Montreal no Canadá e em Austin, no Texas, respetivamente.

Objeto de unanimidade, o conceito de cena é aplicado por antropólogos, geógrafos e sociólogos sempre que os seus interesses convergem no sentido da análise e descrição de espaços de produção e consumo essencialmente musical. Para além do foco na música, o conceito serve de espaço de interconexão de um conjunto diverso de atividades artísticas – cinema, artes plásticas, *design*, fotografia – que abundam na cidade contemporânea. Os autores adotam-no sempre que debruçam os seus estudos sobre sonoridades de locais

específicos e pretendem apurar um espaço cultural que transcende o espaço local. Em termos concretos, esta noção é aplicada tantas vezes quanto aquelas em que o que realmente se pretende compreender é a importância sociocultural da música na vida de todos os dias e na configuração dos quotidianos de habitantes, turistas, artistas e população que frequentam e vive a cidade (Guerra, 2010).

Sempre que o que se pretende abordar são unidades culturais permeadas com barreiras invisíveis e elásticas, Will Straw sugere o conceito de cena como o mais ajustável e eficiente para o fazer. Em palavras do autor, a cena “é um espaço cultural em que um conjunto de práticas musicais coexistem, interagem umas com as outras dentro de uma variedade de processos de diferenciação e de acordo com diferenciadas trajectórias de mudança e fecundação cruzada. Dentro de uma cena musical, o mesmo objectivo é articulado dentro dessas formas de comunicação através das quais a construção de alianças musicais e o desenho de fronteiras musicais tem lugar” (Straw, 1991: 6), isto é, a cena é um espaço de concomitância de práticas musicais diversas que, entre si, conservam graus diferentes de distinção.

Tomada a definição e caracterização de cena, convém, tal como Straw faz, distinguir cena musical de comunidade musical, uma vez que esta última noção remete para si um conjunto de indivíduos que, envolvidos na prática musical, exibem um perfil sociográfico fixo, são tributários de uma memória coletiva comum musical com raízes no tempo e no espaço e articulam, dentro de uma comunidade musical, as práticas musicais contemporâneas e o património musical (Straw, 1991: 6). A aplicação deste último conceito ao estudo da música acontece, essencialmente, de duas formas: ou é utilizado como forma de atender ao modo como as músicas, produzidas em determinado local, permitem que os indivíduos se posicionem numa cidade ou região, ou seja, a maneira como a música e os seus protagonistas se podem tornar e ser entendidos como símbolos identitários de uma comunidade, ou então, numa leitura mais romântica do conceito, o mesmo pode remeter para a interpretação da música como um modo de vida e/ou base de uma comunidade.

Retomando o conceito de cena e reconhecendo a sua consolidação através de uma aplicação intensa ao estudo da música, interessa nomear alguns dos principais nomes que deram consistência a esta noção. Frith (1999) foi um dos primeiros estudiosos a debruçar-se sobre este paradigma. O autor da sociologia da música popular, que vê nesta forma de expressão artística uma maneira de definirmos quem somos e de afirmar as nossas

especificidades, reconhece que a música de hoje é um fenómeno cada vez mais global, permeável a influências mútuas e interligações constantes. Com esta leitura levanta-se a hipótese de cada vez menos a música ser um elemento de traduzir a nossa história e a nossa identidade. Ainda considerando o trabalho de Frith, o autor apresenta dois exemplos paradigmáticos no que concerne à música como forma de expressão de uma identidade própria: a Irlanda e a Escócia. O sociólogo chegou à conclusão que “podemos dizer que em ambos os países a música tem sido um factor chave para a identidade cultural, para um sentido de história e tradição; em ambos os países a música tem sido um meio de defesa contra a hegemonia cultural inglesa e uma forma de manter um sentido de comunidade (...)” (Frith, 1999: 4). A justificação para tal, tomando o caso escocês como exemplo, vem de dois fatores principais: um primeiro ligado à indústria musical escocesa e à ideia que esta apenas se baseia num tipo de música especificamente escocês e, um segundo, aspeto remete para o centramento das condições existentes, ou não, para a produção de produtos musicais. Numa lógica de comparação entre estes dois casos, a Irlanda aparece como o país que, com maior facilidade, consegue chegar a um ponto de equilíbrio entre a manutenção das especificidades locais e a globalização da indústria musical.

Sara Cohen (1991) e o seu estudo da cidade de Liverpool contribuíram também para a consolidação do conceito aqui em discussão: *cena musical*. A autora, interessada em rituais de performance da música, na forma como, simbolicamente, esta ocupa um território local e se organiza em laços sociais, constatou, na cidade mencionada, uma relação entre a música e a identidade local, contrariando, deste modo, a lógica pós moderna que determina a globalização como fenómeno responsável por uma cultura pop desenraizada do tempo e do espaço. “a música pode desempenhar um papel na produção do lugar sob diversas formas, literal e metaforicamente: como uma matriz material que compreende o ambiente físico e construído, como um guia para as relações sociais, práticas e interações quotidianas; e como um conceito símbolo que é representado ou interpretado” (Hudson, 2006: 627). Bennett, numa abordagem mais recente (2002), desenvolve o conceito de paisagens míticas (“*mythscape*s”). Nele eleva o papel das novas tecnologias e a forma como estas reconfiguram a relação entre a música e o espaço. Os gostos musicais que outrora se celebravam coletivamente através de sociabilidades em clubes, concertos ou festivais, hoje são partilhados na comunicação virtual, praticada em chats e redes sociais virtuais (Bennett, 2002).

Retomando a ligação entre a música e o espaço, esta relação estabelecida entre ambos não deve ser tomada como direta. Nela inscrevem-se processos sociais que intermedeiam a

ligação e tornam as expressões locais suscetíveis à influência de fenómenos de escala nacional e global (Waterman, 1998; Harnish In Hudson, 2006: 628). A tónica das abordagens mais recentes a esta relação música-lugar cai no papel da música e das estratégias culturais no desenvolvimento territorial Bennett nomeia alguns exemplos onde a música e as estratégias urbanas são usadas como instrumento de renovação urbana rural ou regional. Cape Breton, no Canadá, é um desses exemplos. No local, vários eventos em torno da música Celta, despoletam uma política de regeneração regional. O caso de Sidney e New South Wales são também mencionados pois neles se assiste a uma “invasão” do espaço público pela música e a uma promoção da música pop, no centro da cidade, ligada a processos vastos de gentrificação. Os bairros culturais são ainda interesse deste autor, que se preocupa em fazer ressaltar a importância dos mesmos em cidades como Liverpool, Manchester e Sheffield, no norte da Inglaterra, onde a música e a cultura aparecem como mola impulsionadora do desenvolvimento pós industrial.

2.3.2. Cenas locais, translocais e virtuais

Abordar a cena musical implica uma paragem obrigatória na obra de Andy Bennett, autor que afirma que o conceito de cena “oferece a possibilidade de analisar a vida musical na sua variedade de formas, orientadas simultaneamente para a produção e para o consumo, bem como os vários modos como estas se cruzam entre si, tantas vezes segundo especificidades locais” (Bennett, 2004: 226). Para Bennett e Peterson (2004) a abordagem das cenas pode traduzir-se numa tricotomia que compreende o local, o translocal e o virtual: “a cena local corresponde de forma mais proximamente à noção original de cena como segmento em torno dum foco geográfico específico. (...) A cena translocal refere-se a contextos de comunicação mais distanciados do local e que refletem formas distintivas de música e de estilos de vida. (...) A cena virtual é uma cena emergente na qual as pessoas criam uma cena descartada de espaços físicos, utilizando fanzines e isto é incrementado obviamente com a internet” (Bennett & Peterson, 2004: 6-7).

Cena local. O conceito de cena local é introduzido e explorado no estudo de Sara Cohen (1991), quando a mesma desenvolve uma abordagem etnográfica a dois grupos da cidade de Liverpool, com o objetivo de demonstrar o impacto que têm as sensibilidades locais específicas quando combinadas com as ambições dos membros desses grupos. Três anos mais tarde, Shank (1994) investiga Austin, no Texas, e questiona as redes de relações locais e a manutenção da cena musical local. Também Bennett, autor da subdivisão da cena em três

categorias supra apresentadas e agora exploradas, no seu livro “Popular Music and Youth Culture”, observa o modo como a música de dança, o *rock*, o *bhangra* e o *rap* têm sido apropriados e transformados à escala local, em cidades do Reino Unido e da Alemanha.

Cena translocal. Este conceito, á semelhança do de cena local, foi alvo de críticas por parte de alguns teóricos, pelo seu carácter espacial definido de forma rígida, e por isso descoincidente da era atual. Estes olhares críticos estiveram na origem de perspetivas conceptuais distintas que abrangem ligações entre apropriações coletivas e inovações localizadas. Trans-regionalismo, de Slobin (1993) é um dos conceitos que emerge desde logo para dar a conhecer que as apropriações e inovações locais dos géneros de música acontecem, em simultâneo, em espaços diferentes e difusos. Ultrapassam-se assim as barreiras físicas existentes. Kruse (1993), ao estudar a música e os estilos musicais orientados para jovens, usa a noção de translocal para tornar visível a forma como estes indivíduos se apropriam dos recursos musicais e estilísticos locais, sem perder de vista recursos semelhantes noutros locais. Pesquisas mais recentes vêm demonstrar a forma como as cenas translocais são intensamente marcadas pelos fluxos globais de pessoas ligadas entre si e capazes de superar barreiras físicas.

Cenas virtuais. Este último vértice do triângulo ganha expressão em meados da década de 90, do século XX, em grande parte devido às importantes alterações que a internet incutiu na vida quotidiana. Responsável pela compressão espaço-tempo, defende Harvey (1989), a internet abre a possibilidade de criação de canais de comunicação translocais e trans-temporais, mecanismos globais de comunicação onde o espaço e tempo se esbatem. Estas alterações têm-se feito sentir, de forma significativa, na formação das cenas musicais. Estas abandonam o seu carácter meramente local e translocal e afirmam-se como virtuais, ou seja, cenas que facilitam a comunicação e a discussão de ideias por parte de admiradores de artistas e géneros musicais particulares e partilhados. São elas ainda que permitem a manutenção de alguns nomes do mundo artístico na esfera pública.

Frequentemente, no processo de produção negociação e resistência, as identidades são (des)construídas. A música, como uma das formas de comunicação cultural, é, assim, um meio através do qual as identidades são (des)construídas. McRobbie (1994) ilustra na sua análise da cultura rave que os seguidores adolescentes de música rave e de dança delimitam um “espaço de identidade” que inclui entre outros os seguintes elementos: o som da música; a dança rave; a disponibilidade de uma moda rave, de fanzines e de *flyers*; o espectáculo e a

exposição das luzes laser e os efeitos especiais. Como McRobbie argumenta, a distintiva combinação de sinais, de símbolos, de estilos e de outros textos oferecem uma identidade para os seguidores. Por outras palavras, a compreensão dos significados da música inclui a compreensão dos textos, dos contextos e dos intertextos (King, 1995: 18).

Assim, segundo Guerra (2010: 762) “Tornam-se notórias, neste contexto, as apreciações acerca da dialéctica entre estetização do quotidiano e quotidianização das estéticas – de facto, o espaço urbano é simultaneamente constituído e constitutivo desta operação. A cidade é duplamente mediadora por referência a estas dinâmicas culturais: meio em que elas se geram e tomam forma é também o meio pelo qual elas se realizam, fornecendo o conjunto infra-estrutural que possibilita a sua emergência e oferecendo os lugares e os agentes que cultivam a cultura. A cidade reinventa-se e recompõe-se em meio capacitador por intermédio de muitos destes espaços que analisamos. Aliás, as mudanças na paisagem arquitectónica (a «cidade-colagem», que conserva e requalifica o património «reinventando-o») vão de par com mudanças na orientação mais culturalista da economia dos «novos intermediários culturais»”.

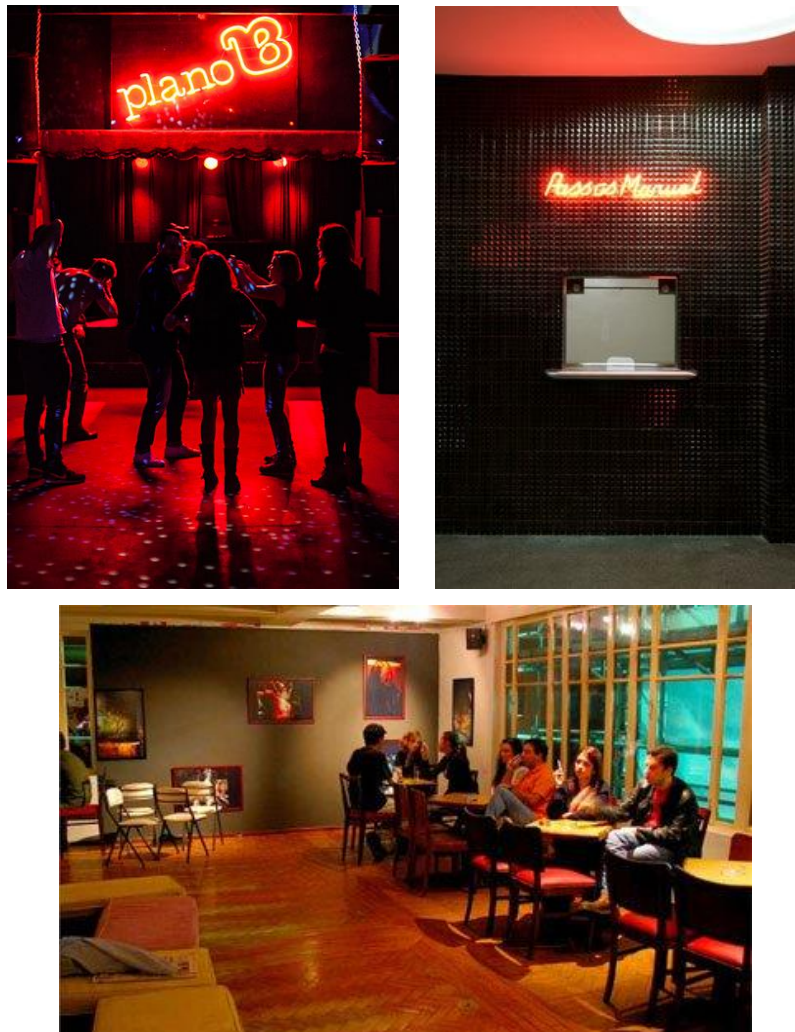
2.4. Ensaio da cena musical portuense: continuidades e ruturas

É consensual que, nos últimos anos, as cidades e os seus centros históricos têm-se defrontado com um movimento de revalorização social. A cidade do Porto e a sua Baixa não são exceção. Em grande parte devido à dinamização das cenas musicais, esta paisagem urbana encontra-se em mudança. Os anos 80 marcaram a afirmação do Porto no panorama nacional ligado à cena musical underground a afirmação do Porto no panorama nacional ligado à cena musical underground e alternativa. Neste avanço do século XXI, essa dinâmica tem sido retomada e escolheu como seu palco de excelência o palco público e semipúblico da Baixa portuense.

O *Passos Manuel*, o *Maus Hábitos* ou o *Plano B*, por exemplo, são espaços que reavivam esta área da cidade, pontos de encontro e de mistura de pessoas, o que, em boa parte, poderá explicar o sucesso destes projetos em termos de afluência de públicos. Com um intenso trabalho de programação e divulgação, estes espaços afirmam-se no subcampo do rock alternativo e difundem música de vanguarda. Um recente trabalho de Paula Guerra demonstrou que “desde meados da década de 80 do século passado que estes espaços se têm vindo a impor na paisagem urbana de Lisboa e do Porto, sendo mais um dos elementos do “texto” onde podemos ler o metabolismo societal da modernidade e, muito especialmente, das

mudanças nela ocorridas nos últimos trinta anos em Portugal (2010: 840). A autora considera mesmo que “a mobilização do espectáculo e, essencialmente, os novos modos de produção de capital simbólico sedeados na cidade entrelaçam-se com a reorganização urbana. (...) Estes espaços apresentam-se como reactualizações presentes dos anteriores espaços de convivialidade e de lazer, desempenham funcionalidades idênticas, mas baseiam as suas acções numa nova materialidade correspondente ao campo de aspirações e universo de possíveis dos actores em presença, predominantemente jovens (pese embora a plasticidade e amplitude cada vez mais dilatada desta condução), portadores de recursos culturais, simbólicos, sociais e económicos de acesso à cultura na cidade” (Guerra, 2010: 842).

Figura 3 – Bilheteira do Passos Manuel; Sala de Concertos do Plano B; Salão Nobre do Maus Hábitos (da esquerda para a direita)



Fonte: Página dos espaços no Facebook

Exploremos os três espaços que constituem o objeto de estudo desta investigação, de forma a os conhecer um pouco melhor. Começamos pelo *Maus Hábitos*, pelo simples facto de, entre os três, ter sido o primeiro a abrir ao público na cidade. Para chegarmos ao momento da sua abertura temos que recuar até 2001. No quarto andar de um edifício sito na Rua de Passos Manuel, datado de 1939, o espaço foi ocupado sob contrato de comodato, ou seja, a partir do momento em que é assegurada a recuperação do imóvel, o pagamento mensal da renda fica posto de parte. Nestas condições, o local, descoberto em 1999, foi sujeito a remodelações para se apresentar, dois anos mais tarde, como: “um espaço de criação artística, aberto às diferentes formas de arte, capaz de projectar culturalmente a cidade.” (Guerra, 2010: 1039). Almejando ser um ponto de acolhimento para projetos artísticos sem expressão noutros contextos, o *Maus Hábitos* dispõe hoje de um salão nobre, que desempenha a função de restaurante, bar e *club* (função que se altera com o avançar das horas), uma sala de exposições, uma sala de espetáculos e uma zona de esplanada, dinamizada com projeções e concertos acústicos. Nas palavras do seu atual programador, que entende, tal como Landry (2003), que as características culturais distintivas de uma cidade são aquilo que a distingue num contexto global, este é um espaço único em Portugal. Espaço onde a música ocupa 60% da programação e os restantes 40% dividem-se pelas outras atividades, sendo que as artes plásticas têm uma presença forte ⁶.

“É o único espaço que eu conheço, pelo menos em Portugal, que permite ter, ao mesmo tempo, um concerto num espaço, uma exposição, uma performance e um Dj a passar som e estar tudo a acontecer ao mesmo tempo. Os donos têm uma abertura total. Este é um espaço multicultural e, sobretudo, ligado à criatividade. (...) Somos mais ou menos heterogéneos, mas a bitola é sempre a qualidade.”

António, 41 anos, Programador do espaço Maus Hábitos, Porto

As linhas de programação do espaço são bastante abrangentes. Apesar da aposta na música ser forte, esta alcança diversos géneros, para responder com sucesso aos desejos de um público eclético, no que a gostos musicais diz respeito. Ainda assim, apesar da diversidade, a tónica da programação musical cai sobretudo sobre dois géneros: o *electro/dance* e o *rock* alternativo/*indie rock*, conclusão a que chegou Paula Guerra, em 2010, quando estudou a programação do espaço, entre Julho de 2006 e Julho de 2008.

⁶ Estes valores foram avançados, em entrevista, pelo programador do espaço.

A mesma socióloga descreveu o *Maus Hábitos* como ‘uma espécie de “farol”, ou seja, como um potencial factor de atracção de pessoas e projectos para a área da cidade em questão.’ (Guerra, 2010: 1043). Três anos após a sua abertura, o *Maus Hábitos* ganha um novo “vizinho”. Mesmo em frente, no lugar do antigo Cinema Passos Manuel, tem lugar, desde 2004, um espaço de animação e intervenção cultural com o mesmo nome. O antigo cinema ainda hoje se mantém com programação semanal, mas acrescentou-se no local uma mini discoteca e um pequeno bar. Por opção do responsável pelo espaço, também proprietário do projeto *Aniki BóBó*, na Ribeira, durante vinte anos (1985-2005), na Ribeira, os traços arquitectónicos do edifício foram respeitados, não se registando, a este nível, nenhuma intervenção.

Aberto à experimentação, o *Passos Manuel* apresenta uma programação de vanguarda, porém, o seu proprietário rejeita o título de “rampa de lançamento” para projetos em ascensão.

“Eu nem sequer acho que seja uma rampa de lançamento. O Passos está atento às coisas, faz convites, ou acolhe esses projetos, se for caso disso, no início de carreira.”

Francisco, 62 anos, Empresário no espaço Passos Manuel, Porto

Ainda sobre a programação deste espaço, apesar da ligação ao cinema, a música apresenta-se como elemento estruturante e, dentro dela, as atenções voltam-se para o electro/dance. Sem reservas, o proprietário do espaço procura novas tendências e não hesita em apostar nelas. O mesmo sente até que é esta a forma que demarca o seu espaço dos restantes lugares que o envolvem.

Por último, a inauguração do *Plano B*, em Dezembro de 2006, marca a explosão da Baixa à esquerda da Avenida dos Aliados. Este espaço, resultado dos esforços de dois arquitetos, um músico e um artista plástico, tomou forma numa antiga loja/armazém de tecidos, na Rua de Cândido dos Reis. O objetivo deste grupo de jovens empreendedores passou pela vontade de oferecer à cidade um espaço ligado à cultura, mas polivalente e versátil na sua caracterização.

“Descia a Rua da Picaria, depois vinha por aqui pela Rua dos Caldeireiros e então, pronto, sempre que passava aqui via estes espaços abandonados e dizia: “Fogo, estes espaços têm um potencial brutal.”.”

Luís, 35 anos, Arquitecto e empresário no Plano B, Porto.

Constituído por três áreas distintas, o espaço dispõe de três bares, uma sala de exposições, uma sala de concertos e uma outra sala mais orientada para a música electrónica. A decoração do espaço tem um forte pendor retro, no entanto os elementos decorativos, por vontade dos proprietários, alteram-se regularmente. A abertura do *Plano B* marca o início de um período de inaugurações de espaços semelhantes na Baixa do Porto. O que o distingue dos demais? O espaço distingue-se por não se fechar a nenhum género musical, nem expressão artística. É por isso um lugar heterogéneo e vanguardista na sua oferta.

2.5. Banda sonora da Baixa do Porto: construção e desconstrução

A música envolve as pessoas, conduz à expressão de emoções, de ideias individuais, à partilha de experiências (Huizinga, 2003), facilita a integração em grupos e promove a cooperação. Na Baixa do Porto a música cumpre estas funções específicas, o que leva esta cena de encontro a algumas das características que Blum (2011) apontou para o conceito. A cena musical portuense caracteriza-se pela sua espacialidade, pela sua regularidade, coletivização, teatralidade, transgressão, espetáculo, inter-relação e mercantilização. Fortemente vinculada à cidade, a cena portuense só se tornou possível porque as pessoas assumiram com ela o compromisso de a frequentar com regularidade. Ela é o resultado do esforço de indivíduos com interesses relacionados, gostos e ideias partilhados, redes intensas de sociabilidade. Nela os sujeitos interagem e exibem-se, transgredindo o que é norma no seu quotidiano, libertando-se do que é rotina no seu dia-a-dia. Nos últimos anos tem-se mostrado capaz de seduzir aqueles que nela se envolvem, alimentando o fascínio, acicatando a curiosidade, aguçando a vontade de dela querer fazer parte, talvez porque a sua oferta cada vez mais relaciona cenas diferentes, e aqui entenda-se por combinação de cenas a relação do teatro com a música, ou o cinema, por exemplo.

A Baixa da cidade combina o comércio e a criatividade, tornando esta cena, tal como outras, “ocasiões oportunas para o investimento e para a criação de consumidores” (Blum *in* Moreira, 2013).

Retomando a música e a forma como ela se ouve na Baixa da cidade do Porto, pensamos criar para esta cena uma banda sonora. A sua construção implicou repetidos momentos de escuta atenta. A paisagem é rica em sons tradicionais, novos sons e “sons de transição” (Fortuna, 1999). Para o registo de toda esta multiplicidade de sons foram realizadas várias incursões pela Baixa, em alturas distintas do dia, pois, no mesmo espaço, cabem paisagens sonoras bem diferentes.

Quem, a meio da tarde, começa o seu percurso sentado nas esplanadas de Parada Leitão ouve o toque da chávena de café na mesa combinado com o som piano das conversas, tantas vezes interrompidas com o barulho do elétrico a travar nos seus carris. O cancionero académico, exposto bem alto por estudantes trajados, também é frequente por aqui, ou não estivéssemos voltados de frente para a reitoria da Universidade do Porto e com o Café de Ouro, conhecido por Piolho (espaço emblemático junto da comunidade académica), à nossa retaguarda. Continuamos o nosso percurso atravessando a Praça Carlos Alberto e, seguindo em direção à Rua de Cedofeita, deparamo-nos com dezenas de pessoas a entrar e sair de lojas. Os passos bucólicos, o baloiçar dos sacos de papel, mais ou menos carregados, as pessoas a falar, tudo isto vai marcando o ritmo desta rua. Voltando um pouco para trás e preparando a descida até à Avenida dos Aliados, cruzam-nos com turistas, dezenas deles. Dialectos noutras línguas fazem-se ouvir à porta da Livraria Lello. Questionamo-nos, tal como Fortuna, se podemos falar em “paisagens sonoras globais” ou “cosmopolitismo sonoro” (Fortuna, 1999). A Rua das Galerias de Paris está praticamente deserta, em silêncio. O mesmo acontece na Rua de Cândido dos Reis e paralelas. Chegamos à Rua do Almada, já muito perto da Avenida dos Aliados, e percebemos que os sons aqui presentes estão relacionados com o comércio presente nesta rua, em boa parte ligado às ferragens e à carpintaria. Aqui há ainda algumas lojas de discos e cafés recentes que deixam que a sua música ambiente se faça ouvir fora de portas.

Os Aliados percorrem-se ao som do trânsito. Os autocarros ditam o número da sua linha e o seu destino em cada uma das muitas paragens que por ali têm lugar. A isto junta-se a agitação das esplanadas e dos músicos de rua que por ali se fixam. Subindo Passos Manuel a agitação impõe-se. Perpendicular a Santa Catarina, artéria comercial de excelência, em Passos Manuel circulam pessoas com passos apressados e, a cada hora, os sinos, no edifício a meio da rua, dão conta do avançar do tempo.

Com o cair da noite toda a a Baixa se torna num lugar silencioso, mas este silêncio dura apenas até à chegada das primeiras pessoas, na sua maioria jovens. A Praça de Parada Leitão volta a ser um ponto de partida mas, desta vez, não o é só para nós. Por aquilo que se pode observar as esplanadas deste local servem de ponto de encontro para os grupos que vão passar a noite a divertir-se pela Baixa. O ruído das conversas impõe-se a partir das 23 horas e a música, pop/rock, faz-se ouvir cada vez mais alto no *Café D'Ouro*, ou *Piolho*, como habitualmente é chamado.

A Baixa é rica em géneros musicais, o que constitui uma experiência vantajosa para os que a frequentam, pois: “qualquer estilo musical pode fornecer uma experiência de arte valiosa para alguém - mesmo se pessoalmente eu não sentir qualquer atracção, porque a essência dessa música não envolve o meu modo de vida ou porque não contribui com nada de novo e original para mim” (Von Appen, 2007: 29).

Na Travessa de Cedofeita o *punk/rock* é rei e agita as conversas que se fazem pela rua, acompanhadas por um cigarro e por uma cerveja. O *V5*, o *Pherrugem* e o *Canhoto* são os espaços que mais contribuem para que este género musical impere por aqui, pois não acabam uma noite sem passar *Ramones*, *Queen of the Stone Age* ou *The Clash* no DJ set.

A Rua da Galeria de Paris e todas as suas paralelas recebem centenas de pessoas. As esplanadas estão cheias e o interior dos espaços também. A paisagem de sons compõe-se por conversas de rua, feitas num tom bem audível, e músicas que saem de dentro dos espaços. Pelos géneros diversos privilegiados pelos espaços destas ruas, temos obrigatoriamente que nos referia à música pensando numa lógica plural. Aqui a exclusão social e a hierarquia, quer dentro, quer fora da vida musical (DeNora, 2004) não têm lugar. Todos os géneros e todos os apreciadores encontram aqui o seu lugar.

Os Aliados são só um ponto de passagem e, se subirmos a Rua de Passos Manuel, para encontrar o *Maus Hábitos* e o *Passos Manuel* e ouvir a electrónica e o *indie rock* que privilegiam na sua programação, a agitação não é de todo comparável com a que se assiste do outro lado da Avenida. Esta mudança na paisagem fez-nos questionar se não estaremos perante não uma, mas duas Baixas, uma vez que a realidade a que se vê e que se escuta é tão diferente nas duas margens dos Aliados. Esta inquietação seguiu connosco para as entrevistas. Nelas tentamos perceber se, tal como nós, os nossos entrevistados partilham desta imagem. Desta feita, “o desenvolvimento de novos espaços de consumo (mais do que a desindustrialização), a recomposição social e o desenvolvimento de uma economia cultural na intersecção da iniciativa privada e das políticas públicas fizeram com que se modificasse a paisagem urbana e estes espaços têm uma boa quota-parte de responsabilidade nesse processo. A maior estetização dos quotidianos dos urbanitas, o desenvolvimento de novos espaços de consumo e de lazer e a gentrificação que traz para os centros das cidades uma nova classe média, são vertentes deste processo. Em especial, o processo de gentrificação promove o desenvolvimento de espaços culturais no interior da cidade e a instalação de indivíduos provenientes de grupos sociais do interior da «nova classe média», que são, em

muitos casos, produtores, dinamizadores e consumidores de estilos de vida que abraçam a estilização da vida e possuem disposições que os fazem receptivos aos bens e experiências culturais pós-modernas.” (Guerra, 2010: 783).

3. Search and destroy: olhares e métodos

*Sinto um formigueiro,
Nas mãos e nos braços
Passarinhos na cabeça
Catavento nos ouvidos
Mil antenas nos cabelos
Quem me leva, tenho pressa (...)
Hey, tenho asas nos, tenho asas.
Hey, tenho molas nos pés e salto. Clã (2011) - Asas Delta*

3.1. À procura de um objeto

Uma vez lançada a base desta investigação e acusados os alicerces teóricos que a sustentam, chega agora a altura de, aplicando todos os saberes e experiências angariadas até ao momento, projetar hipóteses que pensamos como justas ao contexto em análise, tecendo um modelo de análise adequado ao nosso percurso pela Baixa do Porto.

Desde o início desta investigação que levantamos a possibilidade de uma relação recíproca de causalidade entre a ideia de reabilitação das áreas devolutas dos centros históricos e o aparecimento de novos espaços culturais, lúdicos, musicais e comerciais. Apontamos o Porto 2001 e todas as intervenções efetuadas a propósito, como organismo responsável por uma ambiciosa operação de regeneração urbana. Criada uma “corrente” entre galerias, teatros, museus e praças da cidade, conseguida, em boa parte, devido ao redesenho dos passeios e vias da cidade, o Porto, em geral, e a sua Baixa, em particular, tornaram-se assim áreas mais convidativas à fixação de novos residentes e novos investimentos, tanto públicos como privados. Tanto a recuperação das artérias da cidade como os investimentos, tanto públicos como privados, têm fomentado uma viragem no perfil e papel da sua Baixa. Concomitantemente, as alterações motivadas pelo incremento de fluxos turísticos e pela emergência de negócios criativos na cidade têm vindo a acentuar essa mudança; também as alterações simbólicas têm colocado o Porto no centro da atenção “mundial”. Assim, a requalificação do Porto tem passado por uma indelével componente cultural e simbólica, demonstrativa de uma nova forma de ser e fazer cidade, sendo possível aventar uma relação hipotética entre o investimento e o aparecimento de novos espaços culturais, lúdicos, musicais e comerciais e o repovoamento das áreas devolutas na Baixa da cidade.

Mas, porque a tónica desta abordagem são as manifestações musicais, importa para nós verificar o papel que estas podem ter assumido na recomposição da identidade da cidade e

do seu perfil urbano. Questionamo-nos se serão os projetos culturais-musicais o “novo nervo” que a cidade precisa e alimenta. Se, de facto, estes se provarem responsáveis pela reabilitação e redinamização da Baixa portuense, levantam-se então questões acerca dos protagonistas deste regresso ao centro da cidade. Admitimos que estes pontos de animação e intervenção, pelo espírito de mudança e reconfiguração da imagem da cidade que incorporam, possam criar um cenário atrativo para uma nova geração de residentes cujo perfil-tipo corresponde ao de consumidor regular de atividades pensadas por e para estes espaços - jovens adultos, até aos 40 anos, membros de classes médias urbanas, ligados a ocupações em áreas artísticas, de *design*, arquitetura ou afins (Queirós, 2007). Assim, o som da Baixa, concentrado em espaços de mediação e fruição musical, poderá ser assumido como o compasso que pauta a recomposição da identidade da cidade.

Acompanhando a linha de pensamento de Chris Hamnett (2000) e Walter Rodrigues (1992; 1997), o centro da cidade do Porto é reocupado por um segmento social, com um estilo de vida muito específico. Afirma-se como restrito este grupo de gentrificadores da Baixa do Porto. Após reflexão, questionamos a sustentabilidade de novos projetos e espaços nesta cena, assim como o impacto que a cultura pode de facto assumir na reabilitação e reabilitação urbana, quando o número de interessados nela é tão reduzido.

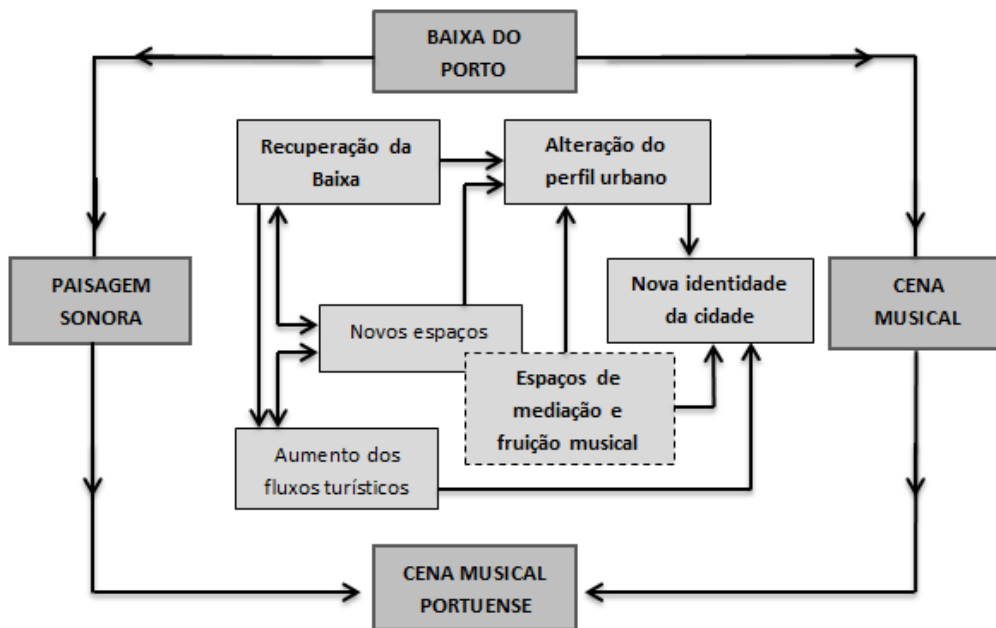
Olhando a cidade como uma cena musical, é do nosso interesse averiguar se existe a possibilidade de colocar a relação música-lugar no leque de estratégias para o desenvolvimento territorial e pensar a Baixa como um bairro cultural, semelhante a Manchester ou Liverpool, onde a cultura é a mola impulsionadora para o desenvolvimento pós-industrial. Não será necessário encontrar referências à cidade em letras de músicas ou filmes, como aconteceu em Manchester, muito menos apontar o Porto como berço de um novo estilo musical, o importante é conseguir perceber se a música é um fator tido em linha de conta no momento de projetar as linhas de desenvolvimento para a cidade.

Ainda na lógica da cena musical, levando em linha de conta a tricotomia avançada por Andy Bennett (2004) e, por isso mesmo, focando as atenções na cena translocal, levanta-se ainda a hipótese, pela Baixa portuense se assumir hoje como espaço de excelência para a receção de turistas europeus (muito devido à entrada do Porto nas rotas de aviação das companhias *low cost*), deste espaço sofrer influências vindas de outros pontos do continente, e não só (resultado de intensos fluxos globais de pessoas e do esbatimento de barreiras físicas).

Portanto, interessa averiguar se esta se trata de uma cena predominantemente local ou translocal (transnacional) e perceber aqui o papel dos espaços e das redes sociais.

De forma muito específica, interessa identificar as dinâmicas culturais, lúdicas e musicais que têm sido associadas à Baixa nos últimos cinco anos e avaliar os impactos dessas mudanças do ponto de vista económico, cultural, artístico e social.

Quadro 3 – Desenho de uma abordagem



3.2. Uma pluralidade de ferramentas

Com vista a cumprir os objetivos propostos, encontrou-se na combinação do paradigma quantitativo com o qualitativo o desenho metodológico mais adequado; porém, se nesta relação tivermos que encontrar um paradigma dominante e um dominado (Creswell, 1994), atribuímos ao paradigma qualitativo o lugar cimeiro na relação de dominação, pois, apesar de existir a pretensão de chegar a valores estatísticos ligados ao consumo nos espaços selecionados, a tónica da investigação cai nas leituras e nos significados que os atores, que são parte da cena musical da Baixa, fazem da realidade que hoje se vive nessa mesma área da cidade. Apesar de dominante, pelos limites que são conhecidos deste paradigma, nunca ele deixaria de ser complementado pelo paradigma quantitativo, o mesmo que é marcado pela objetividade, extensividade, formalidade e imparcialidade. Apostamos portanto na

triangulação e procuramos, um pouco à luz do que defende Teresa Duarte (2009), fazer uma investigação a três, alicerçada, nomeadamente na triangulação técnica.

A complexidade dos processos em jogo na cidade e na Baixa do Porto exige que todos os que se lançam no desafio de a estudar partam de diferentes olhares sobre a mesma, sendo impossível a identificação de uma imagem única dela. No fundo, obriga um esforço de conciliação de diferentes contributos analíticos numa prática constante de inter e transdisciplinaridade. Como facilmente se compreende, diferentes olhares implicam formas distintas de aproximação e contacto com a realidade urbana o que, por sua vez, nos remete para um exercício essencial de triangulação metodológica e técnica. É a este cruzamento metodológico permanente que nos propomos, partindo de um princípio que recusa uma “metodologia apriorística” (Silva e Pinto, 2003) que assuma mecanismos intemporais e uniformes. A lógica que enquadra este nosso percurso é mista, isto é, tem pendor quantitativo e qualitativo. Bourdieu e Wacquant (1992) defendem o envolvimento do produtor de conhecimento nos resultados do seu trabalho. Com base neste pressuposto, encetamos uma pesquisa reflexiva baseada na clarificação do primado da interpretação, regendo-se por duas características básicas: a explicação cuidada dos fenómenos e a própria reflexão em si, expressa a partir da interpretação da interpretação.

O itinerário metodológico pensado operacionaliza-se numa série de técnicas. São elas: a pesquisa documental, a observação etnográfica, a entrevista semidiretiva e o inquérito por questionário. “Uma investigação é algo que se procura. É um caminhar para um melhor conhecimento e deve ser aceite como tal, com todas as hesitações, desvios e incertezas que implica.” (Quivy, 1998:31). Partindo desta premissa, a componente técnica do desenho metodológico que aqui se apresenta serve como instrumento de construção desse itinerário.

A primeira paragem deste itinerário é na pesquisa documental: a somar às leituras de carácter exploratório, imprescindíveis para melhor conhecimento e contextualização do objeto em estudo, considerou-se de interesse relevante passar em revista os jornais do Público, publicados num período de 6 anos (Setembro de 2006 a Setembro de 2012), espaço de tempo suficiente para nos apercebermos de mudanças na Baixa do Porto, desencadeadas pelos espaços de animação e intervenção cultural que lá se encontram fixados. Escolhemos este período temporal por ser aquele em que a Baixa ganhou os contornos que hoje conhecemos e por serem os anos em que mais espaços de animação e intervenção cultural abriram nesta área da cidade.

Estes seis anos proporcionaram-nos um total de 51 notícia, que tratamos devidamente numa grelha de análise de conteúdo, da qual constavam, para além de todos os dados necessários para a referência bibliográfica, um grupo de temáticas e subtemáticas (as mesmas que apresentamos no quadro 2) para situar a notícia, uma descrição breve da publicação, a nomeação dos espaços e atores/intervenientes na mesma e um espaço para a recolha de excertos, possivelmente a serem usados mais tarde, na redação final da Dissertação.

A observação etnográfica foi uma das técnicas que nos acompanhou durante toda a investigação (adotando por isso um carácter exploratório e, mais tarde, confirmatório). Ela foi fundamental para formularmos uma primeira impressão dos espaços, dos frequentadores e das dinâmicas que têm lugar nos mesmos, mais tarde, foi ajuda preciosa no momento de pensar as questões a considerar na entrevista e no inquérito, e serviu ainda para confrontar os dados que obtivemos da aplicação destas duas técnicas com a realidade que observamos. Repetimos os momentos de observação por duas dezenas de vezes e só não aumentamos este número de registos porque nem sempre foi fácil comportar as despesas das deslocações e das entradas em alguns eventos pagos dos espaços. Todos estes exercícios de observação foram orientados por uma grelha da qual constam dimensões como: a caracterização do espaço, do público e a forma como este se relaciona com o espaço e entre si.

As entrevistas semidiretivas foram outras das nossas paragens. A técnica que melhor representa o paradigma qualitativo foi aplicada, por 15 vezes, a gestores e programadores dos espaços acima apresentados, a músicos e DJ's que têm *nesta cena a sua cena*, e a estudantes que, por serem habituais frequentadores de espaços que marcam a noite da Baixa do Porto, privilegiam essa área da cidade para residir (nesta última fração da amostra contemplamos ainda dois estudantes Erasmus, de forma a tentar captar o impacto que esta cena pode ter tido no momento da escolha do Porto como destino). Com a repetição desta técnica, conseguimos chegar até leituras e significados que estes entrevistados atribuem ao fenómeno em estudo.

Privilegiamos esta modalidade de entrevistas por ser aquela que permite atingir mais detalhe face a experiências pessoais e decisões, tornando-se possível compreender o encadeamento de acções. Subjacente a este exercício está sempre a tentativa de elaboração de guiões que constituam uma “moldura” para a discussão, permitindo uma progressão lógica de abordagem dos fenómenos em causa, sendo estes instrumentos delineados ao início, mas nunca deixando de assumir um carácter flexível. É este carácter flexível que permite a “reflexividade” num intuito de ultrapassagem da assimetria na relação de entrevista, por via

de uma escuta activa e metódica. Para conhecer o lado da procura cultural e sonora da Baixa, recorremos aos gestores e programadores dos espaços, aos músicos e produtores e ainda aos fruidores; assim, procuramos agentes individuais, pois partilha de experiências, ainda que contrastantes, constrói uma imagem de interesses comuns, permitindo a problematização de questões de interesse público.

Quadro 4 - Amostra das entrevistas semiestruturadas

<i>Tipo de entrevista</i>	<i>Tipo de entrevistas</i>
Gestores e programadores	4
Músicos e DJ's	4
Estudantes	7
<i>Total</i>	15

Construímos três guiões de entrevista diferentes, um para cada tipo de entrevistado.⁷ Todos eles procuraram captar a relação do entrevistado com a música e conhecer os seus consumos culturais; este foi eixo comum entre os três. Depois, no caso dos músicos e DJ's, fomos atrás de compreender a ligação destes ao projeto e a relação do projeto com a Baixa (entenda-se que os espaços são aqui englobados por este conceito) e com os seus públicos. Aos gestores e programadores dos espaços pedimos uma descrição do local a que estão associados, por o conhecerem melhor do que nós alguma vez o pudemos observar. Procuramos os objetivos inerentes à projecção do lugar, conhecemos o modo de funcionamento, a lógica de programação e interessou-nos compreender a relação do espaço com semelhantes e com o seu público. Com os estudantes procuramos conhecer a Baixa enquanto um espaço vivido, ou seja, saber quais os espaços que frequentam, em que companhia fazem essas saídas, que significados lhe atribuem, e, enquanto espaço habitacional, quisemos conhecer as razões que os levam a viver na Baixa, ou perto dela, e não noutras áreas da cidade.

Os entrevistados, a que fomos chegando num movimento de bola de neve, foram escolhidos pela combinação de dois fatores fundamentais: a sua importância e/ou contribuição para a cena e a sua disponibilidade de contacto. Há que destacar aqui a importância das redes sociais, veículo que permitiu o contacto com uma boa parte dos entrevistados, contacto esse

⁷ Os guiões de entrevista podem ser consultados nos anexos desta Dissertação.

que, de outra forma, muito provavelmente não se realizaria. De acrescentar ainda que estas entrevistas foram sujeitas a uma análise temática e a grelha de análise de conteúdo pode ser consultada em anexo.

O inquérito por questionário⁸ foi a última das nossas paragens. Aplicamos esta técnica com vista a criar perfis-tipo de frequentadores dos espaços em estudo e consumidores de atividades neles concretizadas, foi estruturado um inquérito com o objetivo de recolher informação capaz de dar resposta ao objetivo levantado. A informação que fomos recolhendo, através da observação etnográfica, permitiu-nos conhecer a nossa população e registar traços referentes à sua heterogeneidade. Estes dados contribuíram significativamente para o desenho da nossa amostra; uma amostra não aleatória, conhecida no meio académico como uma amostra por quotas. Estimamos o número médio de frequentadores do espaço, por noite, e tentamos cobrir com os inquéritos 20% desse número (ver quadro 4). Para além disto, atendemos, claro, às particularidades do público de cada lugar.

Quadro 5 - Amostra do inquérito por questionário

<i>Espaços</i>	<i>N.º de inquiridos</i>
Maus Hábitos	42
Passos Manuel	34
Plano B	54
Total	130

De acrescentar ainda que os inquéritos foram administrados indiretamente (a inquirição foi efetuada pelo investigador) e a justificação é muito simples: os espaços onde os inquéritos foram administrados são locais de diversão, de consumos e, muitas vezes, de excessos, ou seja, não faltam, no local, condições propícias para não respostas, ou respostas inválidas. Para evitar esta situação, a tarefa de inquirir foi executada pelo investigador. Tornou-se mais demorada, mas mais proveitosa.

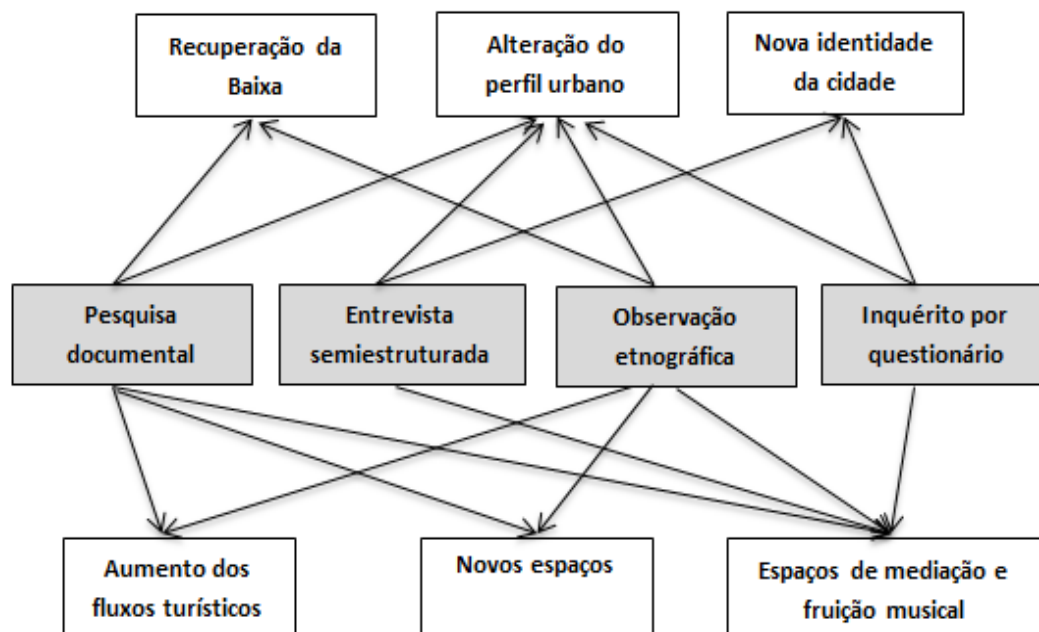
Com o inquérito procuramos conhecer o inquirido e o seu agregado familiar, a fim de traçar um perfil sociográfico para a nossa amostra, e nomeamos como principais dimensões a

⁸ O inquérito por questionário pode ser consultado nos anexos desta Dissertação.

relação do inquirido com o espaço em que se encontrava, aquando da aplicação do inquérito, as suas preferências e representações acerca da Baixa e os seus gostos musicais.

Assim, socorremo-nos de uma diversidade de técnicas recobrindo a complexidade e volatilidade inerente ao fenómeno em presença.

Quadro 6 – Rede técnico-metodológica



A complexidade da qual a cidade e estas atmosferas se revestem obriga que todos os que se lançam no desafio de a estudar partam de diferentes olhares sobre a mesma, sendo impossível a identificação de uma imagem única dela. “Uma cidade contém muitas cidades, cada uma com a sua verdade própria. As cidades não se mostram inteiras nem uniformes e é trabalhoso aceder ao que se esconde por detrás das aparências óbvias. A viagem pelos circuitos explícitos desliza facilmente por códigos simples: aqueles que dominam. Mas esses não são os únicos, nem serão os mesmos para sempre. Face à leitura estandardizada da cidade (o circuito, o guia oficial, o trajecto turístico), há outras formas mais trabalhosas, mas igualmente verdadeiras, de se acercar a ela. São as aproximações a partir da ausência, a queixa e o desejo de mudança, que procuram o sentido acima ou mais além dos aparentes significados neutrais das coisas”. (Durán, 1998, p.51 *in* Guerra, 2010). No fundo, exige um esforço de conciliação de diferentes contributos analíticos numa prática constante de inter e

transdisciplinaridade⁹. Como facilmente se compreende, diferentes olhares implicam formas distintas de aproximação e contacto com a realidade urbana o que, por sua vez, nos remete para um exercício essencial de triangulação metodológica e técnica. É a este cruzamento metodológico permanente que nos propomos. Numa lógica sumária, assumimos que “Todo o conhecimento é auto-conhecimento e todo o desconhecimento é auto-desconhecimento.” (Santos, 2003: 58). Neste sentido, o resultado final de um trabalho de investigação, refletindo sempre quem o pensou e construiu através do uso de instrumentos plurais, pretende assumir-se como um contributo de conhecimento. Enquanto tal, ele deve dar conta das conclusões e dos meios que a elas conduziram, não descurando o lugar do investigador enquanto um ator que vive experiências e percorre trajetos de sensações.

3.3. Uma estratégia para olhar a cidade

Se hoje nos encontramos, como reclama Teixeira Fernandes, perante “um novo tipo de social” (1998: 20), permeado por fenómenos sociais complexos, devemos abraçar o “ecletismo metodológico” (Lopes, 1996: 81), que elogia João Teixeira Lopes, para o estudar com rigor. Seguindo de perto este pensamento decidimos tornar mais valiosa a nossa metodologia de investigação cruzando a fotografia com a articulação do paradigma quantitativo com o qualitativo, que já descrevemos.

A Fotografia e a Sociologia, apesar do encontro tardio, sempre estiveram muito perto uma da outra. Em 1939, com uma exposição de Daguerre, nascia a Fotografia. Cinco anos mais tarde, Auguste Comte publicava o “Discours sur l'esprit positif” e fazia assim surgir a Sociologia. A fotografia rapidamente se tornou uma prática comum, de tal forma que Bourdieu não se inibiu de a apelidar de “arte média”, ainda assim, os sociólogos clássicos sempre estiveram mais voltados para a palavra. No entanto, como contra-exemplo para esta postura surgem trabalhos de nomes como o de Bourdieu, Goffman e Becker, entre outros.

Pierre Bourdieu dedicou-se à análise dos usos sociais da fotografia e acabou por concluir que esta é um instrumento útil para guardar memórias, eternizar momentos e registar acontecimentos socialmente relevantes, ou seja, nascimentos, batizados, comunhões, casamentos, entre outros.

Goffman estudou a representação da mulher na fotografia publicitária e demonstrou como o ser feminino é representado numa posição inferior, frágil e subalterne (1999:166),

⁹ Afinal, “A fragmentação pós-moderna não é disciplinar e sim temática.” (Santos, 2003: 48).

provando assim que a fotografia publicitária refletia estereótipos sociais. Em 1974, Becker, que sempre viu na máquina fotográfica um instrumento capaz de comunicar tanto, ou mais do que a máquina de escrever, veio defender a atitude de interdisciplinaridade entre fotógrafos e sociólogos. Para este sociólogo a troca de saberes entre estas duas disciplinas seria proveitosa para ambas; os sociólogos deveriam conhecer os documentos sociais dos fotógrafos e estes, caso as teorias sociológicas não lhes fossem estranhas, com maior facilidade atribuiriam forma aos seus projetos.

Apesar destes trabalhos terem consolidado a metodologia fotográfica, ainda hoje se põe como questão: Mas será que a fotografia reflete a realidade social? Nós partilhamos da opinião que a resposta a esta questão é afirmativa, daí termos tomado a decisão de considerar este material na nossa Dissertação. As fotos que já apresentamos e continuaremos a apresentar ao longo destes capítulos refletem o que na Baixa e nos seus espaços tem lugar; retratam os locais, a forma como os indivíduos se apropriam deles e a maneira como interagem em si e com a música. Acreditamos que, através delas, um leitor que desconheça a realidade que descrevemos, facilmente se elucida a esse respeito. As palavras que as fotografias nos poupam são as mesmas que enriquecem a leitura de quem faz connosco este percurso pela cena musical portuense.

De acrescentar que, parte das fotografias utilizadas são da nossa autoria, porém, pela qualidade e pela facilidade de acesso, não descartamos as fotografias publicadas pelos espaços nas redes sociais, atribuindo-lhe o devido reconhecimento, como é claro. Partilhamos até da opinião que esta utilização constitui até uma mais-valia, por assim ser possível demonstrar um ponto de vista que vai além do nosso.

“A fotografia é um fragmento que faz parte do mundo.” (Sontag, 1981: 14) Não ignorando que, no momento da sua captura, dá-se a escolha de um enquadramento, no meio de tantos possíveis, a imagem vai sempre representar algo que, na realidade, sempre existiu. Por isto mesmo a fotografia estará presente nesta investigação, até porque partilhamos a convicção de que a câmara permite “congelar um instante, o momento decisivo, o que permite depois ser visto, revisto e interpretado” (Miguel & Pinto, 2002: 26) e é isso mesmo que pretendemos: perpetuar um momento que seja capaz de traduzir o que em muitas palavras escrevemos.

4. Cena musical portuense: atores e dinâmicas num lugar falado

Mas com uns pós modernos nada complicados sentimo-nos realizados

Ah! Os pós modernos agarram na angústia

E fazem dela uma outra indústria

Com os pós modernos nunca ganhamos

Mas também nada investimos. GNR (1986) – Pós Modernos

Caputar a forma como cada sujeito se apropria de uma determinada realidade e conhecer as representações construídas acerca da mesma são ocupações da Sociologia. Neste sentido, fomos à procura de conhecer melhor a relação que responsáveis pela produção, divulgação e fruição musical, na Baixa do Porto, têm com esta cena musical, almejando desvendar, em cada um dos discursos, os significados atribuídos ao fenómeno em estudo. Apresentamos os resultados a que chegamos através das entrevistas realizadas a músicos e DJ's, seguimos revelando os comentários vindos do lado da divulgação, ou seja, dos mediadores desta cena (donos e programadores dos espaços) e terminamos com o discurso de quem tem Baixa o seu ponto de lazer e consumo. Conscientes de que “a cidade é simultaneamente um fenómeno económico, político, cultural, etc., e acrescentar que todo o aspecto está ligado indissoluvelmente aos outros, por isso é influenciado por eles e, ao mesmo tempo, contribui para os definir” (Meda, 1999: 43) fomos, como diz Foucault, construir uma história dos lugares e, ao fazê-la, escrevemos também uma história de poderes (2007). Os espaços ganham vida, temporalidade e conteúdo, quando superam a ilusão da “transparência” e a ilusão realista. Se a primeira toma o espaço como um reflexo do quadro mental humano, a segunda tende a olhar para o lugar e toma-o como desvinculado dos quadros relacionais e práticas dos agentes sociais (Lefebvre, 2000).

4.1. Os discursos do lado da produção

O aparecimento das cenas é muitas vezes motivado pelos esforços de habitantes locais, indivíduos com interesses relacionados, gostos e ideais partilhados e redes intensas de sociabilidades (Blum, 2001: 11-13). Os músicos e os DJ's que entrevistamos encaixam com precisão neste diagnóstico de Blum. Residentes na cidade do Porto, relacionam-se pelo interesse comum que têm pela música, partilham o ideal de vingar na cena musical portuense e integram fortes e extensas redes sociais. Os nossos entrevistados, nesta categoria, são consumidores de excelência de cultura e deixam que este *hobbie* lhes ocupe uma boa parte dos tempos livres. Mesmo com as atenções voltadas para a música, não descuram do cinema,

nem da literatura. De uma forma ou de outra, estes posicionamentos indiciam que a música é a transposição dos princípios e propriedades estruturais da vida social (Guerra, 2010), podendo ser uma matriz de moldagem de novas subjectividades e das exteriorizações destas: “por outras palavras, a música pode ter ajudado a delinear novas subjectividades e os seus correlatos externos como convenções da acção (musical), mas o acesso a estas não estava aberto a todos os executantes musicais (caso das mulheres)” (DeNora, 2004:217).

“Pode parecer um bocado cliché, mas é música, leitura e cinema. Música sempre. Eu estou sempre, sempre, sempre a ouvir música. Estou sempre a ver filmes, sempre a ver séries mas a música será sempre o número um. É um pouco mais do que os outros todos.”

Alexandre, 31 anos, Marketeer, Porto.

“A maior parte é música, são concertos, sem dúvida. Sigo de perto cinema e teatro. Sigo de perto museus e assim mas, nesse nível de oferta, não estamos, se calhar, tão bem servidos quanto as restantes.”

Miguel, 28 anos, Engenheiro Informático, Porto.

Para vislumbrar com maior clareza a importância da música na esfera dos consumos culturais, pedimos que, comparativamente aos outros consumos, descrevessem o consumo de música em termos quantitativos. Chegamos à conclusão a ligação dos entrevistados aos consumos musicais se fixa na ordem dos 70%, 80%.

“Comparativamente às outras, diria 70/30. 70 para a música e 30 para o resto.”

Alexandre, 31 anos, Marketeer, Porto.

“Talvez 70%, ou 80% da cultura que eu consumo está, diretamente ou indiretamente, ligada à música.”

Miguel, 28 anos, Engenheiro Informático, Porto.

“A música ocupa 75% dos meus tempos livres. As restantes artes ficam com os 25% que restam.”

Filipe, 40 anos, Músico, Porto.

“Eu não tenho dúvidas que é um 80/20. Eu vivo muito da música e para a música e, às vezes, até me esqueço que há mais para além disso.”

Rafael, 27 anos, Arquitecto, Porto.

Mas de onde vem este interesse tão assinalável pela música? Se alguns dos entrevistados o encararam como uma construção natural, feita ao longo dos anos, dois deles viram em familiares potenciais responsáveis por este gosto.

“Acho que, desde miúdo, o meu pai me pôs a ouvir música e depois, a partir daí, comecei a ganhar um gosto.”

Alexandre, 31 anos, Marketeer, Porto.

“Eu, por influência do meu irmão, que é 8 anos mais velho do que eu, lembro-me de ficar fascinado com música talvez com 10, 11 ou 12 anos, e adquirir alguns hábitos que, pelo menos, não eram tão habituais nos meus amigos, por exemplo: gravar cassetes. Gravava imensas cassetes. Saber mais sobre as bandas, recortar coisas.”

Miguel, 28 anos, Engenheiro Informático, Porto.

O facto de consumirem tanta música, desde tenra idade, conduziu a que o aparecimento do seu projeto musical fosse uma coisa extremamente natural, de tal forma que não têm para ele grande justificação. O interesse partilhado pela música, a vontade comum de a passar junto de um público e a aceitação dessa proposta pelos espaços de animação e intervenção cultural foram os três fatores que, uma vez combinados, resultaram na emersão de algo novo, de um projeto novo.

“Era eu e um colega meu. Nós conhecemo-nos através de amigos comuns, num bar na Ribeira, que se chama O Meu Mercedes. Conhecemo-nos na noite e começamos a sair juntos, em grupo, numa altura em que a Baixa, tal como existe hoje, ainda não existia. Tínhamos a Ribeira e o Tendinha dos Clérigos estava ali próximo de surgir. Nós íamos muito ao Mercedes, íamos muito ao Rádio, que, na altura, também era na Foz. O Mercedes tinha uma forte componente de música nova, muito ligada à música independente, à música menos mainstream. Eu e o meu colega ouvíamos a música e consumíamos muita música em casa e vínhamos muito ao Tendinha. Quando o Tendinha abriu pensamos: “Nós conseguimos fazer melhor do que isto.”. Foi tão simples assim. “Pois, se calhar conseguimos. E se experimentássemos? Mas como é que isto se faz? Não sei, vamos falar com os donos.” Então, fomos falar com os donos e fomos perguntar: “Acham que é possível passar música? Experimentar a uma terça ou quarta-feira?” Não cobramos cachê, foi só mesmo para experimentar. A primeira vez correu relativamente bem, porque tínhamos lá os amigos, a segunda vez foi um desastre, porque não sabíamos mexer com o equipamento, depois a terceira, quarta e quinta começou a correr melhor. Depois começamos a passar música mais intensamente.”

Alexandre, 31 anos, Marketeer, Porto.

“Não me lembro qual foi o motivo. Foi do género: “Vamos pôr música?”, e eu: “Sim, vamos pôr música.”. Na altura...Isto foi em 2005, ou 6. Diria 2005. Decidimos mesmo começar a procurar um sítio e, na altura...isto já foi há realmente muito tempo...a Baixa não era, de todo, o que é agora. Arranjamos um sitiozinho, muito pequeno. Fomos lá ver uns amigos nossos a pôr música...Nem eram amigos nossos. Eram amigos de uma amiga minha que iam pôr música. Passavam alto rock. Muito fixe. E nós pensamos que era o sítio ideal para pôr música. Era um sítio pequeno, tranquilo. Vamos pôr. Era o Galeria Bar, ali na Rua das Flores. Já fechou há n. Começamos a pôr aí.”

Miguel, 28 anos, Engenheiro Informático, Porto.

Amantes do *rock* e da *electrónica*, estes projetos não poderiam assentar noutros géneros musicais. Para além deste gosto pessoal, em 2005/2006, eram estes os géneros impostos na Baixa, reclamam os entrevistados, portanto, se a ambição passava por encontrar nesta cena espaços para passar música, havia a necessidade de ajustar a oferta à procura. Sempre a par da última novidade, nomes como *Justice*, *Daft Punk*, *The Strokes*, *Black Rebel* ou *The Doors* nunca deixaram de figurar nos *sets*. O objetivo passava por dar ao público parte do que eles estavam habituados a ouvir e gostavam e introduzir novas tendências.

*“Estávamos constantemente a passar música e levamos esse registo, muito baseado no rock de guitarras, mas tentando sempre colocar alguma componente de eletrónica, porque era uma altura em que a eletrónica estava a ganhar algum peso, relativamente às guitarras. Nós estávamos a ouvir os *Justice*, ou os *Daft Punk* e também queríamos introduzir e também queríamos introduzir esse tipo de música nos nossos *sets*. E fomos fazendo. Fomos conquistando algum espaço, exatamente por essa diversidade. Não passávamos apenas o rock na onda dos *The Strokes*, *Black Rebel*, ou *The Doors*, mas também esticávamos um bocadinho a corda para as novas tendências, que estavam a surgir na altura.”*

Alexandre, 31 anos, Marketeer, Porto.

Porque os projetos surgiram de uma forma tão espontânea e natural, nenhum deles foi pensado numa lógica profissional. Conscientes da dificuldade que é viver da música em Portugal, estes projetos foram encarados como uma forma de expressão artística, uma maneira de partilhar um gosto, de romper barreiras e não como uma forma de sustento. Em último caso poder-se-á dizer que estes projetos foram pensados numa lógica semiprofissional, pois a dedicação foi máxima, mas nunca foi possível dispensar a atividade profissional paralela. Tal realidade não deixa descontentes os entrevistados, uma vez que estes mostraram temer perder o prazer que têm ao trabalhar a música, se o fizessem somente para ganhar dinheiro.

4. Cena musical portuense: atores e dinâmicas num lugar falado

“Acho que um semiprofissionalismo seria a palavra mais indicada. Tínhamos os dois perfeita noção do país em que vivemos e de toda a conjuntura em que estamos inseridos. Em Portugal é impossível, exceto, se calhar, para duas, três, quatro pessoas, terem um projeto como DJ e viver disso. (...) Tínhamos os dois perfeita noção que tínhamos que ter uma vida complementar. E depois, lá está, acho que ser o semiprofissionalismo, é mais um escape para o que fazemos no dia-a-dia, torna a coisa mais divertida. Dou o exemplo do Carlos Paredes que sempre manteve o seu day time job, porque dizia que, a partir do momento em que se dedicasse à música para ganhar dinheiro, ia perder o gosto.”

Alexandre, 31 anos, Marketeer, Porto.

Figura 4 - DJ set no Plano B e reações do público



Fonte: Imagem construída a partir de fotografias retiradas da página de Facebook do Plano B

À medida que as atuações se foram somando, os projetos ganharam novas proporções, criaram novas exigências, pediram mais entrega, dedicação e responsabilidade. O grande marco na evolução destes projetos foi a entrada em espaços com nomes já consagrados (o *Tendinha* e o *Plano B* são aqui tomados como exemplos disso mesmo). Tal descrição leva-nos a chamar para a discussão o processo de produção-consumo das atividades culturais; composto por três fases (criação artística e produção; difusão do produto cultural e receção do mesmo), por norma, as mais marcadas pelo efeito do meio, são a primeira e a última. O discurso dos músicos/DJ's que entrevistamos mostram isso mesmo, em relação à primeira etapa deste processo: há uma dependência do meio para que as coisas funcionem. Tanto a produção, como a receção de um produto cultural exige uma forte proximidade e

aglomeração, já a segunda etapa do processo, a fase da divulgação/transmissão do produto cultural, uma vez apoiada pelo desenvolvimento tecnológico, mostra-se mais desterritorializada. Contudo, nem todos os que se debruçam sobre este assunto partilham da mesma opinião. O ponto de vista do sociólogo Pedro Costa é um exemplo de confronto a esta redação, ou não defendesse o autor que as editoras, promotoras e distribuidoras independentes que surgem num contexto urbano central acabam por orientar o seu foco para esse mesmo contexto (Costa, 1999).

Os entrevistados referem que a entrada em espaços como os que acima nomeamos acabou por conferir uma maior seriedade aos projetos, trazer mais preocupações, mas acrescentam que os benefícios foram incontáveis.

“Foi acontecendo. “Vamos marcar? Vamos. Se der alguma coisa, dá. Se não der, não dá.”. E depois correu bem aqui, vamos tentar aqui. Acho que o ponto de viragem é, sem dúvida, o Tendinha. Acho que aí as coisas ficaram muito mais sérias.” “Éramos um pouco DJ’s de ter por casa, ou seja, entre 2005 e 2008. Depois, quando começamos a pôr música no Tendinha e, quase paralelamente, somos convidados a pôr música no Plano B, começam a acontecer uma série de coisas boas. Aí dá-se o salto para algo mais sério.”

Miguel, 28 anos, Engenheiro Informático, Porto.

“Começar a passar música no Armazém do Chá foi qualquer coisa. Estava mesmo nervoso na primeira vez que o fiz. (...) Tive muito mais trabalho a partir daí, as coisas que faço começaram a ter maior reconhecimento. Só coisas boas.”

Rafael, 27 anos, Arquitecto, Porto.

4. Cena musical portuense: atores e dinâmicas num lugar falado

Figura 5 - DJ set no Plano B (em cima) e no Maus Hábitos (em baixo)



Fonte: Fotografia da autora (em cima); fotografia do espaço no Facebook (em baixo).

Para fazer face a esta projeção e conquistar um público, os intervenientes nestes projetos tiveram que arrojar e completar as suas performances com dinâmicas originais e atrativas. A tarefa de fidelizar seguidores, independentemente do número maior ou menor de esforços aplicados nesse sentido, mostra-se hoje difícil, em boa parte devido à facilidade de acesso às últimas novidades da esfera musical. O papel do DJ é assim desafiado e este desafio torna-se mais difícil de ser superado quando as energias do sujeito se desviam noutros sentidos (família, casa, trabalho, novos projetos).

“É assim, o meu irmão, eu acho que vai ter 70 anos e continuar a pôr música, não o tenho dúvidas. Eu já o faço com muito menos regularidade, por dois motivos. Primeiro porque, de facto, começaram a haver menos datas e sítios a falar connosco e, porque eu não consigo dedicar tanto tempo ao projeto, quanto dedicava. Trabalho. A fase com os meus pais, em que tudo era feito magicamente, acabou. Moro sozinho. Tenho que fazer um monte de coisas. Estou envolvido em muitos mais projetos.

Miguel, 28 anos, Engenheiro Informático, Porto.

“As pessoas consomem muito e muito rápido. Uma coisa que saiu ontem, hoje já não é novidade. Hoje já querem outra coisa nova. As pessoas já não ficam fidelizadas a um ou outro grupo. (...) Tens que ser muito melhor em tudo. Antigamente era fácil. Uma vez um gajo disse-me: “Quem tem olho, em terra de cego, é rei”. Hoje já há poucos cegos e muita gente com olhos. Hoje em dia, se queres fazer alguma coisa, tens que ser genuíno naquilo que fazes, tens que saber que já estás a competir com coisas já muito boas. (...) Tens que ser genuíno naquilo que estás a fazer e se estás a fazer uma coisa a pensar no público que queres atingir, na rádio que vai passar, as pessoas vão perceber isso e depois tens tudo para funcionar, mas não funciona. Tens tudo para cativar, mas não cativa. Às vezes é isso: tens de fugir daquela coisa.”

Filipe, 40 anos, Músico, Porto.

Apesar das dificuldades, os entrevistados conseguem desenhar um público para o seu projeto; descrevem-no como sendo jovem (idades entre os 20 e os 35 anos), equilibrado no que diz respeito ao sexo dos indivíduos que o compõem e bastante ligado às artes e a profissões criativas. Quisemos saber se este público que descrevem é de facto do seu projeto ou do espaço onde atuam. Responderam-nos que, numa primeira fase, são os amigos compõe quem compõe o público. A situação só se altera quando se dá a entrada em espaços de maior dimensão e afluência de pessoas. Só aí é que os amigos e conhecidos são substituídos pelos frequentadores dos espaços e a tarefa de passar muito torna-se mais desafiante, ou não tivessem confessado os entrevistados ter amigos facilmente conquistados.

“Acho que primeiro há essa fase, em que nós começamos e tínhamos o nosso público, que ia às nossas festas, mas depois os bares começaram a tornar-se tão grandes que aí passou a ser o público dos espaços. A partir do momento em que começam a ser os públicos dos espaços e deixam de ser o teu público tu, de certa forma, tens que deixar de ser tu.”

Alexandre, 31 anos, Marketeer, Porto.

“Quando não são os amigos ou os conhecidos que nos estão a ouvir, as coisas são mais desafiantes. Aos amigos agradas sempre, os outros têm que ser conquistados.”

Rafael, 27 anos, Arquitecto, Porto.

Se até agora demonstramos o impacto dos espaços de animação e intervenção cultural na divulgação e consolidação dos projetos musicais, invertamos agora a lente de análise e exploremos as alterações que os trabalhos dos produtores podem despertar nestes espaços. Um dos nossos entrevistados, porque sempre colocou a música no centro da sua atenção e se dedicou a ela sem condicionantes, é frequentemente apontado como um dos maiores contribuintes para a cena musical alternativa que estudamos. Iniciou a sua carreira em 2001, ou seja, numa altura em que a Baixa da cidade não conhecia nem os espaços, nem as dinâmicas que hoje tomam nela lugar, e atreveu-se a explorar uma cena desconhecida no Porto: o alternativo. Esta audácia para “remar contra a corrente” resultou num trabalho bem acolhido, tanto pelos espaços, como pelos públicos e ditou a tendência para os anos seguintes.

“Quando eu comecei não havia nada de alternativo. Isto foi em 2001. Em 2001 havia a zona industrial, os Vias Rápidas e essas coisas de música House e Comercial. Havia uma cena de Drum’n’Bass, mas não estava no seu auge. Eu, quando surgi com o Kitten, foi uma coisa para tentar este grupo de pessoas mais alternativas, mais belas artes, mais criativas, de forma a que se pudessem juntar num espaço. Isto não havia Baixa na altura. (...)”

Por exemplo, no Plano B, foram eles até que disseram que eu fui uma pessoa que contribuiu para a mudança, na cidade do Porto, para uma coisa alternativa. Estava tudo muito formatado e, de repente, surge uma coisa, uma alternativa ao que se estava a fazer. Aquilo que eu fiz, eu nunca pensei que fosse funcionar, porque era contra a corrente o que se estava a fazer. Pensei que ia juntar 20 ou 30 gatos pingados. Isso explica que, às vezes, ir contra a corrente, ir contra o que as pessoas esperam que tu faças, o que querem ouvir, ou aquilo que é agradável à rádio, compensa. E foi isso que eu percebi.”

Filipe, 40 anos, Músico, Porto.

Ditada uma nova tendência, abertos novos espaços, apresentados novos projetos musicais e culturais, conquistados novos públicos, fomos procurar conhecer as perspetivas futuras para Baixa do Porto dos nossos entrevistados. Se alguns se mostram descontentes com a qualidade de alguns espaços e acreditam que serão estes, em parte, os responsáveis pelo afastamento daqueles que procuram a Baixa pela qualidade e pela atualidade da sua oferta, outros acreditam que o facto da programação dos espaços estar toda muito voltada para um estilo musical, o rock, sendo ignorado o *hip hop* ou o *R&B*, por exemplo, pode levar a que um

público se canse de encontrar sempre a mesma coisa, e outro não seja atraído por não encontrar aqui aquilo que quer e gosta. Vai-se ainda percebendo também que a presença em massa das classes médias, ou, numa linguagem bourdiana, dos intermediários culturais, desperta juntos das elites, que aqui podem ser entendidas como os grupos de pessoas que já frequentavam a Baixa antes dela se tornar no lugar mais *in* da cidade, descontentamento, insegurança, pois temem ver congelados os seus privilégios. No entanto, se tomamos a Baixa como um bairro cultural, comunidades criativas (Florida, 2002), ele deve também responder às vontades e expectativas dos grupos culturais populares (Fortuna e Silva, 2001), ainda assim “(...) devemos estar atentos ao facto de que esse redesenvolvimento reestruturação podem, por sua vez, dar origem a novas crises e desequilíbrios sociais e culturais.” (Soja, 1996 *cit. in* Fortuna e Silva, 2001: 420).

“Assim como tudo, as coisas estragam-se. A Baixa tinha uma identidade muito vincada, no início, a nível de público. Quando isto começa a ser uma oportunidade de negócio, digo negócio fácil, abrires uma banquinha e venderes finos a um euro, criam-se coisas negativas. (...) Todas as coisas que crescem têm o seu lado mau e o seu lado mau é atrair um tipo de público que pode ser menos interessante. Não quero estar a ser elitista ao estar a dizer isto mas, até ao nível das confusões, da segurança... pode atrair um lado negativo, mais brejeiro, menos interessante. (...) Isto já não é como era e conheço pessoal a queixar-se.”

Filipe, 40 anos, Músico, Porto.

“Como te disse, acho que está tudo demasiado virado para o rock, neste momento e começa a sentir-se falta de espaços mais alternativos. (...) Acho que hoje faltam alguns espaços na Baixa em que consigas ter uma seleção um bocadinho mais variada e dou o exemplo muito concreto do hip hop. Hoje, se és do Porto e queres ouvir hip hop, não consegues. Queres ouvir R&B e não consegues. Consegues ouvir rock, consegues ouvir alguma eletrónica no Plano B e no Gare, consegues ouvir o Netinho e Xutos naqueles bares nas Galerias, mas ainda há um conjunto de nichos que ainda não estão a ser explorados. Acho que o caminho pode passar um bocadinho por aí, porque, caso contrário, como tudo na vida, as pessoas vão se cansar, caso não haja essa diversificação.”

Alexandre, 31 anos, Marketeer, Porto.

Ainda assim, é opinião partilhada pelos entrevistados, que a Baixa e a sua *street level culture*, isto é, uma cultura que assenta na oferta vasta e especializada de serviços concentrados num conjunto de ruas (Florida, 2002) é uma moda que reúne, neste momento, condições para se manter uns bons anos.

4.2. Os discursos do lado da divulgação

A Baixa do Porto, bairro cultural frequentemente associado à redinamização de espaços públicos, tornou-se, nos últimos dez anos, um pólo particularmente atrativo para os investimentos privados, situação que, à luz da teoria de Augusto Santos Silva e Carlos Fortuna (2000), nos deveria preocupar, ou não viesse este processo de privatização reforçar os mecanismos de acesso seletivo e segregação de públicos, e, consequentemente, ampliar o universo das práticas endodomiciliárias. Conscientes desta realidade, entrevistamos 4 indivíduos, proprietários e programadores de espaços fixados nesta área da cidade, para conhecer os motivos que conduziram à abertura do espaço, bem como aqueles que nomearam a Baixa como lugar de eleição. Quisemos apurar as linhas em que assenta a programação do lugar e perceber se as redes de cooperação com espaços semelhantes são uma constante por aqui. Numa altura em que as redes sociais virtuais são veículos de excelência para a rápida difusão de mensagens, questionamos as estratégias de divulgação de programação do espaço e, porque a música é central nesta investigação, fomos procurar perceber se não é periférico o papel desta nos eventos programados. Conhecendo o lugar do espaço na estruturação da vida cultural e musical da cidade, fomos à procura de desenhar, para os públicos, um perfil e quisemos ainda saber até que ponto é que estes entrevistados vêem a Baixa como uma moda. Apenas há a acrescentar que, neste rol de entrevistas, a somar aos espaços em estudo, contemplamos um novo lugar, o *Canhoto*, sito na Travessa de Cedofeita, por este ter sido um dos nomes mais registados quando inquirimos frequentadores da Baixa do Porto sobre os seus espaços preferidos.

Se aqui consideramos quatro espaços na análise, bem podemos contar, desde já, quatro motivos diferentes para a sua abertura, porque a verdade é que cada um deles encontrou motivações diferentes para se impor. Se o *Maus Hábitos* almejava ser no Porto um ponto de intervenção cultural e palco para artistas sem lugar noutros contextos, o *Passos Manuel* é a aposta de um empresário cansado da tensão e dos episódios de violência com lugar na Ribeira (lembremo-nos que o proprietário do *Passos Manuel* foi também dono do Aniki Bóbó, na Ribeira). O *Plano B*, por sua vez, é um projeto que surge, entre outros motivos, para aproveitar o potencial desperdiçado de um espaço com lugar na Rua de Cândido dos Reis. Já o *Canhoto*, inaugurado em Abril de 2013, é a solução para uma situação de desemprego.

“Estava cansado daquela tensão toda. Era violência todos os dias, polícia todos os dias. Tive que procurar um sítio mais calmo e a Baixa pareceu-se uma boa solução. E foi.”

Francisco, 62 anos, Empresário no espaço Passos Manuel, Porto.

“Descia a Rua da Picaria, depois vinha por aqui pela Rua dos Caldeireiros e então, pronto, sempre que passava aqui via estes espaços abandonados e dizia: “Fogo, estes espaços têm um potencial brutal.”.”

Luís, 35 anos, Arquitecto e empresário no espaço Plano B, Porto.

“Eu era topógrafo, como te disse há bocado, e, na altura, quando fiquei desempregado, não me apeteceu voltar a fazer o mesmo, porque já o fazia há vinte anos. Sempre tive o sonho de estar com a música por perto e estas coisas todas. Foi a criação do meu próprio emprego.”

Joca, 44 anos, Topógrafo e empresário no espaço Canhoto, Porto.

Estes espaços tomam o seu lugar em diferentes pontos da Baixa. Se o *Maus Hábitos* não teve grandes hesitações em escolher a Rua de Passos Manuel para se fixar, o *Passos Manuel* lamenta hoje a escolha feita, isto porque, dois anos depois da abertura do espaço, a grande concentração de espaços semelhantes e pessoas dá-se do lado oposto da Avenida dos Aliados, ficando a “Alta Baixa” quase deserta. Pelo que nos fomos apercebendo no decurso das entrevistas, é frequente, entre os proprietários e programadores dos espaços, ser feita referência não a uma, mas a duas Baixas: uma à direita da Avenida dos Aliados, onde encontramos, entre outros, o *Maus Hábitos* e o *Passos Manuel*, e outra à esquerda, onde está o *Plano B* e mais umas dezenas de espaços reservados à diversão noturna. A maior concentração de pontos de animação e intervenção cultural motiva a uma maior concentração de pessoas, no entanto, a ala direita da Baixa está a fazer um esforço para voltar a ser incluída no roteiro das saídas noturnas, apostando, com afinco, na sua programação e na divulgação desta.

“Pensei: “A Baixa vai ser aqui!”. Passados dois anos, a Baixa explode a 300 metros daqui, ficando eu e os Maus Hábitos, numa grande solidão, a ver as pessoas ao longe. Mas as coisas, agora, estão a mudar um bocadinho. (...) Há duas baixas completamente diferentes. Há a praça (Avenida dos Aliados) que corta a Baixa em dois. As pessoas têm uma certa dificuldade em atravessar a praça e, quando atravessam, chegam ao Pitch. Subir a Passos Manuel já é muito difícil. Mas as coisas estão a mudar muito. Estão a começar a abrir uma série de coisas, aqui para cima. Será muito difícil que as coisas se juntem, mas começam a aparecer. (...)

4. Cena musical portuense: atores e dinâmicas num lugar falado

As pessoas não gostam de estar sozinhas, então vão para o centro comercial. Aquilo é uma espécie de centro comercial ao ar livre, mas tem toda a estrutura de centro comercial. Tem tudo: petisquinhos, bares com rock, com concertos, uns baratos, outros caros. De facto há para todos os gostos. (...)

A Alta Baixa vai começar a ter mais gente e, para já, será com aquelas pessoas mais engraçadas.”

Francisco, 62 anos, Empresário no espaço Passos Manuel, Porto.

Figura 6 - Interior do espaço Passos Manuel



Fonte: Facebook do espaço Passos Manuel

Mas, se pensarmos que todos os empresários, ao projetarem os seus negócios, têm interesse em ocupar um lugar vazio na Rua das Galerias de Paris, ou na Rua de Cândido dos Reis, estamos enganados. Esta área começa a ser conotada como sendo a mais comercial e, numa Baixa que se tenta impor como alternativa, esta representação não vem nada a calhar. Cedofeita tem-se apresentado como a alternativa perfeita para quem se tenta desviar deste pólo, ou deste rótulo. Tome-se o *Canhoto* como exemplo, por ser um espaço que, querendo estar perto da Baixa, não quis situar-se nas ruas mais movimentadas do centro.

“Baixa do Porto, o mais perto possível. A ideia era não estarmos também no meio das Galerias, portanto, não ser aquela coisa tão comercial. Como nós queríamos uma coisa mais alternativa

achamos que ali as Galerias e a Cândido dos Reis não seria o ideal. E, além disso, os alugueres são primitivos.”

Joca, 44 anos, Topógrafo e empresário no espaço Canhoto, Porto.

Se há aspecto que estes espaços partilham entre si, independentemente do lugar onde estão situados, é a importância que atribuem à música e ao diferente, ao novo, ao original, elementos que, se pensarmos como Pedro Costa (2000) são essenciais ao desenvolvimento das atividades culturais. Apesar de concederem relevância a outras artes, nomeadamente às artes plásticas, a música assume-se como central na sua programação. Tal acontece porque a música é um gosto partilhado por todos os entrevistados e porque os eventos musicais se assumem como particularmente atrativos para o público. Procuram qualidade nos projetos que recebem e não rejeitam nenhum estilo musical. Heterogéneos na programação, rejeitam o título de “rampa de lançamento” para novos projetos artísticos, porém confirmam que estão atentos a estes novos nomes. A preocupação passa por conseguir atingir a diversidade, a mesma que torna as cidades diversas e estimula mais diversidade (Jacobs, 1984).

“Acima de tudo é a música, essa é a maior atração. Exposições. Este espaço tem que ser pago de alguma maneira e para ser pago temos que trazer pessoas, e para trazer pessoas é a música. Também é o que a nós nos entusiasma mais. A música, concertos, de vez em quando temos peças de teatro, performances, exposições, temos sempre exposições. Neste momento estamos mais orientados para a ilustração, jovens ilustradores, não por um motivo específico mas por uma questão de contactos. Temos muitos amigos que trabalham nessa área e é uma questão de facilidade, não é uma questão de opção radical.”

Luís, 35 anos, Arquitecto e empresário no espaço Plano B, Porto.

“Em termos de concertos passamos o mais variável estilo de música. São, essencialmente, coisas pouco conhecidas. Nós não queremos bandas de covers, e o Porto tem muito isso. Aquela coisa dos covers...queremos originais. Claro que a banda, às vezes tem um cover lá no meio do concerto mas a nossa ideia são os originais, lançar coisas novas.”

Joca, 44 anos, Topógrafo e empresário no espaço Canhoto, Porto.

“Somos mais ou menos heterógeneos, mas a bitola é sempre a qualidade.”

António, 41 anos, Programador do espaço Maus Hábitos, Porto.

“Eu nem sequer acho que seja uma rampa de lançamento. O Passos está atento às coisas, faz convites, ou acolhe esses projetos, se for caso disso, no início de carreira.”

4. Cena musical portuense: atores e dinâmicas num lugar falado

António, 41 anos, Programador do espaço Maus Hábitos, Porto.

Figura 7 - Bola de luzes na Sala de Concertos do Maus Hábitos



Fonte: Fotografia da autora

No planeamento da programação as propostas externas ocupam uma percentagem significativa. Diariamente chegam aos espaços mensagens ou emails onde artistas manifestam a vontade de atuar no local e apresentam novos trabalhos. Depois de uma seleção, segundo os critérios de avaliação de qualidade do programador, o espaço entra em contacto com esses nomes, se assim entender, e agenda uma performance.

“Neste momento é quase 70% programação nossa, depois os outros 30% que são propostas que nós adotamos.”

Luís, 35 anos, Arquitecto e empresário no espaço Plano B, Porto.

“Quase todos os dias recebemos emails de pessoas que querem cá tocar ou pôr música. (...) Normalmente pedimos às pessoas para passarem cá, mandarem links, por email ou Facebook, e, se interessar, falar com as pessoas e ver, em termos comerciais, o que é que se pode fazer. E sim, tem vindo cá muita gente que veio cá parar depois do bar abrir.”

Joca, 44 anos, Topógrafo e empresário no espaço Canhoto, Porto.

O planeamento de actividades com espaços vizinhos, semelhantes, não é novidade, ainda assim não é tão frequente como se poderia imaginar. No entanto, importa ressaltar que todos os espaços declararam manter uma excelente relação com espaços que lhe são próximos.

“Temos uma relação excelente. Já fizemos coisas a medias. Eventos a medias nos Aliados, aqui na rua, várias vezes. Fazemos o São João. Quando começaram a abrir vários bares, convidamos sempre para se juntarem a nós e, neste momento, todos os bares alinham no São João.”

Luís, 35 anos, Arquitecto e empresário no espaço Plano B, Porto.

“Muito bem, tanto que se me acabar um barril de cerveja eu vou logo pedir um emprestado e eles emprestam logo. O relacionamento aqui, pelo menos nesta rua, funciona muito bem.”

Joca, 44 anos, Topógrafo e empresário no espaço Canhoto, Porto.

“Não planeamos as coisas juntos mas completamo-nos de alguma maneira.”

António, 41 anos, Programador do espaço Maus Hábitos, Porto.

Explorando agora as estratégias de divulgação, desde que as redes sociais virtuais se afirmaram, os *flyers* e os cartazes foram, em boa parte, substituídos. As páginas dos espaços no Facebook cumprem a tarefa de difundir os eventos, sem que para tal se tenha que despende dinheiro; isto torna-as o meio preferido para a divulgação de eventos. No entanto, e porque estes espaços tentam, muitas vezes, chegar a público estrangeiro, começa a ser feita uma aposta em revistas e roteiros turísticos, passíveis de serem encontrados na Transportadora Aérea Portuguesa (TAP), ou autocarros turísticos. O *Plano B* é um dos espaços adeptos desta estratégia de divulgação.

“Mas às vezes fazemos publicidades em revistas da TAP ou dos autocarros dos turistas. Tentamos sempre atrair alguns turistas.”

Luís, 35 anos, Arquitecto e empresário no espaço Plano B, Porto.

Os esforços destes empresários e programadores para manter os espaços com uma programação atual e de qualidade refletem-se na estruturação da vida cultural e musical da cidade. Quando questionados sobre o posicionamento do projeto na cena musical que aqui abordamos, dois dos espaços, o *Plano B* e o *Passos Manuel*, assumem-se como elementos centrais nesta cena, pela forma como para ela contribuem. No caso do *Plano B*, o seu

proprietário assume que o grande contributo do espaço foi a democratização da Baixa, ou seja, a abertura desta zona da cidade a um público que vai além dos estudantes e dos membros de bandas de *rock*. De ressaltar que, para esta questão, não obtivemos resposta do proprietário do *Canhoto*, por ser este um espaço muito recente e o entrevistado reclamar que não teve ainda tempo suficiente para consolidar esta percepção, nem do programador do *Maus Hábitos*, porque, à data da entrevista, o mesmo se encontrava no terceiro mês de trabalho no espaço.

“Eu acho que a nossa grande contribuição foi democratizar a Baixa. A Baixa não é só para académicos, nem para pessoal das bandas de rock. É um espaço que é confortável para todo o tipo de pessoas. Podes estar de camisa branca ou podes estar de rastas que ninguém te vai olhar de lado.”

Luís, 35 anos, Arquitecto e empresário no espaço Plano B, Porto.

“Eu acho que o Passos Manuel é um sítio central no Porto e até em Portugal. Eu acho que o Passos Manuel, no meio artístico, é capaz de ser mais conhecido em Lisboa do que no Porto. Eu acho que é uma sítio muito central.”

António, 41 anos, Programador do espaço Maus Hábitos, Porto.

Mas, afinal, depois desta democratização da Baixa, quem são os públicos que a compõem? Interrogamos cada um dos entrevistados sobre este assunto, na tentativa de obter deles um perfil do público do espaço a que está associado e fomos chegando à conclusão que este foi um desafio difícil que lhes lançamos. Nas palavras de todos eles, o público que frequenta hoje os espaços é extremamente variável, flutuante. Não conseguem, por isso, descrever com exactidão os seus frequentadores, ainda assim ficou claro que não há uma diferença assinalável entre sexo, nem entre tribos. O público é, na sua maioria jovem, com idades compreendidas entre os 18 e os 35, estudantes, a residir na cidade do Porto ou nos concelhos vizinhos. Eclético foi o adjetivo mais usado para os descrever.

Dos quatro espaços abordados, apenas o *Passos Manuel* afirmou ter um público fiel, que elege o espaço por saber exatamente com o que pode contar.

“É um bocado homens e mulheres. É misturado. São pessoas que, normalmente, se calhar estudam aqui na Baixa. Moram ou estudam. Não temos uma percentagem muito grande de pessoas de fora do Porto. Acho que já tivemos mais. Neste momento são habitués, quase. (...) Mas tem a ver com o

estilo musical da noite. E depois há outras em que o público é mais recatado e mais de acordo com uma música, se calhar, mais antiga. É muito eclético. É difícil estar a fazer um género.”

Luís, 35 anos, Arquitecto e empresário no espaço Plano B, Porto.

“Mais mulheres, por sinal. Não sei se tem a ver com a decoração ou com o género de música. Mas, em Janeiro, desde que se começou com estes concertos, como se abrange muita coisa, as pessoas, de todas as idades, vêm espreitar. (...) Agora o público é super flutuante. A maior parte é do Porto. Se não é, vem dos arredores, tipo Famalicão ou Paços de Ferreira, mas, essencialmente, são do Porto.”

Joca, 44 anos, Topógrafo e empresário no espaço Canhoto, Porto.

“Mais recentemente, o público que se interessa pelo cultural tornou-se, devido a termos muita informação, ao contrário dos últimos 20 anos, muito menos organizado em tribos. Normalmente, hoje, a pessoa que ouve música, ouve vários tipos de música. Nós não temos propriamente um público alvo mas, se houvesse, seria um público que gosta de ler, de fazer as suas escolhas, que vê cinema, que ouve música bastante variada e o que o entusiasmo são coisas novas. Procura essa novidade para além do entretenimento que todos gostamos.”

António, 41 anos, Programador do espaço Maus Hábitos, Porto.

“No Passos Manuel raramente entram pessoas por acaso. (...) As pessoas que vêm ao Passos Manuel sabem ao que vêm. Ou porque há um dj específico, ou porque é um filme especial, um concerto especial, uma conferência especial. Há esse público. De vez em quando lá aparecem aquelas pessoas perdidas, ou porque já ouviram falar, mas acho que 90% da minha clientela sabe ao que vem, sabe o que é o Passos Manuel.”

Francisco, 62 anos, Empresário no espaço Passos Manuel, Porto.

Porque as cenas, muitas vezes, têm um fim tão natural como o seu princípio, procuramos, junto deste conjunto de entrevistados, perceber se eles acreditam na sustentabilidade desta cena. A verdade é que, todos eles, acreditam que a dinâmica que se vê hoje nesta zona da cidade se irá manter por uns bons anos, no entanto não rejeitam a hipótese de esta ser apenas mais uma “moda”, tal como foi a Foz, a Ribeira ou a Zona Industrial do Porto. Há quem atribua à *Ryanair* a responsabilidade pelo que está a acontecer, uma vez que os turistas são contribuintes de excelência para a manutenção e sucesso de negócios no centro da cidade, no entanto, também se pensa que, se um dia a companhia aérea deixar de voar para o Porto, tudo fica novamente deserto e insustentável.

Uma outra perspetiva prende-se com os *opinions makers* e com a sua capacidade de arrastar massas. A Baixa do Porto foi bem cotada por estes “criadores de opiniões” e tornou-se um espaço de eleição, numa primeira fase pelo que tinha para oferecer e, posteriormente, por concentrar em si uma pequena multidão. Porque as saídas noturnas se fazem, na esmagadora maioria dos casos, na companhia de amigos e conhecidos, a Baixa passou a ser opção, não tanto pelos espaços e pela sua oferta, mas pelos públicos e pela sua companhia. Por aqui se prevê que, se um dia estes mesmos *opinions makers* decidirem promover um outro ponto da cidade, toda a movida que arrastaram até à Baixa se deslocará para esse novo local, ficando apenas aqueles que encontram e alimentam aqui a sua cultura.

“Eu acredito que isto ainda se vai manter uns bons anos, mas sim, poderá ser uma moda como já foi a Foz, como já foi a Ribeira, como foi a zona industrial. Pode ser uma moda. Acho que tem mais hipóteses de vencer, se criarmos as infraestruturas. Claro que temos a Ryanair que ajuda muito. Se a Ryanair deixar de voar para cá isto muda tudo outra vez. Acho que foi a grande impulsionadora. Eu percebo e falo aqui com o pessoal todo. Temos muitos dias em que vivemos quase do turismo. O pessoal trabalha e não procura a noite durante a semana. Então tens muito turismo que te faz sobreviver. Eu acho que se a Ryanair mudar, deixar de voar para o Porto então isto tudo muda um bocado.”

Joca, 44 anos, Topógrafo e empresário no espaço Canhoto, Porto.

*“Quase tudo funciona pelo sistema dos eventos sociais. Há uma grande massa de pessoas e, quando falamos em massa, são pessoas que não querem saber de música, nem de conteúdo, nem de absolutamente nada. Querem estar onde podem ver e ser vistas a divertirem-se. Tem a ver muito com entretenimento e eventos sociais. A moda é um bocadinho isso. A Baixa teve uma moda e é para ali que se vai porque é onde vão os meus amigos. (...) Às vezes até nem gostas muito, mas não vais estar sozinho. Passa muito por movidas, mesmo. Normalmente há sempre uns *opinions makers*, que são os primeiros a mudar de sítio, e depois vem o rebanho todo atrás. (...) As pessoas também se saturam um bocado. Nós só temos duas cidades no país: Lisboa e Porto. Acontece muito em Lisboa, muito facilmente te fargas de uma zona e tudo passa a acontecer noutra zona. Aqui ainda não tivemos tempo para isso acontecer, mas há muita saturação daquele lado. (...) Nós estamos a apanhar essa saturação e ainda bem para nós.”*

António, 41 anos, Programador do espaço Maus Hábitos, Porto.

“Eu acho que, daqui a uns anos, distingue-se o trigo do joio e vão ficar aí belos espaços.”

Francisco, 62 anos, Empresário no espaço Passos Manuel, Porto.

4.3. Os discursos do lado da fruição

As cenas só se tornam possíveis se as pessoas assumirem com elas o compromisso de as frequentar com regularidade (Blum, 2001: 10); neste sentido fomos à procura de frequentadores assíduos da cena musical portuense para entrevistar. Privilegiamos jovens estudantes, residentes na Baixa, e estudantes Erasmus, por serem amostra de um público muito presente na Baixa do Porto. Preocupamo-nos em descobrir os espaços mais frequentados, a regularidade com que os visitam e, para além disso, apuramos também os significados atribuídos a estas saídas, tantas vezes feitas entre amigos. Aos residentes na Baixa perguntamos o porquê da escolha desta área da cidade para habitar; aos estudantes de mobilidade colocamos uma questão semelhante: afinal teve esta cena algum peso na decisão de vir morar/estudar para o Porto? Os resultados a que chegamos são agora exibidos e ilustrados com excertos das entrevistas realizadas.

À medida que o fim-de-semana se aproxima cresce a agitação nas ruas da Baixa portuense. De quinta a domingo as artérias da cidade ganham um movimento que não conhecem nos outros dias da semana. Os entrevistados assim o confirmam. Porque todos estudam e, alguns deles até trabalham, a hipótese de sair no decurso da semana fica posta de parte, no entanto, aos fins-de-semana, saem de casa por volta das 22/23 horas e só regressam no dia seguinte, quase à hora do sol nascer. Os espaços onde passam a noite são variáveis. O *Piolho* e a *Adega da Leonor* foram apontados como pontos de encontro, o *Pherrugem*, o *V5* e o *Tendinha* como os espaços preferidos dos amantes do *rock*, o *Armazém do Chá* e os espaços na Rua das Galerias de Paris como locais propícios ao convívio.

“Saio três ou quatro vezes por semana. Sexta e sábado, depois, provavelmente, quarta ou quinta. Segunda e terça não se passa nada. Mas, sempre que saio, nunca volto no mesmo dia. Gosto de estar no Pherrugem, no V5, Tendinha e no outro, perto do Túnel de Ceuta, o Rádio.”

Bruno, 27 anos, Estudantes, Porto.

“Baixa, Galerias de Paris, Piolho, Adega. Tem ali por dentro também outras ruas mais escondidas, também com discotecas. Eu acho que eu fui uma vez para a zona industrial, para uma festa. Para a Foz ainda não. Vou agora em Julho para uma festa na praia, em Matosinhos.”

Clarisse, 22 anos, Estudante Erasmus, Porto.

Mas a que se devem as saídas para a Baixa? Porquê este destino e não outro? As respostas a estas perguntas foram variadas, mas, uma vez sintetizadas, a escolha deve-se, em

boa parte, ao não pagamento pela entrada nos espaços, o que torna baixo o custo de uma saída. Mas não ficamos por aqui. A presença dos amigos no local, que é central e de fácil acesso, é também um fator muito levado em linha de conta, assim como a música, o ambiente dos espaços e a possibilidade de estar e consumir ao ar livre.

“Vou pela questão económica e pelos meus amigos. Agora está muito em voga ir para lá. E, porque na maioria dos sítios não pagamos entrada, eu acho que é uma boa solução.”

Edgar, 23 anos, Estudante, Porto.

“É a zona que eu gosto mais, com mais diversidade em termos de bares e, também, porque é um centro de referência. É mais fácil irmos todos até aqui, do que a Matosinhos. É uma zona central.”

Rute, 23 anos, Estudante, Porto.

“A minha base de amigos vai toda para o mesmo sítio.”

Bruno, 27 anos, Estudantes, Porto.

A partir destes discursos já se vislumbram alguns dos significados atribuídos às saídas à noite: elas são momentos de lazer, de convívio entre amigos, onde a música é responsável pela criação de uma atmosfera partilhada. Mas há outro significado a atribuir a estas saídas em direção à Baixa. Pelos depoimentos dos nossos entrevistados começamos a perceber que os momentos de lazer nesta área da cidade são estimulados pela comunidade académica e rituais para os seus membros. O *Piolho*, como é conhecido, é local de eleição dos estudantes para descontrair depois de um momento de praxe. Este “ritual” vai passando dos estudantes mais velhos para os mais novos e torna o café num ponto de partida para uma incursão pela Baixa.

“Acho que nós, ainda por cima estando na vida académica, precisamos de um momento de lazer e uma saída à noite é perfeita para isso. Se não aproveitarmos agora para viver, não vai ser com 40 que o vamos fazer.”

Edgar, 23 anos, Estudante, Porto.

“Quando entrei para a faculdade foi um bocadinho mais pelo levar. Digamos que sempre foram os estudantes mais velhos que nos disseram: “Olha, vamos até ao Piolho.”. Aquilo começou a ser uma rotina, um hábito e ficou.”

Rute, 23 anos, Estudante, Porto.

“Por exemplo, os estudantes saem da praxe e onde é que vão? Piolho. Aquilo está sempre com muita gente, seja segunda, terça, quarta, quinta ou sexta. Está sempre cheio. (...) O Piolho é aquele ponto de partida para quem sai à noite.”

Maria Luís, 22 anos, Estudante, Porto.

Mas porque é que o *Piolho* é um ponto de partida nas saídas à noite? Podem ser duas as respostas para esta pergunta; uma tem a ver com o facto de este ser um espaço emblemático entre os jovens estudantes, e não só, e por isso é facilmente conhecido por todos, outra explicação assenta no preço dos consumíveis, bastante inferior ao taxado nos bares ou discotecas.

“Por vezes combina-se um jantar aqui perto, depois passa-se pelo Piolho, é sempre uma zona de encontro, de passagem, e, depois, depende das noites, depende do que haja nos sítios. (...) Vamos ao Piolho e depois decidimos até onde se quer ir. Isso, às vezes corre bem, outras vezes corre mal porque demoramos um bocadinho mais a decidir onde se quer ir.”

Rute, 23 anos, Estudante, Porto.

“Faço um aquecimento no Piolho e na Adega da Leonor. Depois já estou quente e vou. Nos bares é o triplo do preço.”

Edgar, 23 anos, Estudante, Porto.

Figura 8 - Momentos de lazer e consumo no Plano B



Fonte: Fotografias da autora

Voltando agora as atenções para os estudantes Erasmus, afinal que razões poderão ter motivado a sua vinda para o Porto? A decisão não se liga à classe, nem ao bairro, mas sim ao facto da Baixa ser hoje o lugar propício à exploração de experiências transitórias (Featherstone, 1991). Uma vez que as nossas duas entrevistadas, nesta categoria, eram de nacionalidade brasileira, não ficamos admiradas quando referiram que o fator que mais ponderou na escolha da cidade foi a língua comum, no entanto ambas conheciam o Porto, quer por agências de turismo, quer por já ter visitado a cidade. No entanto, as referências por parte de colegas, partilhadas no grupo de *Facebook* BrasUP (estudantes brasileiros a estudar na Universidade do Porto), ajudaram na decisão. A cidade foi descrita como um ponto movimentado, tanto de dia como de noite e tal foi determinante no momento da escolha.

“Para decidir o Porto, eu fui atrás de pessoas que já vieram para cá e as maiores referências foram: é uma cidade belíssima, não é que Coimbra não seja, e é uma cidade universitária, mas aqui tem o dia e tem a noite. Então, essa referência das festas daqui, eu tive, até porque eu vim para estudar mas não é só para estudar. Os passeios, os lugares...eu tive uma ótima referência do Porto, foi por isso que eu vim.”

Clarisse, 22 anos, Estudante Erasmus, Porto.

“Escolhi a cidade do Porto, primeiro por causa da língua ser parecida. Já tinha vindo para a cidade do Porto e tinha gostado. (...) É uma cidade conhecida. Ela é frequente nos roteiros das agências de turismo, tem bastante divulgação. Acho que, talvez, seja o lugar com mais divulgação no Brasil: Lisboa e Porto.”

Ednara, 45 anos, Estudante Erasmus, Porto.

Por curiosidade fomos procurar conhecer melhor o grupo BrasUP. Através de uma das entrevistadas ficamos a saber que esta é uma plataforma onde são partilhadas dúvidas dos estudantes, agendados convívios e pequenas viagens pela Europa e onde é feita a divulgação de festas temáticas, muitas delas em espaços fixados na Baixa, e cujo principal público alvo são mesmo os estudantes em mobilidade.

Para estes estrangeiros, a forma como a multidão se concentra nas ruas desperta-lhes estranheza e curiosidade. Tal como os estudantes portugueses, apreciam o facto de não se pagar pela entrada nos espaços e, apesar de acharem alguns deles pequenos, destacam a decoração, muitas vezes temática, dos mesmos.

“Ali nas Galerias, a primeira vez que eu fui, logo que eu cheguei, no primeiro fim de semana, eu fiquei impressionada com a quantidade de gente. Eu fiquei muito impressionada porque não tinha um espaço na rua. Era uma coisa lotada. (...) Estava frio, estava uma chuvinha, mas você não conseguia andar na rua.

Tem outra coisa que me chamou a atenção: em São Paulo, se você entrar num bar como esse, o Mao Maria, você paga para entrar. Aqui não. Nesse dia, eu saí com pessoas que eram daqui. Nós jantamos num restaurante caro, 15 ou 20€ por pessoa. Depois começamos a entrar aqui e ali e eu fiquei pensando: “O meu dinheiro vai acabar essa noite.” E aí vi que não. Na verdade você pode entrar num lugar, dançar, sair... e isso é interessante porque é movimento. É um ponto bastante positivo.”

Ednara, 45 anos, Estudante Erasmus, Porto.

Chega agora a altura de apurar se de facto existe uma relação entre a existência de espaços de animação e intervenção cultural e a preferência pela Baixa, enquanto área habitacional. De facto, pelas nossas entrevistas, esta relação existe. Quem nos deixa concluir tal são os nossos entrevistados que declararam ter a proximidade à Baixa como critério sempre que procuram uma casa para alugar. Os estudantes Erasmus afirmam que, estando, neste caso no Brasil, e desconhecendo as dinâmicas que tomam o seu lugar no centro da cidade, a primeira preocupação é arranjar um lugar para ficar, perto da faculdade. Mas,

porque estes estudantes procuram sempre se envolver na cultura da cidade o mais possível, reconhecem que um alojamento no centro é uma excelente opção.

“Na altura quando comecei a sair para a Baixa, morava longe até. Depois, como comecei a sair mais vezes, e cada vez que mudava de casa, a Baixa começou a ser um critério.”

Bruno, 27 anos, Estudantes, Porto.

“Eu confesso que quando escolhi morar aqui foi pensando na faculdade. Eu não conhecia tão bem como era a parte do centro, mas acho que é unanime: quase todas as pessoas que eu conheci aqui moram lá no centro. Todos os Erasmus, estudantes de mobilidade, eles estão ali no centro: Trindade, Cedofeita.”

Clarisse, 22 anos, Estudante Erasmus, Porto.

Estes entrevistados demonstraram que a sobreposição da área de lazer e da área residencial não lhes trás problemas, pelo contrario, é uma mais-valia. Terminando da mesma forma que abrimos este ponto, esta proximidade só motiva que a frequência desta cena seja mais regular.

5. Paisagens, afetos e tempos: a noite na Baixa do Porto

*Foi como entrar, foi como arder,
Para ti nem foi viver,
Foi mudar o mundo sem pensar em mim.*

*Mas o tempo até passou,
e és o que ele me ensinou:
uma chaga p'ra lembrar que há um fim.* Ornatos Violeta (1999) – *Chaga*

Grande parte da dinamização recente do Porto assenta na existência de uma prática reiterada de “saídas” por parte de um conjunto alargado de pessoas que o fazem de forma sistemática: podemos mesmo dizer que esse é o ponto de viragem. Partimos do postulado defendido por Tiago Monteiro a propósito das comunidades de fãs: “(...) mais determinante que o investimento afectivo sobre determinado objecto, é partilha de um repertório simbólico comum que, ao mesmo tempo em que define o fã, também mantém a comunidade agregada. O investimento afectivo só faz sentido, portanto, quando é legitimado pelas normas da comunidade, normas estas que dependem de uma concordância entre o afecto e repertório comum.” (Monteiro, 2007: 8).

As culturas de saídas funcionam como o segundo ciclo de uma cultura doméstica: “elas convocam actividades, significados e espacialidades que se têm revelado importantes nos processos de sociabilidade dos jovens, na constituição e renovação das redes de sociabilidade e de interconhecimento, na formação de estilos de vida e na mediação de processos identitários.” (Abreu, 2000: 127). Tomando como ponto de partida trabalhos da última década da Sociologia portuguesa (Guerra, 2010; Abreu, 2000; Conde, 1997) acerca das práticas culturais em Portugal, fomos à procura de conhecer os adeptos das práticas *outdoors*, ou seja, das “saídas culturais” (1997), através de um inquérito por questionário, aplicado por 130 vezes, nos três espaços que constituem o nosso objeto de estudo (*Maus Hábitos, Passos Manuel e Plano B*). Como consequência da aplicação desta técnica obtivemos o perfil sociográfico dos visitantes, percebemos a sua relação com espaço em que se encontravam, aquando da aplicação do inquérito, e apuramos algumas das suas representações acerca da Baixa do Porto e dos protagonistas da sua movida. Não descuramos ainda das afinidades musicais do inquirido.

Começemos por desenhar a sociografia do público. Uma vez recolhidos e analisados os dados, chegamos à conclusão que o público destes espaços é quase tão masculino como

feminino. Há um equilíbrio bastante grande entre os dois sexos, no entanto, o peso dos homens é ligeiramente maior do que o das mulheres, opondo-se assim os 53.85%, que os representam, aos 46.15% que somam as mulheres. No que diz respeito à idade dos frequentadores destes espaços, ela está compreendida entre os 15 e os 45 anos de idade, porém não é semelhante a forma como ela se distribui pelos diferentes intervalos etários, criados dentro destes limites. O *Maus Hábitos* apresenta-se como sendo o espaço que mais cativa o público jovem, conclusão que tiramos ao perceber que 90.5% dos seus visitantes têm uma idade inferior a 35 anos. Já o *Passos Manuel* mostra-se como o extremo oposto. Este é o lugar onde se regista a maior percentagem de pessoas acima dos 36 anos e a menor percentagem abaixo dos 20. O *Plano B*, pelas suas iniciativas culturais e musicais, é o espaço que chega a todas as idades, ainda assim os indivíduos com idades entre os 26 e os 30 são os que têm maior expressão no seu público¹⁰. De acrescentar ainda que uma boa parte deste público tem a sua residência, ou o seu local de trabalho no Porto (falamos de 36.15% e 56.15%, respetivamente) ou em concelhos vizinhos, dos quais Vila Nova de Gaia, Gondomar e Maia são melhores exemplos.

Quadro 7 – Idade dos inquiridos, por intervalos.

<i>Escalão etário</i>	<i>Maus Hábitos</i>	<i>Passos Manuel</i>	<i>Plano B</i>
15 – 20	21.43%	0.00%	11.11%
21 – 25	21.43%	20.59%	27.78%
26 – 30	23.81%	44.12%	38.89%
31 – 35	23.81%	23.53%	16.67%
36 – 40	9.52%	11.76%	3.70%
41 – 45	0.00%	0.00%	1.85%
<i>Total</i>	100.00%	100.00%	100.00%

Fonte: Quadro elaborado pela autora, a partir de dados obtidos nos inquéritos por questionário.

Independentemente do espaço, este conjunto de inquiridos possui um elevado capital escolar. 47% da amostra indicou-nos a licenciatura como o seu último grau de ensino completo, valor que pode vir a crescer nos próximos anos, se atendermos ao número de estudantes e trabalhadores estudantes que existe no nosso grupo de inquiridos (ao todo 31.5%). Particularizando esta análise para cada um dos espaços abordados, o *Maus Hábitos*

¹⁰ No Plano B, a percentagem de sujeitos com idades compreendidas entre os 26 e os 30 anos expressa-se em 38.89%.

apresenta-se como o sendo o lugar onde a percentagem de público sem formação superior é maior (40.5%), já o público do *Passos Manuel* contraria esta tendência mostrando que 88.2% passou pelo ensino superior. No *Plano B* a diferença entre os visitantes com formação superior e os visitantes sem formação superior não é tão pronunciada como no *Passos Manuel*, ainda assim opõem-se 74.1%, que representam o primeiro grupo de académicos, a 25.9%, percentagem da amostra que tem como último grau de ensino concluído o 3º ciclo do ensino básico, ou o ensino secundário.

Quadro 8 – Escolaridade dos inquiridos (último grau de ensino completo)

<i>Grau de ensino</i>	<i>Maus Hábitos</i>	<i>Passos Manuel</i>	<i>Plano B</i>
<i>3.º Ciclo do Ensino Básico</i>	4,8%	0%	3,7%
<i>Ensino Secundário ou Profissional</i>	35,7%	11,8%	22,2%
<i>Licenciatura</i>	42,9%	52,9%	46,3%
<i>Pós-Graduação</i>	9,5%	5,9%	9,3%
<i>Mestrado</i>	4,8%	29,4%	18,5%
<i>Doutoramento</i>	2,4%	0%	0%
<i>Total</i>	100%	100%	100%

Fonte: Quadro elaborado pela autora, a partir de dados obtidos nos inquéritos por questionário.

Atendendo à conjuntura atual do país, nem sempre um elevado grau de formação se traduz num acesso mais facilitado a um posto de trabalho, no entanto, aqui as coisas parecem resultar dessa maneira. Em todos os espaços o número de frequentadores a desempenhar uma atividade profissional remunerada é maior do que o contrário. Destacam-se os trabalhadores por conta de outrem, porém há que dar relevo aos trabalhadores por conta própria. Em conjunto constituem quase 20% da amostra (28.6% no *Maus Hábitos*, 17.6% no *Passos Manuel* e 20.4% no *Plano B*), situação que não se estranha se atendermos que as suas profissões estão, em boa parte dos casos, ligadas às artes (músicos, essencialmente), à arquitectura e ao design gráfico do Grande Porto. O modo como se estrutura o público, adepto das manifestações musicais destes espaços, demonstra que existe “um peso específico da idade: de um lado, a disponibilidade física e social para o entretenimento no exterior e a maior mobilidade pessoal; do outro, a sucessão de correntes de gosto e a transformação dos padrões de consumo cultural, com uma polarização reforçada na música e no audiovisual” (Silva *et al.*, 2000: 51). Importa ainda acrescentar e salientar a importância que estes jovens atribuem à convivialidade, de tal modo que esta pode ser tomada como signo geracional próprio das

culturas juvenis (Guerra, 2010). O modo como se envolvem nas atividades culturais, ou de lazer, tanto confere unidade à juventude, como deixa a descoberto a sua diversidade: “a convivialidade juvenil e os próprios grupos de amigos encontram-se estreitamente dependentes de mecanismos classistas de regulação e socialização familiares, bastando referir a natureza fortemente endoclassista dos grupos de amigos nos quais se integram os jovens das comunidades estudadas” (Pais, 1993: 131).

Quadro 9a – Inquiridos a exercer uma atividade profissional remunerada

	<i>Maus Hábitos</i>	<i>Passos Manuel</i>	<i>Plano B</i>
<i>Sim</i>	61,9%	82,4%	64,8%
<i>Não</i>	38,1%	17,6%	35,2%
<i>Total</i>	100%	100%	100%

Fonte: Quadro elaborado pela autora, a partir de dados obtidos nos inquéritos por questionário.

Quadro 9b – Situação profissional do inquirido

	<i>Maus Hábitos</i>	<i>Passos Manuel</i>	<i>Plano B</i>
<i>Trabalhador(a) por conta própria</i>	28,6%	17,6%	20,4%
<i>Patrão(oa)</i>	2,4%	0%	0%
<i>Trabalhador(a) por conta de outrem</i>	35,7%	64,7%	42,6%
<i>Trabalhador familiar</i>	2,4%	0%	1,9%
<i>Não sabe/Não responde</i>	31%	17,6%	35,2%
<i>Total</i>	100%	100%	100%

Fonte: Quadro elaborado pela autora, a partir de dados obtidos nos inquéritos por questionário.

Uma vez desenhado o perfil sociográfico do público destes três lugares, chega a altura de perceber a relação dos inquiridos com o espaço que estavam a frequentar no momento em que os abordamos para o preenchimento do inquérito. Achamos importante começar por saber se o visitavam pela primeira vez, ou não. Concluímos que a esmagadora maioria já conhecia o local e já o havia frequentado noutras alturas, ainda assim conseguimos chegar a alguns “estrepantes”: um total de sete casos no *Maus Hábitos*, cinco no *Passos Manuel* e seis no Plano B. Nestes casos, a visita foi essencialmente motivada pela sugestão de amigos.

Aqueles que já conhecem o espaço e o frequentam com alguma regularidade, apresentando-se assim como os novos atores urbanos, de que fala Diana Crane (1992) fazem-no essencialmente por três motivos: pelos eventos musicais (concertos, DJ *session* e *jam session*), pelos eventos artísticos/culturais/lúdicos de carácter extra musical e pelo convívio. Os eventos musicais são os maiores responsáveis pela atração de público no *Maus Hábitos* e no *Passos Manuel*, já os momentos de convívio gerados no *Plano B* são a razão pela qual metade do seu público o procura. Esta realidade vem sustentar uma hipótese levantada no decurso das entrevistas: a dada altura falávamos na existência de duas baixas, uma à direita e outra à esquerda da Avenida dos Aliados. Se a da esquerda era tomada como uma área de excelência para o lazer e para o convívio, a da direita era a responsável por alimentar a cultura dos que a procuram. Os dados que acabamos de apresentar mostram como tal de facto acontece, ou não ficasse o *Plano B* na ala esquerda de que já falamos e o *Passos Manuel* e o *Maus Hábitos* à direita da Avenida.

Quadro 10 – Razão que motiva a frequência do espaço

	<i>Maus Hábitos</i>	<i>Passos Manuel</i>	<i>Plano B</i>
<i>Eventos musicais (concerto, DJ sessions, jam sessions)</i>	40,5%	55,9%	31,5%
<i>Eventos artísticos/culturais/lúdicos/carácter extramusical</i>	21,4%	23,5%	3,7%
<i>Convívio</i>	14,3%	8,8%	50%
<i>Características físicas do espaço</i>	4,8%	0%	1,9%
<i>Características dos públicos que frequentam o espaço</i>	2,4%	0%	1,9%
<i>Casualidade</i>	2,4%	0%	0%
<i>Não responde</i>	14,3%	11,8%	11,1%
<i>Total</i>	100%	100%	100%

Fonte: Quadro elaborado pela autora, a partir de dados obtidos nos inquéritos por questionário.

Figura 9 - Sala de Concertos do Maus Hábitos, em noite de atuação.



Fonte: Página de Facebook do Maus Hábitos

Quase sempre acompanhados pelos amigos nas visitas, foi também através deles que estes visitantes tomaram conhecimento do espaço que estavam a frequentar. De acrescentar que, tal como Paula Guerra (2010), também nós apreciamos nos espaços a presença de redes sociais informais, compostas por criadores e consumidores. É próxima a relação que os une, o que acaba por fornecer aos produtores recursos para trabalhar, ao mesmo tempo que sai facilitada a tarefa de disseminação e exibição desses mesmos projetos; falamos assim de *small cultural organizations* (Crane, 1992). As redes sociais virtuais mostram-se aqui veículos de divulgação pouco eficazes, tal como os postres ou os *flyers*.

Quadro 11 – Meio através do qual tomou conhecimento do espaço

	<i>Maus Hábitos</i>	<i>Passos Manuel</i>	<i>Plano B</i>
<i>Amigos</i>	81%	85,3%	74,1%
<i>Namorado/a</i>	0%	0%	11,1%
<i>Redes Sociais</i>	4,8%	2,9%	7,4%
<i>Flyers/Posters</i>	2,4%	0%	0%
<i>Casualidade</i>	4,8%	2,9%	0%
<i>Convite de trabalho</i>	2,4%	2,9%	1,9%
<i>Proximidade à habitação</i>	2,4%	5,9%	5,6%
<i>Não sabe/Não responde</i>	2,4%	0%	0%
Total	100%	100%	100%

Fonte: Quadro elaborado pela autora, a partir de dados obtidos nos inquéritos por questionário.

O facto de serem os amigos, veículo pelo qual quase 80% dos inquiridos tomou conhecimento dos espaços, não nos causa estranheza, pois levamos em linha de conta alguns comentários que escutamos nos discursos dos nossos entrevistados. A certa altura, alguns deles, não esconderam já ter recomendado a noite da Baixa e alguns espaços, em particular, a amigos de fora da cidade.

“Eu tive um amigo que veio de Lisboa cá e eu dei-lhe alguns pontos. E ele perguntou-me: “E para a noite? Diz-me discotecas.” e eu: “Não re vou dizer discotecas mas vou-te dizer sítios onde as pessoas vão no Porto: a Baixa, a zona do Piolho.”. Ele foi e disse: “Meu Deus, que brutal!”, isto porque lhe fez lembrar aquela parte de Lisboa, o Bairro Alto.”

Maria Luís, 22 anos, Estudante, Porto.

“Se eles (amigos de fora do Porto) estivessem cá e eu tivesse que lhes mostrar o Porto, obrigatoriamente passava pela Baixa.”

Rute, 23 anos, Estudante, Porto.

Quando pedimos aos inquiridos para associar o espaço a uma estética em particular, as respostas não podiam ser mais dispersas. Ao *Maus Hábitos*, os homens associam um ambiente retro, já as mulheres não podiam ter uma opinião mais distante; para elas a estética do espaço é sobretudo contemporânea. Esta “indecisão” pode-nos levar a escrever que diversidade que classifica a programação deste espaço estende-se até à decoração e concluir que esta se liga às performances que recebe. No *Passos Manuel*, lugar dedicado à música

electrónica, houve maior consenso: tanto o sexo feminino como o masculino entendeu que o espaço tem uma estética *underground*; talvez as luzes vermelhas no escuro do bar tenham ajudado a tomar esta decisão. Por último, ao *Plano B*, atribuem-se duas estéticas diferentes: a retro, escolhida por 11 mulheres, e a *underground*, apontada por 13 homens. Se tivermos em conta as diferentes áreas congregadas no mesmo espaço, facilmente percebemos estas opções. O bar, situado no piso 0, é um espaço mais iluminado, composto por objetos decorativos de estilo *vintage*, daí a estética retro, já o piso inferior, onde encontramos a Sala Palco (para concertos) e a Sala Cubo (para DJ *sessions*) é mais sombrio, conta apenas com alguns *led's* para a iluminação, quase não se veem elementos decorativos, e está marcadamente voltado para a apreciação de performances, e não tanto para o convívio.

Quadro 12 – Estética associada aos espaços, tendo em conta o género dos inquiridos.

<i>Estética do Espaço/Género</i>	<i>Maus Hábitos</i>		<i>Passos Manuel</i>		<i>Plano B</i>	
	<i>Masculino</i>	<i>Feminino</i>	<i>Masculino</i>	<i>Feminino</i>	<i>Masculino</i>	<i>Feminino</i>
<i>Contemporânea</i>	5	4	1	2	3	5
<i>Retro</i>	6	2	1	3	5	11
<i>Fashion/ Glamourosa</i>	0	0	1	1	0	1
<i>Minimalista</i>	0	1	1	4	0	1
<i>Casual</i>	4	2	1	0	0	2
<i>Underground</i>	4	3	8	4	13	3
<i>Eclético</i>	4	1	3	0	4	3
<i>Industrial</i>	0	0	0	0	0	0
<i>Outra</i>	0	3	0	0	0	0
<i>Total</i>	24	17	19	15	26	28

Fonte: Quadro elaborado pela autora, a partir de dados obtidos nos inquéritos por questionário.

Figura 10 - Um espaços, duas imagens. Fotografias dos bares do Plano B (em cima o bar do piso 0, em baixo o bar do piso -1)

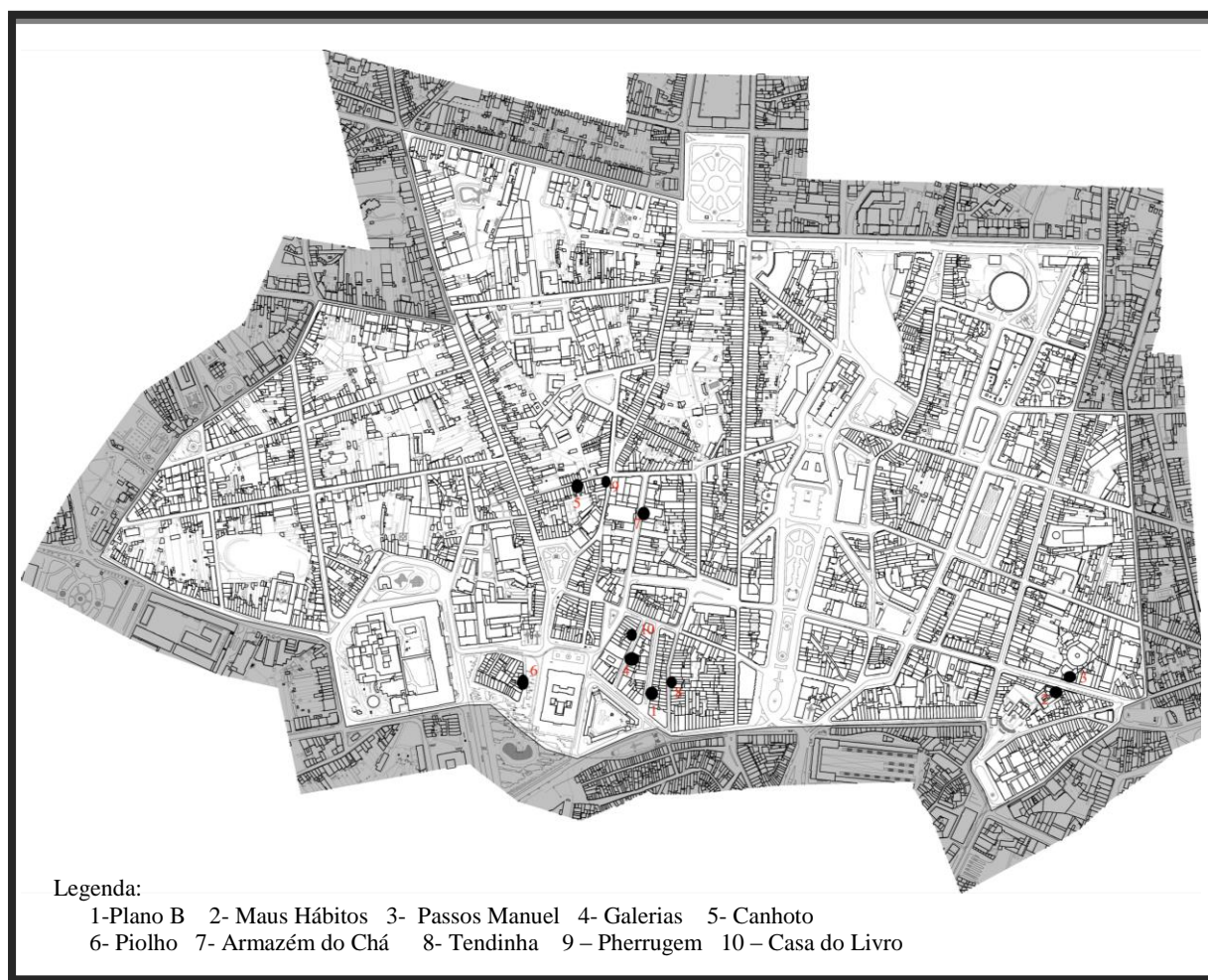


Fonte: Página do espaço no Facebook

Deixando agora um pouco de parte a relação dos inquiridos com o espaço e explorando a sua ligação à Baixa da cidade, num sentido mais geral, tentamos, numa primeira fase, chegar até três coisas: ao nome dos espaços mais frequentados, dos preferidos e daqueles que, na forma sua forma de ver esta realidade, mais responsabilidade tiveram na dinamização desta área da cidade.

O *Plano B*, o *Maus Hábitos* e o *Passos Manuel*, por esta ordem, apresentam-se como os espaços mais frequentados pelos nossos inquiridos, o que, em parte, não surpreende, pois os indivíduos abordados encontravam-se num destes três lugares. A estes acrescentam-se lugares como o *Piolho*, o *Galerias*, o *Pherrugem* e o *Tendinha* (todos eles à esquerda da Avenida dos Aliados). O mapa da Baixa do Porto, abaixo apresentado, tem marcados os dez espaços mais frequentados pelos nossos inquiridos.

Figura 11 - Espaços mais frequentados pelos nossos inquiridos, na Baixa do Porto.



Fonte: Figura elaborada pela autora, a partir de dados obtidos nos inquéritos por questionário.

De apontar ainda que os espaços mais frequentados referidos pelos inquiridos sobrepõem-se aos que foram mencionados pelos nossos entrevistados.

“Baixa, Galerias de Paris, Piolho, Adega. Tem ali por dentro também outras ruas mais escondidas, também com discotecas. Eu acho que eu fui uma vez para a zona industrial, para uma festa. Para a Foz ainda não. Vou agora em Julho para uma festa na praia, em Matosinhos.”

Clarisse, 22 anos, Estudante Erasmus, Porto.

“O V5, o Pherrugem, Armazém do Chá, Casa-do-Ló e um que abriu novo agora...chama-se aduelA.”

Bruno, 27 anos, Estudantes, Porto.

As coisas alteram-se ligeiramente quando em causa estão os espaços preferidos. O *Canhoto* ganha aqui vantagem sobre os restantes lugares, de tal forma que estimulou a nossa vontade de conhecer o espaço e entrevistar o seu gestor. O *Galerias* e o *Plano B* seguem o *Canhoto* nas preferências.

O nosso terceiro objetivo passava por conhecer aqueles que, para os frequentadores dos espaços em estudo, foram os responsáveis pela dinamização da Baixa da cidade. Obtivemos vários nomes mas, de longe, o *Plano B* (com 80 indicações), o *Maus Hábitos* (com 57) e o *Passos Manuel* (com 52) foram aqueles que os visitantes mais vezes distinguiram como grandes contribuintes para a nova vida desta área da cidade, o que, em boa medida, nos mostra que fizemos uma boa escolha quando selecionamos, de entre muitos, estes três lugares para estudar em profundidade.

A nossa procura por representações acerca das mudanças e dinâmicas lúdicas e musicais na cidade continuou. Questionamos os inquiridos sobre qual seria, na sua opinião, o ano de viragem na Baixa portuense. 27% da nossa amostra indicou-nos 2006 como sendo esse o ano que procurávamos, o que não nos surpreende, pois foi esse o período em que mais espaços de animação e intervenção cultural apareceram na zona, motivo que 57% dos inquiridos tomou como fator que pode ter despertado a movida na Baixa do Porto e ao qual se segue a heterogeneidade e a atualidade da programação destes locais.

Quadro 13 – Fatores que poderão ter despertado a movida na Baixa do Porto

	<i>Maus Hábitos</i>	<i>Passos Manuel</i>	<i>Plano B</i>
<i>Aparecimento de espaços de animação e intervenção cultural na zona</i>	66.7%	47.1%	57.4%
<i>Heterogeneidade e actualidade na programação desses espaços</i>	16.7%	44.1%	24.1%
<i>Intensificação da rede de transportes</i>	2.4%	8.8%	7.4%
<i>Intensificação do número de turistas estrangeiros na cidade</i>	2.4%	0%	9.3%
<i>Outro motivo</i>	9.5%	0%	0%
<i>NS/NR</i>	2.4%	0%	1.9%
Total	100%	100%	100%

Fonte: Quadro elaborado pela autora, a partir de dados obtidos nos inquéritos por questionário.

Quanto às preferências musicais, estas recaem sobretudo sobre 3 conjuntos de géneros musicais: o *alternativo/indie rock*, o *pop/rock* e o *Punk/New Wave*. Ainda assim, deste conjunto, a música alternativa reúne as preferências de quase metade do público (49.23%), afinidade que sustenta o título que atribuímos a esta cena musical: cena musical alternativa.

Assimilando agora todos os dados até aqui apresentados, podemos dizer que estamos perante o perfil dos responsáveis pela movida na Baixa da cidade do Porto, porque afinal, são também os frequentadores dos espaços que aqui têm lugar, os agentes promotores da reanimação da vida cultural da cidade.

Pensando na definição que Straw dá a cena musical, encontramos-nos em condições de afirmar que a realidade que estudamos na Baixa do Porto encaixa perfeitamente neste conceito. O que aqui conhecemos, foi um conjunto de indivíduos, com um perfil sociográfico fixo, tributário de uma memória coletiva comum musical (Straw, 1991: 6). A questão que se impõe, se tivermos em conta a tricotomia defendida por Bennett e Peterson (2004), é se estamos perante uma cena musical local ou translocal? O Porto e a sua Baixa já foram uma cena musical local, quando às necessidades locais apenas os espaços, os produtores e os fruidores “residentes” davam resposta. Hoje o Porto reflete formas distintas de música e de estilos de vida, vindos de pontos físicos distantes. As barreiras esbatem-se, muito devido ao peso do virtual, ainda assim, acreditamos que os principais responsáveis por esta partilha de gostos e vivências são os turistas que hoje vêm até à cidade em número nunca antes visto. O Porto é, hoje, aquilo que Carlos Fortuna (1999) trata por paisagem sonora global, uma cidade

que agrega na sua paisagem rítmica, na sua música, sons que vêm do outro lado das fronteiras nacionais, porém, o seu contributo vai além destes sons e permanece, mesmo quando já os turistas estrangeiros já cá não estão.

Descartamos a hipótese desta se apresentar como uma cena musical virtual, em boa parte devido à fraca expressão que as redes sociais tomam na divulgação dos espaços e da programação dos mesmos, pelo menos junto do nosso grupo de inquiridos.

6. Uma proposta de banda sonora da Baixa do Porto

A Baixa da cidade do Porto é rica em múltiplos sons, vindos de fontes variadas. Tal tornou aliciante o desafio de criar para esta área da cidade uma banda sonora. Foram precisas e realizadas várias incursões a este lugar, para se apurarem e registarem os sons que nela se fazem ouvir (privilegiamos o horário noturno, por ser este o período do dia em que a música mais movimenta a Baixa da cidade). Neste contexto, o que é uma banda sonora de uma cidade? O que é a banda sonora da Baixa do Porto?

Já nesta Dissertação dissemos, usando palavras de Lefebvre, que os sons que marcam o pulso da cidade são os mesmos que compõe a sua música. De facto, é a forma como as sonoridades se combinam no tempo e no espaço que confere ao centro das cidades a sua identidade própria. Carlos Fortuna (1999) vai ainda mais longe ao sugerir que, através da análise às características específicas que marcam as paisagens sonoras urbanas, podemos perspetivar o crescimento e a consolidação da cidade. Tomando estas perspetivas em conta, poder-se-á então dizer que a banda sonora de uma cidade não é mais do que a composição resultante da agregação de sons, sejam eles novos, tradicionais, ou de transição, num determinado espaço, a uma determinada altura, composição à qual atribuímos sentido, com base na nossa experiência social e biográfica, enquanto ouvintes.

Se pensarmos a Baixa do Porto, nos últimos anos as alterações ao nível da sua banda sonora foram dramáticas. A nós interessa-nos explorar as mudanças ocorridas na paisagem sonora noturna, porque afinal é nela que os espaços que estudamos, e não só, têm impacto. Gostaríamos de encontrar alguém que nos dissesse "10 da manhã. Abro a janela. Acendo a rádio e nisto ouço a canção que ouvíamos e dançávamos no Frágil. Não sei o título da canção, nem quem a canta. Sinto-me longe daqui, por um instante." (Berto, 1994), mostrando que, o que acontece ao Al Berto, quando pensa nas suas estadas pelo Bairro Alto, passa-se também na Baixa do Porto, com outro "Al Berto" qualquer. Entramos para isso num repetido exercício de ritmanálise, proposta da responsabilidade de Lefebvre, e analisamos os ritmos da Baixa, de forma a desvendar nela normas sociais, que produzem o tempo social. "Numa época marcada pela homogeneização cultural, política, económica e linguística, a que, concerteza que excessiva precipitação, já se chamou o fim da História. Também as músicas modernas vivem a ameaça deste tudo se tornar demasiado igual numa espécie de estado de entropia máxima,

onde as fórmulas tudo reduzem e as diferenças se aniquilam.” (Vicente, 2008: 12), reside nas cidades culturalmente marcadas a esperança para a manutenção desta diversidade.

No final do exercício a que nos propusemos, o resultado foi este: descobrimos que a Baixa portuense encerra em si mais do que uma paisagem sonora; nós contamos quatro e vamos apresentar cada uma delas.

Figura 12 – 4 Paisagens Sonoras na Baixa do Porto



Fonte: Mapa elaborado pela autora

1) Praça de Parada Leitão - Sempre que alguém chega para se juntar à conversa de um grupo, ou este sai com destino a outro lugar. Bebe-se café, consomem-se cervejas e fumam-se cigarros. O Café D'Ouro, nas entrevistas tantas vezes apontado como ponto de partida para uma noite de lazer e consumos, mostrou-se um espaço de eleição para os estudantes académicos, que tantas vezes o escolhem para jantares de curso, os mesmos onde ecoam o “hino” do curso a que pertencem. Também as Tunas aqui se reúnem para exhibir o Cancioneiro Académico, e a regularidade com que o fazem levam a que este tenha que ser incluído no leque de sons que caracterizam esta paisagem.

Figura 13 - Praça de Parada Leitão (frente do Café D'ouro)



Fonte: Página do espaço Piolho no Facebook

Do mesmo espaço vem o som da máquina de café a trabalhar, o mesmo que abafa a música de fundo do espaço. O local vai se mantendo dinâmico até o dia virar; assim que entramos pela madrugada, o silêncio e a calma vão se impondo, de novo. Os grupos vão saindo, as cadeiras vão ficando vazias, a máquina de café trabalha menos vezes do que nas horas anteriores. Apenas a música, outrora de fundo, se faz ouvir melhor.

2) Travessa de Cedofeita - Na Travessa de Cedofeita o rock é rei, assim já o dissemos noutra ponto desta dissertação. Espaços como o Canhoto, o V5, o Pherugem, cuja programação tem uma forte incidência sobre géneros musicais como o punk/rock, tomam aqui o seu lugar. Apesar desta ser uma zona habitacional, a música que passa no interior dos espaços, ouve-se na rua. É também nela que muitos dos frequentadores destes lugares preferem estar a conversar, de cerveja e cigarro na mão.

Figura 14 - Travessa de Cedofeita (frente do espaço Canhoto)



Fonte: Página do espaço Canhoto no Facebook

Das quatro paisagens que apuramos, nomeamos esta como a mais “pesada” de todas, por ser este o adjetivo que nos ocorreu sempre que entramos nesta atmosfera. Maioritariamente preenchida por homens, o preto das roupas que vestem mistura-se com o negro da noite naquelas ruas onde, durante o dia, circulam dezenas de pessoas com sacos de compras nas mãos. Na formação da identidade, os gostos e afinidades musicais sempre se mostraram fundamentais; a definição do *self* acontece nas trocas simbólicas que se dão através da música (Larsen, 2006). Nesta paisagem está bem marcado o peso que esta tem na construção do eu. A maior representação do sexo masculino, as roupas pretas, as t-shirts estampadas com nomes de bandas como *Ramones*, *AC/DC*, *System of a Down*, as tatuagens, todas estas se apresentam como características esperadas de uma tribo urbana adepta do *punk/rock*.

3) Galeria de Paris - Este é talvez o nome da artéria que junta o público mais jovem da Baixa. A Rua da Galeria de Paris e as suas paralelas acolhem um elevado número de espaços culturais-musicais, todos muito diferentes na sua génese. Aqui os espaços culturais são “vividos e incorporados na experiência da população local como espaços sociais (...) espaços vivos que inspiram um entendimento comum do lugar” (Centeno, 2008: 2984).

Figura 15 - Rua da Galeria de Paris



Fonte: Página do espaço Galerias no Facebook

A proximidade e a variedade que os caracterizam motivam uma maior concentração de pessoas e daí advém o som das conversas, das brincadeiras e das gargalhadas na rua. Aqui é importante acrescentar que, no caso de uma parte considerável dos grupos, a conversa faz-se numa outra língua que não a portuguesa. A presença de turistas e estudantes de outras nacionalidades é uma constante na Baixa da cidade, o ruído que produzem motiva-nos a trazer para a análise o conceito de “paisagens sonoras globais” (Fortuna, 1999), pois estamos afinal numa paisagem onde os sons vêm de pontos além fronteiras. Estas ruas são ainda inundadas pela música dos espaços, que não podiam assentar em géneros musicais mais distintos. Aqui a eletrónica, o punk/rock e a música popular brasileira ouvem-se com facilidade.

4) Rua de Passos Manuel - Para chegarmos até ao Passos Manuel ou ao Maus Hábitos temos que atravessar a Avenida dos Aliados e subir a íngreme rua de Passos Manuel. Aqui a agitação não pode de todo ser comparada à que tem lugar no outro lado da avenida.

Figura 16 - Rua de Passos Manuel (frente do espaço Maus Hábitos)



Fonte: Página do espaço Maus Hábitos no Facebook

São poucas as pessoas que encontramos na rua e as que encontramos estão a caminhar. Poucas param para conversar na rua, como acontecia nas paisagens que até aqui fomos descrevendo. Por isso, sempre que ouvimos o som de pessoas a falar, ele aproxima-se e afasta-se de nós, tal como as fontes que o emitem. Porque estes dois espaços são vizinhos, paramos entre ambos para fazer uma auscultação dos sons; na rua ouve o som abafado da música, vindo do Salão Nobre do Maus Hábitos. Do lado oposto da rua nada se ouve. Está é uma paisagem é, de todas, a mais pobre em sons.

Conclusões

Nunca parto inteiramente

Não me dou á despedida

As águas vão simplesmente

Presas à sua nascente

É do seu modo de vida. Manel Cruz (1994) - *Nunca parto inteiramente*

Uma vez chegados a este ponto da investigação, vale a pena relembrar as linhas que pautaram o percurso até aqui. A mudança da paisagem urbana, em grande parte devido à dinamização de cenas musicais, motivou-nos a olhar para a realidade da Baixa portuense e pensá-la um pouco à imagem de Manchester, Seattle, Liverpool, Montreal ou Toronto. Sempre foi nosso objetivo perceber o papel que as manifestações musicais tiveram na recomposição da identidade da cidade e do seu perfil urbano. Assim, fomos à procura de compreender a Baixa da cidade e as sonoridades que decorrem dos seus recentes processos de requalificação e renovação urbana.

Abordamos o Porto 2001, por ter sido o organismo responsável pelo acolhimento e organização do evento Porto - Capital Europeia da Cultura e a entidade responsável pelo lançamento de uma abrangente operação de regeneração urbana. Entramos em contato com a obra de Carlos Fortuna, por ser esta uma forte contribuinte para a discussão de aspetos relativos ao crescimento das cidades europeias e evolução dos seus centros históricos. Exploramos o conceito de paisagens sonoras e distinguimo-lo, com a ajuda do trabalho de Schafer, de campo sonoro. Centramos a atenção no conceito de cena e dissecamo-lo desde a sua génese à sua consolidação. Aqui o trabalho de Andy Bennet e Peterson foi um alicerce basilar no desenvolvimento deste ponto, assim como o contributo de Paula Guerra não pode ser descurado no momento de ensaiar a cena musical portuense.

Através de todos estes contributos teóricos e de um contato exploratório com a realidade da Baixa portuense, desenhamos hipóteses que nos preparamos agora, com auxílio de toda a informação que recolhemos através da aplicação das técnicas, para as confirmar ou infirmar.

A primeira possibilidade que levantamos passava por uma relação recíproca de causalidade entre a ideia de reabilitação das áreas devolutas dos centros históricos e o aparecimento de novos espaços culturais, lúdicos, musicais e comerciais. Para a testar recuamos até 2001 e olhamos para a operação de regeneração urbana, lançada pelo organismo

organizador do Porto - Capital Europeia da Cultura. Entendemos que a intervenção que aconteceu ao nível do redesenho urbano dos passeios e vias da cidade, foi a responsável pela eliminação do estado de degradação em que estas artérias se encontravam e pela ligação de uma série de pontos culturais da cidade (teatros, museus, galerias...). Esta “teia”, criada num momento de reabilitação, contribuiu para duas coisas: o aparecimento de novos espaços ligados à cultura e às artes e a fixação, nesta zona da cidade, de um público que tem particular interesse em frequentar estes espaços, consumir o que eles têm para oferecer e, muitas vezes, oferecer o que eles dão a consumir. É por isso óbvio que estes são dois fenómenos ligados em si, porém não por uma relação de causa-efeito, porque, para tal, era necessário que um deles tivesse precedido o surgimento do outro, e isso é coisa que não aconteceu. O fenómeno da reabilitação do centro histórico e o aparecimento de novos espaços aconteceram em simultâneo, pelo que se pode e deve descrever a sua causalidade como recíproca.

Mas porque, como muitas vezes fomos escrevendo ao longo destas páginas, o que verdadeiramente nos interessa são as manifestações musicais e o papel delas na recomposição da identidade da cidade e do seu perfil urbano, chega agora a altura de verificar esta relação. Dos tantos espaços que foram abrindo portas na última década, uma considerável parte está ligada à música. Servem de palco a nomes nacionais e internacionais, projetos consagrados ou sem lugar noutro contexto. Colocando as atenções na nossa amostra de entrevistados, vemos nela, como seria de esperar, um pequeno retrato daquilo que é a realidade nesta cena musical (e já a chamamos assim sem hesitações); a Baixa do Porto é hoje rica em agentes de produção, mediação e fruição musical. Procuramos aqui músicos e DJ's e encontramos; escolhemos, de entre muitos, três espaços que servem de casa aos seus projetos e não foi difícil ir até lá; assim como também não foi complicado olhar para jovens curiosamente interessados pelo que os primeiros fazem e os segundos divulgam. Todos se relacionam entre si. Aqui as barreiras parecem não existir. Aos produtores cabe a função de criar e fazer a sua criação chegar até aos espaços onde gostariam de a exhibir (e vimos que o fazem tantas vezes por email ou mensagem, através das redes sociais virtuais); os programadores, num trabalho muitas vezes conjunto com os donos e gestores dos espaços, procuram originalidade e qualidade nas propostas que lhes chegam e, se as encontrarem, o autores do trabalho vão sabê-lo e o público do lugar vai conhecê-lo. E não são estanques os limites entre produtores, mediadores e fruidores, tome-se como exemplo o músico que produz e simultaneamente consome o trabalho de outros profissionais ou amadores nesta área, por puro prazer ou para se colocar a par das últimas tendências. O mesmo fazem os programadores: vestem a “pele” de

consumidores e vão à procura do que pode preencher a programação do espaço onde trabalham, isto porque a sua grelha não é, como nos adiantaram, preenchida apenas a partir de propostas externas. E estão todos perto uns dos outros, para que saia facilitada esta troca de experiências, informações e interesses. Tome-se mais uma vez a amostra de entrevistados como exemplo e considerem-se os excertos dos seus discursos, apresentados no ponto 4. Todos residem no Porto, seja porque é a cidade onde nasceram, cresceram, ou escolheram para estudar ou trabalhar. Os estudantes que residem na Baixa encontraram na proximidade aos espaços de animação uma mais valia no momento da escolha da casa; os músicos estão mais perto dos seus estúdios e dos espaços onde exibem as suas performances, o que se torna vantajoso se pensarmos nos materiais que têm de transportar a cada atuação, por exemplo; os programadores e os donos estão perto do seu local de trabalho. Encontramos assim, nestas justificações, o sustento para a nossa hipótese: a proximidade que os envolvidos nas manifestações musicais tentam manter entre si alicia a uma fixação na Baixa. A cidade ganha assim uma nova identidade, uma nova energia e vitalidade, que alimenta e é alimentada pela música. O perfil dos residentes, por consequência, também se altera e vai de encontro a um perfil-tipo desenhado por João Queirós (2007): um perfil que corresponde ao de consumidor regular de atividades por e para estes espaços, ou seja, jovens, membros de classes médias urbanas, ligados a ocupações em áreas artísticas, de design, arquitetura ou outras.

A realidade que aqui acabamos de descrever sustenta a presença da relação música-lugar no leque das estratégias para o desenvolvimento do local. A Baixa reúne todas as condições para ser encarada como um bairro cultural, tal como Manchester ou Seattle. Pode até não estar presente nas letras, como Manchester está nas composições de Morrissey (vocalista dos The Smiths), ou tão associada a um género musical, como Seattle está ao grunge, mas é uma cena nascida da vontade dos habitantes locais, com interesses e gostos culturais partilhados.

Apesar de termos atribuído aos habitantes locais a responsabilidade do aparecimento desta cena, não descartamos a hipótese dela ter sofrido influência estrangeira. Consideramos o volume de turistas europeus que a cidade hoje recebe, as experiências que alguns dos nossos entrevistados colheram, enquanto estudaram ou trabalharam fora do país, e assumimos, levando em linha de conta a tricotomia avançada por Andy Bennett (2004) a Baixa do Porto como uma cena translocal. Por diversas vezes, no decurso das nossas entrevistas, as companhias de baixo custo, a voar para o Porto, foram apontadas como responsáveis por alimentar a movida que a cidade hoje conhece. Pelo que apuramos com as observações, estes

turistas são presença nos espaços que estudamos, agora permanece em aberto uma questão: o que os terá motivado a escolher o Porto como destino? Terá esta dinâmica musical e cultural peso nessa decisão? Esta é uma hipótese que fica para responder em trabalhos futuros, até porque, nunca como agora, houve tanto para descobrir nas cidades. Há uma cidade sensível (Lefebvre, 1992) para desvendar, ruas e ritmos da cidade para reinterpretar, assim como “processos através dos quais a noite poderá estar a colonizar o dia ou algumas das suas dimensões, e, mais do que isso, a colonizar a cidade e a cultura urbana no seu todo sem que o percebamos com clareza.” (Fortuna, 2009: 91).

Bibliografia

Monografias

ALASUUTARI, P. (1995) - *Researching culture: qualitative method and cultural studies*. London: Sage Publications. ISBN: 0-8039-7830-8.

ALVESON, Mats; SKÖLDBERG, Kaj (2001) – *Reflexive methodology*. 2a ed. Londres: Sage Publications. ISBN 08039 7706 9. p.4-35.

BECKER, Howard S. (1984) – *Art worlds*. Londres: University of California Press. ISBN 0-520-05218-8.

BENNETT, Andy (2000) - *Popular music and youth culture: music, identity and place*. Melbourne: Palgrave Macmilan. ISBN 0-3122-2753-1.

BENNETT, Andy; PETERSON, Richard A. (eds.) (2004) - *Music scenes: local, translocal and virtual*. Nashville: Vanderbilt University Press. ISBN 0-8265-1451-0. 168-186.

BERGER, Peter L., LUCKMANN, Thomas (1999) - *A construção social da realidade*. Lisboa: Dinalivro.

BOVONE, Laura (1997) – Os novos intermediários culturais. In FORTUNA, Carlos, org. – *Cidade, cultura e globalização: ensaios de sociologia*. Oeiras: Celta editora. ISBN 972-8027-78-8. p. 105-120.

BURGESS, Robert G. (1997) – *A pesquisa de terreno: uma introdução*. Oeiras: Celta Editora. ISBN 972-8027-43-5.

COHEN, Sara (1991) - *Rock culture in Liverpool: popular music in the making*. Nova Iorque: Oxford University Press. ISBN 0-1981-6178-6.

COSTA, Pedro (2002) – *As actividades da cultura e a competitividade territorial: o caso da Área Metropolitana de Lisboa*. Lisboa: Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade Técnica de Lisboa. Tese de doutoramento em planeamento regional e urbano.

CRANE, Diana (1992) - *The production of culture: media and the urban arts*. California: Sage Publications. ISBN 0-8039-3694-X.

CRESWELL, John W. (1994) – *Research design. Qualitative & quantitative approaches*. Nova Iorque: Sage Publications. ISBN 0-8039-5255-4.

FEATHERSTONE, Mike (1995) – *Undoing culture: globalization, postmodernism and identity*. 1a ed. Londres: SAGE Publications. ISBN 0-8039-7606-2.

FEHÉR, Ferenc; HELLER, Ágnes (1998) – *Políticas de la postmodernidad: ensayos de crítica cultural*. Barcelona: Editorial Península. ISBN 84-8307-139-8.

FORTUNA, Carlos; SILVA, Augusto Santos (2001) – A cidade do lado da cultura: espacialidades sociais e modalidades de intermediação cultural. In SANTOS, Boaventura de Sousa, org. – *Globalização: fatalidade ou utopia?* Porto: Edições Afrontamento. ISBN 972-36-0569-4. p. 409-461.

FOUCAULT, Michel (2007) - *Security, Territory, Population*. França: St Martins Press. ISBN:978-14039865-28.

FRITH, Simon (2004) - *Popular music: music and society. Volume 1 de Popular Music* Londres: Routledge. ISBN 978-04153326-75.

FRITH, Simon (2004) - *Popular music: music and society. Volume 1 de Popular Music* Londres: Routledge. ISBN 978-04153326-75.

GHIGLIONE, Rodolphe; MATALON, Benjamim (1993) - *O Inquérito*. Oeiras: Celta Editora. ISBN 972-8027-13-3.

GOTHAM, Kevin Fox, ed. (2001) – *Critical perspectives on urban redevelopment*. Research in urban sociology (vol.6). Oxford: JAI Press. ISBN 0-7623-0541-X.

GUERRA, Paula (2010) - *A instável leveza do rock: génese, dinâmica e consolidação do rock alternativo em Portugal* [em linha]. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Tese de Doutoramento em Sociologia. [Consult. 10 Outubro 2013]. Disponível em: <<http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/56304>>.

HANNIGAN, John (2000) – *Fantasy city: pleasure and profit in the postmodern metropolis*. London: Routledge. ISBN 0-415-15098-1.

HARVEY, David (1990) – *The condition of postmodernity*. 2a ed. Oxford: Basil Blackwell. ISBN 0-631-16294-1.

HUIZINGA, J. (2003) - *Homo ludens: a study of the play-element in culture*. Londres: Taylor & Francis. ISBN 0-415-17594-1.

LASH. Scott; URRY, John (1999) – *Economies of signs & space*. 4.a ed. Londres: SAGE Publications. ISBN 0-8039-8472-3.

LEFÈBVRE, Henri (2000) - *La Production de l'Espace*, Paris, Anthropos. ISBN 2717839542.

LOPES, Joao Teixeira (2000) – *A cidade e a cultura: um estudo sobre práticas culturais urbanas*. Porto: Edicoes Afrontamento. ISBN 972-36-0529-5.

MCROBBIE, Angela (1994) - *Postmodernism and Popular Culture*. Londres: Routledge. ISBN 978-0415077125.

MITCHELL, Don (2000) – *Cultural geography: a critical introduction*. Oxford: Blackwell Publishers. ISBN 1-55786-892-1.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van (1998) - *Manual de investigação em Ciências Sociais*. 2.a ed. revista e aumentada. Lisboa: Gradiva. ISBN 972-662-275-1.

SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos, coord. (1998) – *As políticas culturais em Portugal*. Lisboa: Observatório das Actividades Culturais. ISBN 972-8488-02-5.

SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos, coord. (2002) – *Públicos do Porto 2001*. Lisboa: Observatório das Actividades Culturais. ISBN 972-8488-25-4.

TOMLINSON, John (2004) - *Global culture, deterritorialization and the cosmopolitanism of youth culture*. In GAVAN, Titley, ed. - *Resituating culture*. Strasbourg: Council of Europe. ISBN 92-871-5396-5. p.21-29.

ZUKIN, Sharon (1995) – *The cultures of cities*. Oxford: Blackwell Publishing. ISBN 1-55786-437-3.

Artigos e contribuições em monografias

ABREU, Paula (2001) – *Públicos culturais nas cidades ou das cidades?*. In PINHEIRO, Magda; BAPTISTA, Luís V. ; VAZ, Maria João, orgs. - *Cidade e metrópole: centralidade e marginalidades*. Oeiras: Celta Editora. ISBN 972-774-129-0. p.159-169.

BRAH, Avtar (2004) - *Diasporic spatiality, difference and the question of identity*. In Gavan Titley, ed. - *Resituating culture*. Strasbourg: Council of Europe. ISBN 92-871-5396-5. p.31-39.

BRIDGE, Gary; WATSON, Sophie (2000) – *City imaginaries*. In BRIDGE, Gary; WATSON, Sophie, ed. – *A companion to e city*. Oxford: Blackwell Publishers. ISBN 0-631-21052-0. p. 7-17.

BYERS, Jack (1998) – *The privatization of downtown public space: the emerging grade- separated city in North América*. In PACIONE, Michel, ed. (2002) – *The city: critical concepts in the social sciences*. Londres: Routledge. ISBN 0-415-25271-7. p. 106-136.

CORIJN, Eric; PRAET, Sabine van (1997) – Capitais europeia da cultura e políticas de arte. In FORTUNA, Carlos, org. – *Cidade, cultura e globalização: ensaios de sociologia*. Oeiras: Celta editora. ISBN 972-8027-78-8. p. 137-164.

COSTA, Pedro (2003) - Públicos da cultura, redes e território: algumas reflexões sobre a sustentabilidade de um bairro cultural. In GOMES, Rui Telmo (2004) – *Públicos da cultura: actas do encontro organizado pelo OAC em Lisboa, 24-25 de Novembro de 2003*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. ISBN 972-8488-27-0. p. 93-116.

FEATHERSTONE, Mike (1997) – Culturas globais e culturas locais. In FORTUNA, Carlos, org. – *Cidade, cultura e globalização: ensaios de sociologia*. Oeiras: Celta Editora. ISBN 972-8027-78-8. p. 83-103.

FORTUNA, Carlos (1999) - *Identities percursos, paisagens culturais: estudos sociológicos de cultura urbana*. Oeiras: Celta Editora. ISBN 972-774-033-2.

GASKELL, George, ed. (2000) – *Qualitative researching with text, image and sound: a practical handbook*. Londres: Sage publications. ISBN 0-7619-6480-0. p. 38-56.

HAMETT, Chris (2000) – Gentrification, postindustrialism, and industrial and occupational restructuring in global cities. In BRIDGE, Gary; WATSON, Sophie, ed. – *A companion to e city*. Oxford: Blackwell Publishers. ISBN 0-631-21052-0. p. 331-341.

LASH, Scott e URRY, John (1994) - Accumulating signs: the culture industries. In *Economies of signs and space*. London: Sage Publication. ISBN 0-8039-8471-5. p. 111-144.

MCNEILL, Donald e WHILE, Aidan (2001) – The new urban economies. In PADDISON, Ronan, ed. (2001) – *Handbook of urban studies*. Londres : Sage publications. ISBN 080397695X. p. 296-307.

O'CONNOR, Justin; WYNNE, Derek (1997) – Das margens para o centro: produção e consumo de cultura em Manchester. In FORTUNA, Carlos, org. – *Cidade, cultura e globalização: ensaios de sociologia*. Oeiras: Celta editora. ISBN 972-8027-78-8. p. 189-205.

RODRIGUES, Walter (1997) - “Globalização e gentrificação. Teoria e empiria”, in Fortuna, C. (org.), *Cidade, Cultura e Globalização*, Oeiras, Celta Editora.

SIMMEL, George (1997) [1903] - "A metrópole e a vida do espírito". In FORTUNA, Carlos (org) - *Cidade, cultura e globalização: ensaios de sociologia*. Oeiras: Celta Editora. ISBN 972-80-27-78-8. Cap. 1, p. 31-43.

SMITH, Neil (1999) – Gentrification, the frontier and the restructuring of urban space. In FAINSTEIN, Susan; CAMPBELL, Scott, ed.- *Readings in urban theory*. 3.a ed. Oxford: Blackwell Publishers. ISBN 1-55786-609-0. p. 338-358.

URRY, John (2000) – City life and the senses. In BRIDGE, Gary; WATSON, Sophie, ed. – *A companion to the city*. Oxford: Blackwell Publishers. ISBN 0-631-21052-0. p. 388-397.

WIRTH, Louis (1997) [1938] - "O urbanismo como modo de vida". In FORTUNA, Carlos (org) - *Cidade, cultura e globalização: ensaios de sociologia*. Oeiras: Celta Editora. ISBN 972-80-27-78-8. Cap. 2, p. 45-65.

WIRTH, Louis (1997) [1938] - "O urbanismo como modo de vida". In FORTUNA, Carlos (org) - *Cidade, cultura e globalização: ensaios de sociologia*. Oeiras: Celta Editora. ISBN 972-80-27-78-8. Cap. 2, p. 45-65.

Artigos e contribuições em revistas científicas

ABREU, Paula (2000) – Práticas e consumos de música(s): ilustrações sobre alguns novos contextos de prática cultural. *Revista Crítica de Ciências Sociais*. 56. ISSN: 18083102. 123-145.

BENNETT, Andy (2002) - "Music, media and urban mythscapes: a study of the «Carterbury sound»". *Media, Culture & Society* [em linha]. Vol. 24, p. 87-100. [Consult. 19 Dezembro 2013]. Disponível em: <http://www.sfu.ca/cmns/courses/2011/488/1Readings/Bennett_MusicMythscapes.pdf>. ISSN 0163-4437.

BIANCHINI, Franco (2001) – The concept and practice of “cultural planning”. In *Cidade e culturas: novas políticas, novas urbanidades. Actas do Encontro Temático Intercongressos*. Porto: Associação Portuguesa de Sociologia. p. 8-12.

BLUM, Alan (2001) - "Scenes". *Public* [em linha]. n.o 22/23, p. 7-35. [Consult. 2 Maio 2014]. Disponível em: <<http://www.publicjournal.ca/>>. ISSN 0845-4450.

COSTA, Pedro (1999) – Efeito do «meio» e desenvolvimento urbano: o caso de fileira da cultura. *Sociologia – problemas e práticas*. ISSN 0873-6529. N.o 29, p. 127-149.

COSTA, Pedro (2000) – Centros e margens: produção e práticas culturais na área metropolitana de Lisboa. *Análise Social*. ISSN 0003-2573. N.o 153 (Abr. a Jun. 2000), p. 957-983.

DeNORA, Tia (2004) - *Historical perspectives in music sociology. Poetics*. 32. ISSN 1419142402. 211 - 221.

DUARTE, Teresa (2009) - "A possibilidade da investigação a 3: reflexões sobre triangulação (metodológica)". CIES e-Working Papers [em linha]. n.o 60. [Consult. 05 Dezembro 2013]. Disponível em: <http://www.cies.iscte.pt/destaques/documents/CIES-WP60_Duarte_003.pdf>. ISSN 1647-0893.

DURÁN, Maria-Angéles (1998) - *La Ciudad Compartida: Conocimiento, afecto e uso*. Consejo Superior de los Colegios de Arquitectos de España. Madrid. [Em linha] [Consult. 22 de Junho de 2014] Disponível em pdf em: http://www.redmujer.org.ar/pdf_publicaciones/La_ciudad_compartida.pdf. FEATHERSTONE, Mike (1994) – *Consumer culture & postmodernism*. 6a ed. Londres: SAGE Publications. ISBN 0-8039-8415-4.

FERREIRA, Claudino (2001) – Intermediação cultural, grandes eventos e difusão das culturas urbanas. In *Cidade e culturas: novas políticas, novas urbanidades. Actas do Encontro Temático Intercongressos*. Porto: Associação Portuguesa de Sociologia. p. 86-92.

FERRO, Lígia (2005) - Ao encontro da Sociologia Visual. *Sociologia - Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, n.º15, pp. 373-398.

FORTUNA, Carlos (1995) – Os centros urbanos das nossas cidades: entre a revitalização e a decadência. *Oficina do CES*. N.º62 (Setembro de 1995).

FORTUNA, Carlos (1999) – Os novos espaços públicos: identidades e práticas culturais. *Revista Crítica de Ciências Sociais*. No 54, p. 139-148.

FORTUNA, Carlos; FERREIRA, Claudino; ABREU, Paula (1999) – Espaço público urbano e cultura em Portugal. *Revista Crítica de Ciências Sociais*. No 52/53, p. 85-117.

GUERRA, Paula (2003) – A cidade na encruzilhada do urbano: elementos para uma abordagem de um objecto complexo. *Sociologia*. ISSN 0872-3419. N.º13, p.69-119.

KONG, Lily (1995) - Popular music in geographical analyses. *Progress in Human Geography* [em linha]. vol. 19. No. 2. pp. 183-198. p. 197. doi: 10.1177/030913259501900202. Disponível em: http://phg.sagepub.com/cgi/pdf_extract/19/2/183. [Consult. 12 Fevereiro 2014].

LEY, David (2003) – Artists, aestheticisation and the field of gentrification. *Urban Studies*. ISSN 0042-0980 Vol. 40, N.º 12 (Nov. 2003), p. 2527-2544.

MADEIRA, Cláudia (2001) – De onde vêm e para onde vão os programadores culturais? In *Cidade e culturas: novas políticas, novas urbanidades*. Actas do Encontro Temático Intercongressos. Porto: Associação Portuguesa de Sociologia. p. 44-48.

MARTORELLA, Rosanne (2002) – Cultural policy as marketing strategy: the economic consequences of cultural tourism in New York city. In CRANE, Diana; KAWASHIMA, Nobuko; KAWASAKI, Ken'ichi, ed. – *Global culture: media, arts, policy, and globalization*. New York: Routledge. ISBN 0-415-93230-0. p. 118-131.

MONTEIRO; Tiago J.L. (2007) – Autenticidade, legitimação e disputa simbólica: um olhar sobre a dinâmica interna de uma comunidade de fãs. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação [Em Linha: <http://www2.intercom.org.br/navegacaoDetalhe.php?id=33607>] [Consult. em: 16 Mai. 2014]

NUNES, João Arriscado (1996) – Fronteiras, hibridismo e mediatização: os novos territórios da cultura *Revista Crítica de Ciências Sociais*. Nº 45, p. 35-66.

PORTO VIVO, Sociedade de Reabilitação Urbana (2008) – *Porto Vivo 2004/2007*.

PRYSTHON, Angela (2008) - *Um conto de três cidades: música e sensibilidades culturais urbanas*. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Nº1. p.1-13.

QUEIRÓS, João (2007) - *O lugar da cultura nas políticas de reabilitação de centros urbanos: apontamentos a partir do caso do Porto: comunicação apresentada na First international Conference of Young Urban Researchers realizada em Lisboa, 11 e 12 de Junho de 2007*. Lisboa: ISCTE.

RODRIGUES, Walter (1992) - “Urbanidade e novos estilos de vida”, in *Sociologia – Problemas e Práticas*, n.o 12.

SASSEN, Saskia (2001) – Global city-regions in the twenty-first century. In SCOTT, Allen, ed. - *Global city-regions: Trends, Theory, Policy*. Oxford: Oxford University Press. p. 78-95.

SILVA, Augusto Santos [et al.] (1998) – Agentes culturais e públicos para a cultura: alguns casos de uma difícil relação. *Cadernos de Ciências Sociais*. ISSN 0871-0945 N.o 18 (1998), p. 67-105.

SOJA, Edward (2003) – Writing the city spatially. *City analysis of urban trends, culture, theory, policy, action*. Vol 9. N.o3, p. 269-280.

VON APPEN, Ralf (2007) - On the aesthetics of popular music. *Music Therapy Today*. [em linha]. Volume VIII (1) (April). 5 - 25. Disponível em: http://www.musictherapyworld.de/modules/mmmagazine/issues/20070330122710/20070330122906/MTT8_1_vonAppen.pdf. [Consult. 5 Maio 2014].

WACQUANT, Loic (2005) - Mapear o campo artístico. *Sociologia - problemas e práticas*. ISSN 0873-6529. N.º48, p.115-119.

Jornal Público – Notícias

ANDRADE, Sérgio (2008) - Criatividade é a chave da reabilitação urbana. *Público*. ISSN 0872-1556. (16 Agosto de 2008) p.46

BARCELLOS, Alice (2008) - Regresso à Baixa e Casa da Música mudam cultura urbana no Porto. *Público*. ISSN 0872-1556. (7 Agosto 2008) p.39

BARROS, João (2008) - A antiga rua dos armazéns dos tecidos é o novo centro da movida portuense. *Público*. ISSN 0872-1556. (23 Novembro 2008) p.54

BARROS, João (2009) - A ruela esquecida da Baixa que se tornou num novo centro nocturno do Porto. *Público*. ISSN 0872-1556. (22 Fevereiro 2009) p.22.

BARROS, João (2011) - O Maus Hábitos passou de experimental a indispensável em dez anos. *Público*. ISSN 0872-1556. (3 Abril 2011) p.10.

CARVALHO, Patrícia (2008) - Investidores procuram Baixa do Porto para instalar novos hotéis. *Público*. ISSN 0872-1556. (23 Março 2008) p.52

CARVALHO, Patrícia (2008) - Vigilância em vídeo para a Baixa já tem projecto. *Público*. ISSN 0872-1556. (8 Fevereiro 2008) p.48

CARVALHO, Patrícia (2011) - Intensificam-se protestos contra ruído e lixo causados pela animação nocturna no Porto. *Público*. ISSN 0872-1556. (18 Outubro 2011) p.28.

CARVALHO, Patrícia (2011) - Moradores da Baixa insistem nas queixas sobre a movida. *Público*. ISSN 0872-1556. (30 Novembro 2011) p.26.

CARVALHO, Patrícia (2012) - Afectados pela movida portuense ponderam avançar com petição popular. *Público*. ISSN 0872-1556. (29 Janeiro 2012) p.36.

CARVALHO, Patrícia (2012) - Associação de Bares do Porto declara guerra à garrafa na rua e à concorrência desleal em 2012. *Público*. ISSN 0872-1556. (12 Janeiro 2012) p.23.

CARVALHO, Patrícia (2012) - Bares da zona dos Clérigos querem ajudar a pagar conserto do relógio da torre. *Público*. ISSN 0872-1556. (7 Fevereiro 2012) p.21.

COENTRÃO, Abel (2010) - Festa na Baixa junta 113 instituições do Porto para quatro dias de animação cultural. *Público*. ISSN 0872-1556. (15 Junho 2010) p.33.

COENTRÃO, Abel (2011) - Metro está a dar boleia à vida nocturna no Porto. Público. ISSN 0872-1556. (4 Fevereiro 2011) p.28.

DUARTE, Mariana (2009) - No Plano B cabem esta noite 60 artistas. Público. ISSN 0872-1556. (20 Maio 2009) p.23.

DUARTE, Mariana (2009) - Prédio devoluto da Baixa do Porto vai ser um espaço cultural. Público. ISSN 0872-1556. (4 Julho 2009) p.28.

FARIA, Natália (2006) - Movimento cívico nasce no Porto em defesa da Baixa. Público. ISSN 0872-1556. (20 Setembro 2006) p.57.

HENRIQUES, Ana (2009) - Animação na Travessa de Cedofeita é um pesadelo para os moradores. Público. ISSN 0872-1556. (13 Setembro 2009) p.22.

HIMMEL, Rita (2011) - Limpeza na Baixa é feita "como se o Porto ainda fosse uma cidade de trabalho". Público. ISSN 0872-1556. (25 Setembro 2011) p.40.

MARMELO, Jorge (2010) - Porto - Como se reinventa a cidade. Público. ISSN 0872-1556. (14 Fevereiro 2010) p.8.

MARMELO, Jorge (2010) - Revista Time Out vai ter edição mensal dedicada à vida cultural no Grande Porto. Público. ISSN 0872-1556. (6 Janeiro 2010) p.22.

MARMELO, Jorge (2011) - Municípios afectados pela movida do Porto expulsos da reunião da Câmara. Público. ISSN 0872-1556. (29 Fevereiro 2011) p.30.

MARMELO, Jorge (2012) - Esta cidade não é só para velhos. Público. ISSN 0872-1556. (5 Março 2010) p.60.

MARTINHO, Joana (2008) - Lojas do Almada oferecem descontos. Público. ISSN 0872-1556. (28 Junho 2008) p.34

PINHEIRO, Raquel (2007) - Plano B celebra primeiro ano de reanimação na Baixa do Porto. Público. ISSN 0872-1556. (7 Dezembro 2007) p.31.

PINHEIRO, Raquel (2008) - Aniversários do Plano B, Alta Baixa e Porto Sounds (3ªedição) enchem a Baixa do Porto de música. Público. ISSN 0872-1556. (19 Dezembro 2008) p.53

RIBEIRO, Amanda (2010) - Descontos, filmes e um piano à disposição na rua do Almada. Público. ISSN 0872-1556. (3 Julho 2010) p.20.

RIOS, Pedro (2006) - Entre a mercearia e a Internet. Público. ISSN 0872-1556. (1 Dezembro 2006) p.64.

RIOS, Pedro (2006) - Mais música na Rua do Almada. Público. ISSN 0872-1556. (15 Setembro 2006) p.64.

RIOS, Pedro (2006) - Novo bar-discoteca na Baixa promete "qualidade de som sem paralelo no Porto". Público. ISSN 0872-1556. (7 Setembro 2006) p.50.

RIOS, Pedro (2007) - Onde pára a movida das noites da Ribeira do Porto. Público. ISSN 0872-1556. (25 Fevereiro 2007) p.26.

RIOS, Pedro (2008) - Animação nocturna na Baixa trouxe também o ruído. Público. ISSN 0872-1556. (1 Novembro 2008) p.26

RIOS, Pedro (2008) - Baixa do Porto é o próximo alvo da política de videovigilância. Público. ISSN 0872-1556. (28 Janeiro 2008) p.21.

RIOS, Pedro (2010) - 2010, o ano em que a "Revolução da Baixa" do Porto triunfou. Público. ISSN 0872-1556. (30 Dezembro 2010) p.18.

RIOS, Pedro (2010) - Porto - Já viu quantas cidades existem numa noite de sábado. Público. ISSN 0872-1556. (4 Abril 2010) p.8.

RIOS, Pedro (2011) - Pequena criminalidade baixou 10% nas zonas da movida. Público. ISSN 0872-1556. (14 Fevereiro 2011) p.23.

RIOS, Pedro (2012) - O Gato ainda é um autocarro quase fantasma. Público. ISSN 0872-1556. (22 Janeiro 2012) p.36.

RODRIGUES, Aníbal (2010) - A noite da Baixa é vítima do seu próprio sucesso. Público. ISSN 0872-1556. (3 Outubro 2010) p.10.

RODRIGUES, Aníbal (2012) - Donos dos bares do Porto alegam que novos horários os obrigam a fechar de vez. Público. ISSN 0872-1556. (4 Abril 2012) p.27.

RODRIGUES, Aníbal (2012) - Protestos de moradores não impedem a abertura de novos bares na Baixa do Porto. Público. ISSN 0872-1556. (9 Fevereiro 2012) p.26.

SOARES, Andreia (2006) - Se querem recuperar um edifício na Baixa do Porto, publicitem no blogue. Público. ISSN 0872-1556. (1 Outubro 2006) p.60.

Bibliografia

SOARES, Sara (2010) - Associação de Bares contra consumo de álcool na rua. Público. ISSN 0872-1556. (15 Outubro 2010) p.37.

SOBRAL, Cláudia (2010) - Um ano depois, comerciantes querem alargar horas de gravação. Público. ISSN 0872-1556. (29 Agosto 2010) p.6.

TORRES, Hugo (2007) - Há um Porto paralelo que injecta nova vida a velhos bairros. Público. ISSN 0872-1556. (18 Novembro 2007) p.24.

VIEIRA, Álvaro (2011) - Municípios alertam que a noite da Baixa está perigosa. Público. ISSN 0872-1556. (16 Novembro 2011) p.30.

Anexos

1. Notícias no Jornal Público sobre a Baixa do Porto

Notícias no Jornal Público sobre a Baixa do Porto (Título e data da publicação)

<i>Título da publicação</i>	<i>Data da publicação</i>
Movimento cívico nasce no Porto em defesa da Baixa	30/9/06
Se querem recuperar um edifício na Baixa do Porto, publicitem no blogue	1/10/06
Porto ganha espaço para tendências e músicas alternativas	2/11/06
Entre a mercearia e a Internet	1/12/06
Jovens de vários países vão animar as ruas do centro histórico	5/9/06
Novo bar-discoteca na Baixa promete "qualidade de som sem paralelo no Porto"	7/9/06
Mais música na Rua do Almada	15/9/06
Câmara do Porto vai propor redução de impostos sobre imóveis para reabilitar a Baixa	17/11/06
De ouvidos bem abertos	10/1/07
Onde pára a movida das noites da Ribeira do Porto	25/2/07
Associação de Bares do Porto declara guerra à garrafa na rua e à concorrência desleal em 2012	12/1/12
Afectados pela movida portuense ponderam avançar com petição popular	29/1/12
O Gato ainda é um autocarro quase fantasma	22/1/12
Revista Time Out vai ter edição mensal dedicada à vida cultural no Grande Porto	6/1/10
Porto - Como se reinventa a cidade	14/2/10
Esta cidade não é só para velhos	5/3/10
Porto - Já viu quantas cidades existem numa noite de sábado	4/4/10
Há um Porto paralelo que injecta nova vida a velhos bairros	18/11/07
Plano B celebra primeiro ano de reanimação na Baixa do Porto	7/12/07
Festa na Baixa junta 113 instituições do Porto para quatro dias de animação cultural	15/6/10
Baixa do Porto é o próximo alvo da política de videovigilância	28/1/08
Vigilância em vídeo para a Baixa já tem projecto	8/2/08
Investidores procuram Baixa do Porto para instalar novos hotéis	23/3/08
Lojas do Almada oferecem descontos	28/6/08
Regresso à Baixa e Casa da Música mudam cultura urbana no Porto	7/8/08
Criatividade é a chave da reabilitação urbana	16/8/08

Animação nocturna na Baixa trouxe também o ruído	1/11/08
A antiga rua dos armazéns dos tecidos é o novo centro da movida portuense	23/11/08
Aniversários do Plano B, Alta Baixa e Porto Sounds (3ªedição) enchem a Baixa do Porto de música	19/12/08
A ruela esquecida da Baixa que se tornou num novo centro nocturno do Porto	22/2/09
No Plano B cabem esta noite 60 artistas	20/5/09
Prédio devoluto da Baixa do Porto vai ser um espaço cultural	4/7/09
Animação na Travessa de Cedofeita é um pesadelo para os moradores	13/9/09
Descontos, filmes e um piano à disposição na rua do Almada	3/7/10
Um ano depois, comerciantes querem alargar horas de gravação	29/8/10
Associação de Bares contra consumo de álcool na rua	15/10/10
A noite da Baixa é vítima do seu próprio sucesso	3/10/10
2010, o ano em que a "Revolução da Baixa" do Porto triunfou	30/12/10
Metro está a dar boleia à vida nocturna no Porto	4/2/11
O Maus Hábitos passou de experimental a indispensável em dez anos	3/4/11
Limpeza na Baixa é feita "como se o Porto ainda fosse uma cidade de trabalho"	25/9/11
Intensificam-se protestos contra ruído e lixo causados pela animação nocturna no Porto	18/10/11
Moradores da Baixa insistem nas queixas sobre a movida	30/11/11
Reportagem do New York Times elogia a vida nocturna da cidade do Porto	25/11/11
Municípios alertam que a noite da Baixa está perigosa	16/11/11
Municípios afectados pela movida do Porto expulsos da reunião da Câmara	29/2/12
Pequena criminalidade baixou 10% nas zonas da movida	14/2/12
Protestos de moradores não impedem a abertura de novos bares na Baixa do Porto	9/2/12
Bares da zona dos Clérigos querem ajudar a pagar conserto do relógio da torre	7/2/12
Regulamento da movida foi aprovado, queixas dos moradores continuam	28/3/12
Bares do Porto fecham às 4h e os casos de horários alargados serão revistos	24/3/12

2. Guião da entrevista

Geral

Entrevistado(a):
Entrevistadora:
Entrevista:
Data:
Local:
Duração:
Hora de realização:

Elementos gerais de caracterização sociográfica do entrevistado(a):
Idade:
Sexo:
Profissão:
Percorso Profissional:
Escolaridade:
Percorso escolar (grau de escolaridade):
Relação com a escola:
Residência:
Projetos:

Notas:

- Ao entrevistado são apresentados os motivos e objetivos que estão na base da realização da entrevista;
- Ao entrevistado é assegurado que toda a informação recolhida apenas será utilizada no projeto a desenvolver;
- Ao entrevistado deve ser pedida toda a documentação e informação útil e possível.

Músicos e Dj's

0. O músico/DJ, os seus consumos, gostos e posições dentro do campo musical.

- Elencar os principais consumos culturais (descrição da forma como ocupa os tempos livres).

- Descrever a importância (tanto em termos quantitativos como qualitativos) da música na esfera dos consumos culturais.

1. Projeto musical e a sua ligação ao músico/DJ.

1.1 Apresentar e definir o atual projeto musical (Explicar em que consiste. Referir o(s) estilo(s) em que se enquadra. Mencionar o momento e o local em que surge. Referir os mentores e nomes inspiradores. Dar a conhecer as motivações inerentes a este aparecimento).

1.2 O projeto musical atual foi antecedido por outros?

- Se sim, quais? (A existirem projetos anteriores, estes devem ser apresentados tendo em conta as dimensões referidas em 1.1).

- Quais as razões que motivaram o abandono do(s) projeto(s) anterior(es)?

- Porquê um novo projeto?

1.3 Reconhece uma ligação entre a evolução pessoal (trajetória académica e profissional) e a evolução do projeto? Se sim, quais foram os principais momentos e marcos de viragem?

1.4 Que perspetivas futuras tem para o atual projeto?

1. Projeto musical e a sua ligação à Baixa da cidade do Porto.

2.1 Dentro da cena musical portuense, onde é que este projeto tem lugar? Quais os espaços que, com maior regularidade, o recebem?

2.2 De um ponto de vista simbólico, qual é o lugar deste projeto na cena musical portuense?

- Que contributo é que ele deixa para a cena musical portuense (novas sonoridades, afirmação identitária, assunção de algum género musical diferente)?

2.3 Como é que é a relação com esses espaços? Há interferência, da parte deles, no vosso trabalho? São coagidos ou incentivados a adotar determinada postura?

2.4 E a relação com a cena musical portuense?

- Foram notadas mudanças nesta realidade?
- Como é que o projeto reagiu e se adaptou a estas transformações?
- O projeto está, de alguma forma, ligado à requalificação urbana? E à requalificação social?
- Com a movida atual, os espaços onde atua mantêm-se?
- Que espaços são esses? Que atores estão envolvidos?
- Se não, quais terão sido as motivações para tal se ter alterado?

2.5 Elaboração de um roteiro mental da cidade em função das músicas.

2.6 Coloca a hipótese de viver na Baixa? Porquê?

2. Projeto musical com os seus públicos.

- 1.1. Quem são os públicos do projeto (caracterização sociodemográfica: sexo, idade, classe social, escolaridade, proveniência geográfica, estudantes...)?
- 1.2. De que forma é que a vivência da cidade e os novos modos de vida potenciaram a trajetória musical?
- 1.3. Acredita que o projeto existiria independentemente da movida da Baixa? Porquê?
- 1.4. Poder-se-á estabelecer uma relação entre a sustentabilidade da Baixa e a sustentabilidade do projeto ?
- 1.5. Esses públicos podem ser assumidos como públicos do projeto, ou são públicos dos espaços onde atuam?
- 1.6. Que perspetivas futuras tem para a Baixa do Porto? Que evolução se pode esperar em termos musicais? Que importância pode esta vir a tomar na realidade portuguesa.

Donos/Gestores/Programadores dos Espaços

0.Descrição do espaço (a responder pelo entrevistado).

0.1 - Descrição estética do espaço.

0.2 - Localização precisa do espaço.

1.Espaço, Projeção, funcionamento e lógica de programação.

1.1 – Que razões e objetivos estiveram na base da projeção do espaço. Data.

1.2 – De que modo se estrutura a oferta cultural do espaço em causa (quais as principais atividades que nele têm lugar/ resultam de programação própria ou são solicitações do exterior).

1.3 – Linhas de programação.

1.4 - Principais conteúdos.

1.5 - Público-alvo (há ou não, internamente, a preocupação de programar para um público específico).

1.6 – Opinião do entrevistado(a) face à importância que o espaço em causa teve na vida cultural e musical da cidade (é ou não um espaço marcante na dinâmica cultural da cidade).

2. Espaço, relações, fruição e públicos.

2.1 – O investimento estético do espaço foi ou não orientado para um estilo em particular.

2.2 – Localização do espaço na cidade (razões e relações que cria com ele e com as culturas urbanas que o permeiam).

2.3 – Relações do espaço com espaços semelhantes.

2.4 - A importância da música na estruturação do espaço (cidade).

2.5 - Tipo de públicos, proveniência geográfica, sexo, idade, estatuto social e cultural.

Estudantes/Estudantes Erasmus

1. Baixa: espaço vivido.

- 1.1.– Frequência de espaços de animação e intervenção cultural na Baixa do Porto (é um hábito/acontece pontualmente).
- 1.2. - Espaços frequentados.
- 1.3.– Razões que sustenta a frequência desses espaços.
- 1.4. - Significados atribuídos às saídas à noite.

2. Baixa: espaço habitado.

- 2.1- Peso da movida nocturna da Baixa no momento da escolha da habitação.
- 2.2 – Opinião acerca da relação que estas dinâmicas estabelecem com o espaço que lhes serve de palco.

3. Entrevistas - Análise de Conteúdo (categorias de análise)

Grelha de análise de conteúdo vertical a aplicada às entrevistas feitas a músicos e DJ's

1. Principais consumos culturais (descrição da forma como ocupa os tempos livres).
2. Importância da música na esfera dos consumos culturais (descrição em termos quantitativos e qualitativos).
3. Apresentação do projeto musical atual (em que consiste, em que estilos se enquadra, onde e quando surge, nomes e mentores inspiradores).
4. Projetos musicais antecessores (quais; que razões motivaram o seu abandono; razões que estimularam o aparecimento de um novo projeto).
5. Projeto musical (pensado numa lógica amadora ou profissional).
6. Ligação entre a evolução pessoal e a evolução do projeto.
7. Projeto musical: principais momentos e marcos de viragem.
8. Perspectivas futuras para o atual projeto.
9. Lugar do projeto na cena musical portuense (espaços que o recebem com maior regularidade).
10. Lugar do projeto na cena musical portuense (ponto de vista simbólico).
11. Contributo do projeto para a cena musical portuense (novas sonoridades, afirmação identitária, assunção de um género musical diferente).
12. Relação do projeto com os espaços.
13. Relação do projeto com a cena musical portuense (notou mudanças? Como se adaptou a elas?)
14. Roteiro mental da cidade em função das músicas
15. Hipótese de viver na Baixa (é considerada pelos músicos)
16. Públicos do projeto (caracterização sociográfica: sexo, idade, escolaridade, proveniência geográfica, estudantes).
17. Públicos do projeto ou dos espaços.
18. Relação da nova cidade com a trajetória musical.
19. Existência do projeto sustentada pela movida da Baixa.
20. Perspectivas futuras para a Baixa do Porto (evolução em termos musicais; importância na realidade portuguesa).

Grelha de análise de conteúdo vertical a aplicada às entrevistas feitas aos donos/gestores e programadores dos espaços.

1. O espaço (descrição estética).
2. Localização do espaço (razões inerentes à escolha do lugar/localização na cartografia da noite na Baixa do Porto).
3. Criação do espaço (quando, como e que motivações estiveram na base da projeção do espaço).
4. Marcos de evolução.
5. Linhas de Programação (actividades e conteúdos)
6. Redes de Cooperação/ Parcerias/ Propostas externas de programação.
7. Estratégias de divulgação.
8. Lugar da música na estruturação do espaço (estilo e tendências adoptadas).
9. Lugar do espaço na estruturação da vida cultural e musical da cidade.
10. Baixa enquanto lugar *in/moda*.
11. Significado atribuído à noite.
12. Roteiro musical pela Baixa do Porto.
13. Públicos (sexo, idade, estatuto social, proveniência geográfica).

Grelha de análise de conteúdo vertical a aplicada às entrevistas feitas a estudantes

1. Frequência de espaços de animação e intervenção cultural na Baixa do Porto.
2. Espaços frequentados.
3. Razões que sustentam a frequência desses espaços.
4. Significados atribuídos às saídas à noite.
5. Peso da movida noturna da Baixa no momento da escolha da habitação.
6. Relação entre estas dinâmicas noturnas e o espaço que lhes serve de palco.

3. Bilhete de Identidade dos entrevistados

Bilhete de Identidade dos Entrevistados

<i>Tipo de entrevista</i>	<i>Nome</i>	<i>Sexo</i>	<i>Idade</i>	<i>Profissão</i>	<i>Escolaridade</i>	<i>Local de Residência</i>
C	Bruno	Masculino	27	Estudante	Ensino Secundário (a frequentar licenciatura de História)	Porto
B	Luís	Masculino	35	Arquitecto	Licenciatura em Arquitectura	Porto
A	Miguel	Masculino	28	Engenheiro Informático	Mestrado em Engenharia Informática	Porto
A	Alexandre	Masculino	31	Marketeer	Licenciatura em Economia	Porto
B	Joca	Masculino	44	Topógrafo	Ensino Secundário	Porto
A	Filipe	Masculino	40	Músico	Licenciatura em Design Gráfico	Porto
B	António	Masculino	41	Designer/Programador	Licenciatura em Educação de Infância e Música electrónica e Produção Musical e Mestrado em Design de Som	Porto
C	Ednara	Feminino	45	Estudante	Licenciatura em Comunicação Social	Porto
C	Clarisse	Feminino	22	Estudante	Ensino Secundário (a frequentar licenciatura em Psicologia)	Porto
C	Edgar	Masculino	23	Estudante	Licenciatura em Línguas e Relações Internacionais	Porto
C	Rute	Feminino	23	Estudante	Licenciatura em Sociologia	Porto
C	Maria Luís	Feminino	22	Estudante	Licenciatura em Educação Social	Porto
A	Rafael	Masculino	27	Arquitecto	Mestrado em Arquitectura	Porto
B	Francisco	Masculino	62	Empresário	Curso Técnico Superior em Electrotecnia	Porto

C	Patrícia	Feminino	23	Estudante	Licenciatura em Arqueologia	Porto
----------	----------	----------	----	-----------	-----------------------------	-------

Legenda:

A - Entrevistas a Músicos e Dj's

B - Entrevista a Donos/Gestores e Programadores dos espaços

C - Entrevista a Estudantes (Erasmus e Deslocados)

4. Inquérito por questionário

Inquérito por questionário

Inquérito aos públicos de espaços da noite na Baixa do Porto

Porquê este inquérito?

- *Este inquérito foi desenvolvido com o objetivo de conseguir criar perfis-tipo de frequentadores de espaços da noite na Baixa do Porto. Inscreve-se no âmbito de uma Dissertação de Mestrado, em Sociologia, intitulada Som tão Porto: Pilares de formação de uma cena musical alternativa.*
- *Os fins deste inquérito são meramente académicos, está garantido o anonimato e os dados aqui recolhidos serão tratados de forma sigilosa.*

Nome do espaço: _____

Nº do inquérito: _____

1. O inquirido e o seu agregado familiar

1.1 Sexo: M____ (1); F____(2)

1.2 Idade: _____

1.3 Local de residência (concelho): _____

1.4 Qual é a sua escolaridade (último grau de ensino completo)?

1.4.1 Nenhum	(1)
1.4.2 1º Ciclo do Ensino Básico	(2)
1.4.3 2º Ciclo do Ensino Básico	(3)
1.4.4 3º Ciclo do Ensino Básico	(4)
1.4.5 Ensino Secundário ou Profissional	(5)
1.4.6 Licenciatura	(6)

1.4.7 Pós-Graduação	(7)
1.4.8 Mestrado	(8)
1.4.9 Doutorado	(9)

1.5 Exerce alguma atividade profissional remunerada? Sim ____ (1); Não ____ (2)

1.5.1 Se sim, qual (descreva-a com detalhe)? (Ex. arquiteto, médico dentista, comerciante de carros usados...)

1.5.2 Qual é a sua condição perante o trabalho?

1.5.2.1 Trabalha	(1)
1.5.2.2 Ocupa-se das tarefas do lar (nunca trabalhou)	(2)
1.5.2.3 Ocupa-se das tarefas do lar (deixou de trabalhar)	(3)
1.5.2.4 Estuda	(4)
1.5.2.5 Estuda e Trabalha	(5)
1.5.2.6 Inválido/Incapacitado	(6)
1.5.2.7 Desempregado (à procura do 1º emprego)	(7)
1.5.2.8 Desempregado (à procura de novo emprego)	(8)
1.5.2.9 Reformado	(9)
1.5.2.10 Inativo	(10)
1.5.2.11 Frequenta ações de formação profissional (já trabalhou)	(11)
1.5.2.12 Frequenta ações de formação profissional (nunca trabalhou)	(12)
1.5.2.13 Não sabe/Não responde	(999)

1.5.3 Na sua situação profissional assume-se como:

1.5.3.1 Trabalhador(a) por conta própria	(1)
1.5.3.2 Patrão(oa)	(2)
1.5.3.3 Trabalhador(a) por conta de outrem	(3)
1.5.3.4 Trabalhador familiar	(4)
1.5.3.4 Não sabe/Não responde	(999)

2. O inquirido e a sua relação com o espaço

2.1 É a primeira vez que frequenta este espaço? Sim ____ (1); Não ____ (2) (Se respondeu Não avance para a questão 2.3)

2.2 Se Sim, que razão o trouxe até cá? (Assinale apenas uma opção)

2.2.0 Não se aplica	0
2.2.1 Conhecer a noite	(1)
2.2.2 Conhecer o espaço	(2)
2.2.3 Sugestão de amigos	(3)
2.2.4 Convite dos responsáveis pelo espaço	(4)
2.2.5 Eventos musicais (concertos, DJ sessions, jam sessions)	(5)
2.2.6 Localização no seu roteiro habitual de saída à noite	(6)
2.2.7 Mera casualidade	(7)
2.2.8 Trabalho	(8)
2.2.9 Outra _____	(9)

2.3 Se frequenta este espaço com regularidade, que razão motiva a sua visita? (Assinale apenas uma opção)

2.3.0 Não se aplica	0
2.3.1 Eventos musicais (concertos, Dj sessions, jam sessions)	(1)

2.3.2 Eventos artísticos/culturais/lúdicos/carácter extra-musical	(2)
2.3.3 Convívio	(3)
2.3.4 Características físicas do espaço	(4)
2.3.5 Características dos públicos que frequentam o espaço	(5)
2.3.6 Consumos	(6)
2.3.7 Acessibilidade económica	(7)
2.3.8 Casualidade	(8)
2.3.9 Trabalho	(9)
2.3.10 Outra _____	(10)

2.4 Limitando-se à Baixa do Porto, refira o nome dos três espaços que mais frequenta.

2.5 Dos espaços referidos, qual é o seu preferido?

2.6 Que razões estão na base da sua preferência? (Assinale apenas uma opção)

2.6.1 Programação do espaço	(1)
2.6.2 Públicos que frequentam o espaço	(2)
2.6.3 Espaço in/novidade	(3)
2.6.4 Localização do espaço	(4)
2.6.5 Estética do espaço	(5)
2.6.6 Consumos (álcool e drogas)	(6)
2.6.7 Local de trabalho	(7)
2.6.8 Outra: _____	(8)

2.7 Quem o acompanha nas visitas a este espaço?

2.7.1 Amigos	(1)
2.7.2 Colegas de trabalho	(2)
2.7.3 Familiares	(3)
2.7.4 Namorado/a	(4)
2.7.5 Sozinho/a	(5)

2.8 Através de que meio tomou conhecimento deste espaço?

2.8.1 Amigos	(1)
2.8.2 Namorado/a	(2)
2.8.3 Familiares	(3)
2.8.4 Redes Sociais	(4)
2.8.5 Jornais/Revistas	(5)
2.8.6 Flyers/Posters	(6)
2.8.7 Casualidade	(7)
2.8.8 Convite de trabalho	(8)
2.8.9 Proximidade à habitação	(9)

2.9 Que estética associa a este espaço? (Assinale apenas uma opção)

2.9.1 Contemporânea	(1)
2.9.2 Retro	(2)
2.9.3 Fashion/Glamourosa	(3)
2.9.4 Industrial	(4)
2.9.5 Minimalista	(5)
2.9.6 Casual	(6)
2.9.7 Underground	(7)
2.9.8 Eclético	(8)
2.9.10 Outra: _____	(9)

3. O inquirido e os seus gostos musicais

3.1 Quais são os seus géneros musicais preferidos? (Assinale 3 opções)

3.1.1 Alternativa/Indie Rock	(1)
3.1.2 Pop/Rock	(2)
3.1.3 Hip/Hop/Rap	(3)
3.1.4 Metal/Hard	(4)
3.1.5 Punk/New Wave	(5)
3.1.6 Ska	(6)
3.1.7 Dark/Goth/Industrial	(7)
3.1.8 Electro	(8)
3.1.9 Trance	(9)
3.1.10 Techno	(10)
3.1.11 House	(11)
3.1.12 Reggae	(12)
3.1.13 Jazz	(13)
3.1.14 Blues	(14)
3.1.15 World	(15)
3.1.16 Bossa Nova	(16)
3.1.17 Soul/Funk/Disco	(17)
3.1.18 Drum'n'Bass	(18)
3.1.19 Rockabilly	(19)
3.1.20 Psicadélico/Garage	(20)
3.1.21 Clássica	(21)
3.1.22 Grime	(22)
3.1.23 Chill out	(23)
3.1.24 Eclética	(24)
3.1.25 Grunge	(25)
3.1.26 Folk	(26)
3.1.27 Música Popular Portuguesa	(27)

3.1.28 Fado	(28)
3.1.29 R&B	(29)
3.1.30 Trip Hop	(30)
3.1.31 Outro: _____	(31)

3.2 Aponte duas bandas/artistas de referência para si neste momento.

3.2.1 _____(1)

3.2.2 _____(2)

Obrigada pela colaboração!